



REVISTA

BSBMACK

Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional  
Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília

EDIÇÃO ESPECIAL

# EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE QUARENTENA



## **EXPEDIENTE**

### **Diretor Geral da Unidade Brasília**

Prof. Walter Eustáquio Ribeiro

### **Vice-Diretor Acadêmico - FPM Brasília**

Prof. Domingos Sávio Spézia

### **Assessor da Direção Geral**

Prof. Marco Antônio Del'Isola

### **Assessora Didático-Pedagógica - FPM Brasília**

Profa. Virgínia Aguiar

### **Marketing e Publicidade**

Luciana Furtado

### **Jornalista Responsável**

#### **Arte / Conteúdo / Diagramação**

Rafael Querrer Soares

### **Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional**

Infantil, Fundamental e Médio

SHIS QI 05 Chác. 74 a 79

Lago Sul, Brasília

DF, 71 600-500

[mackenzie.br/colegios/brasilia/](http://mackenzie.br/colegios/brasilia/)

(61 ) 2106 - 9000

### **Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília**

Graduação e Pós-Graduação

SGAS 906 Conj A Bloco 1

Asa Sul, Brasília

DF, 70390-060

[brasilia.mackenzie.br](http://brasilia.mackenzie.br)

[fpmb@mackenzie.br](mailto:fpmb@mackenzie.br)

(61 ) 3521 - 9300

### **Mackenzie Brasília**

Assessoria de Comunicação

[rafael.querrer@viveiros.com.br](mailto:rafael.querrer@viveiros.com.br)

(61) 3521 - 9098 / (61) 98623 - 2599

Marketing e Publicidade

[tlucianafurtado@gmail.com](mailto:tlucianafurtado@gmail.com)

(61) 3521 - 9339

COLEGIOMACKENZIEBSB



COLEGIOMACKENZIEBRASILIA



FACULDADEMACKENZIEBRASILIA



MACKENZIEBSB







# 150 anos unindo propósitos

## Mackenzie comemora sesquicentenário em 2020

Comemorar 150 anos de vida é um fato que merece destaque. Essa longevidade torna-se mais importante ainda em um país onde a maioria das instituições de ensino são muito mais jovens. A história do Mackenzie começa em 1870, quando o casal de missionários norte-americanos George e Mary Ann Chamberlain criou, na sala de sua casa, em São Paulo, uma pequena escola para poucas crianças. O tempo passou, a escola cresceu e hoje está presente em diversas unidades espalhadas pelo Brasil, levando sua missão, visão e valores a milhares de brasileiros.

“No segmento educacional, ter uma instituição que completa 150 anos é um diferencial, pois podemos vender tradição. Não no sentido de remeter ao que é velho, mas eu gosto da frase ‘tradição em inovar’”, afirma o presidente do Instituto Presbiteriano Mackenzie (IPM), José Inácio Ramos.

Ao longo da história do Mackenzie, diversos nomes importantes do meio político, empresarial, artístico e cultural frequentaram nossos campi, como alunos ou professores. “Todos que passam por aqui levam o espírito mackenzista, no qual os valores éticos, morais e cristãos são vivenciados e ministrados em sala de aula e nas demais atividades”, indica o presidente do IPM. Para ele, este é o maior legado da instituição

Durante todo o ano de 2020, diversos eventos e atividades serão realizados para comemorar os 150 anos da instituição, envolvendo toda a comunidade mackenzista, desde a Educação Básica até a Pós-Graduação. Em todas as celebrações, jamais será esquecida a confessionalidade da instituição, que é um diferencial reconhecido por todos.

“Esta confessionalidade sempre foi e sempre será caracterizada pela verdade, respeito, amor e ética cristã, acolhendo e servindo a todos, sem discriminação de qualquer natureza, conforme ensina o Senhor Jesus Cristo, a quem o Mackenzie deseja dar a maior glória no ano que completa 150 anos de existência”, diz o chanceler do Mackenzie, reverendo Robinson Granjeiro.

Atualmente, além do Colégio Presbiteriano Mackenzie (CPM), que deu o pontapé inicial nesta história, a instituição também é a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), que conta com três campi, sem contar as Faculdades Presbiterianas Mackenzie, sediadas em Brasília, Rio de Janeiro e Curitiba. O Mackenzie conta ainda com dois hospitais, e outras três unidades, em Castro, no Paraná, em Palmas, no Tocantins, e em Dourados, no Mato Grosso do Sul.



**Mackenzie**

**150** anos  
1870 - 2020

# Editorial

Professor Walter Eustáquio Ribeiro

Diretor Geral do Mackenzie - Unidade Brasília

## Caros leitores,

Que o nosso bondoso Deus continue abençoando e protegendo a vida de cada um de vocês, das suas famílias e das pessoas que amam. Estamos em um dos momentos mais delicados da história do Planeta, mas sabemos que o nosso SENHOR não nos desampara e continuará a cuidar dos nossos caminhos, nos orientar e fortalecer a cada dia. Tenhamos fé, prudência e amor pela vida do próximo. Acredito em dias melhores. A transformação provocada pelo alastramento da Covid-19 está levando a humanidade a procurar respostas, propostas, perguntas, sob a orientação do nosso bondoso DEUS. Ele nos oferece o amparo necessário para seguir adiante, com tantas perdas, e nos capacita a remodelar, juntos, o mundo em um formato mais saudável, igualitário e justo.

O processo de reformulação será enfrentado por todos os setores da sociedade em Países desenvolvidos e em desenvolvimento. A Saúde Pública, a Economia, a Política, a Segurança Pública e, particularmente, a Educação estão em etapa de franca reestruturação, ao tempo em que sofrem com os efeitos do Coronavírus. E não tem sido fácil! A cada dia surgem novos desafios, alguns nunca antes experimentados, para serem superados imediatamente. Sem trégua. É preciso pensar, planejar

e executar propostas e planos que, antes levariam semanas, meses e até anos, no curto período de 24 horas. O motivo é nobre. Trata-se da vida das pessoas.

No Mackenzie, experimentando o presente e pensando o futuro, sempre priorizando a excelência e a inovação - temos a tradição em inovar -, continuamos, todos os dias, trabalhando incessantemente para contribuir com uma formação educacional cercada de valores fundamentais aos cidadãos de bem. Responsáveis. Envolvidos com o compromisso de levar o País a outros patamares. Preparados para lidar com os desafios que surgirão no horizonte.

Nossa preocupação tem sido a de pesquisar, estudar, discutir e ao mesmo tempo persistir, não desistindo de levar o melhor do Mackenzie para todas as famílias, que confiam o seu mais precioso tesouro às nossas salas de aula, seja no Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional ou na Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília. Nós estamos em uma dura batalha contra inimigos que ainda não conhecemos totalmente, embora possamos identificar alguns reveses. E isso temos feito. O Mackenzie, seja em Brasília, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Rio de Janeiro, ou em qualquer dos nossos pólos pelo País, tem se esforçado em entender os cenários para

atuar sem deixar que a nossa comunidade, e a nossa sociedade, sofra maiores impactos com todo o contexto de crise. Sabemos que não podemos faltar e temos assumido a nossa responsabilidade institucional.

Só temos conseguido continuar essa longa luta, sem cansar ou desacreditar, por termos ao nosso lado, sob a orientação e direção do nosso glorioso Deus, equipes que sempre honraram e foram leais à camisa do Mackenzie, os heroicos professores, que tem planejado e executado operações próximas do impossível, em nome do ato amoroso de ensinar, os coordenadores, que se multiplicam em diversas tarefas, atendimentos, reuniões, aulas e a própria gestão do segmento pelo qual são responsáveis, sempre com o máximo de carinho e atenção, e, claro, os pais, mães e estudantes de todas as idades, verdadeira razão para que tudo o que fazemos faça sentido. São eles que nos dão a confiança e o ânimo. Nos abastecem com carinho, amor e atenção.

Reitero a você, caro leitor, que o nosso compromisso com os Mackenzistas é tão essencial quanto as vigas que mantém em pé as nossas estruturas físicas. Nós não abandonaremos nosso posto, não deixaremos de fazer o nosso trabalho e estaremos sempre carregando a bandeira da educação. São tem-

pos difíceis. Ensinar e aprender é cada vez mais determinante. Estamos aprendendo a melhorar. Um processo contínuo. As circunstâncias apresentadas neste novo cenário, cercado de incertezas, conflitos, situações a serem superadas, tem nos movido a buscar novas soluções. Deus, na sua infinita misericórdia, tem nos dado o discernimento necessário para encontrá-las. Além disso, poucas vezes na história da humanidade a troca oferecida no educar foi tão importante. Hoje, aprender e ensinar são essenciais no combate à Covid-19.

---

Vamos em frente. Nesta oitava edição da Revista BSBMack vocês conhecerão as reflexões dos nossos estudantes, professores, pesquisadores e coordenadores acerca da atual conjuntura, além de algumas das atividades que participamos, antes deste regime excepcional. Na seção confessional duas entrevistas sobre temas importantes merecem atenção especial. Além disso, concluímos esta edição com dicas criativas que oferecem soluções para ajudar a vencer os dias que virão.

Agradeço a todos pela confiança e por terem escolhido ler a nossa Revista.

Que o amor do nosso bondoso Deus os abrace, conforte e fortaleça. Façam uma boa leitura.



# Palavra do Capelão

Pastor Ithamar Climaco Ximenes Filho  
Capelão do Mackenzie - Unidade Brasília

O sábio Salomão, autor do livro de Eclesiastes, descreve, no capítulo três, que há tempo para todas as coisas na realidade da vida humana. Do nascimento até a morte, todo propósito de Deus se cumprirá. Ao descrever essas etapas, Salomão não nos incentiva a trabalhar a espera e a paciência apenas. Também nos revela quem determina os acontecimentos e seus propósitos. Ao nos dizer que há tempo para todo propósito, Salomão nos apresenta um Deus soberano e providente. E, por mais que não nos seja possível compreender rapidamente o propósito de Deus, podemos confiar e descansar em seu cuidado em cada etapa de nossas vidas.

À luz disto, quero aconselhá-lo a ter um olhar maduro da vida e da realidade. Primeiramente, enfrente seus medos. Se cremos que Deus tem nossas vidas em suas mãos e que Ele determinou todo o tempo da nossa existência, do nascimento à morte, podemos confiar que os dias mais difíceis, seja por uma enfermidade, desemprego ou desentendimento, são instrumentos de Deus para nosso crescimento e fortalecimento na fé. Logo, diante da aflição, prossiga confiando nas palavras que são ditas pelo Senhor: “não temas”.

Reconheça suas limitações e não desanime. Quem de nós pode controlar os acontecimentos da vida? Se fosse assim, só escolheríamos passar por momentos de prazer, não permitiríamos que a chuva atrapalhasse nossas férias nem deixaríamos que os nossos rendimentos sofressem desvalorização. A verdade é que não estamos no controle da vida, e reconhecer isso faz com que vivamos de modo humilde e responsável. A ponto de, quando formos surpreendidos pela tempestade, lembrarmos-nos das palavras ditas pelo Senhor Jesus: “Tende bom ânimo, eu venci o mundo”.

Por fim, viva a vida com alegria. Sim, sorrir, brincar e ter prazer não é pecado, por isso, aproveite cada tempo para viver com intensidade o que Deus lhe proporcionou. Construa relacionamentos saudáveis e duradouros, coma com frequência seu prato predileto, case-se com a mulher que ama, desfrute da natureza criada por Deus, comemore quando seu time vencer, louve, ore e adore ao Senhor com todo o seu fôlego. Lembre-se das palavras de Jesus: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.

# SUMÁRIO

## MACKENZIE

- 21 Tecnologia, ensino híbrido e distanciamento serão regra no retorno às atividades escolares
- 24 O protagonismo do ensino on-line na educação superior em um contexto de pandemia
- 26 O “novo normal”
- 27 Movimentando a quarentena
- 28 Venceremos!
- 29 A bibliotecas e a pandemia: um novo olhar
- 31 Educação: descobertas, louça na pia e esperança
- 36 A Pandemia, o Espírito Mackenzista e o Papel da Escola
- 40 O cronograma da mudança
- 42 Mackenzie Brasília doa Face Shields e Clamps
- 44 Mackenzie desenvolve projeto de respiradores para ajudar no combate à pandemia de coronavírus
- 45 Projeto ganha desafio Brasil Júnior

## GERAL

- 48 Pesquisadores apresentam ao governo federal possíveis cenários pós-pandemia
- 49 Flexibilização das normas trabalhistas em razão da pandemia da Covid-19
- 51 Responsabilidade criminal na sonegação tributária
- 53 A judicialização das políticas públicas durante e pós-Pandemia
- 54 Violência contra a mulher e o “novo normal”
- 56 O crescimento dos índices de violência doméstica durante a pandemia de Covid-19
- 58 Disrupção Pandêmica e o Futuro da Gestão
- 60 Direito do consumidor em tempos de coronavírus
- 62 Impactos jurídicos do Coronavírus na atividade empresarial
- 64 As fintechs e os desafios do coronavírus
- 66 Aspectos jurídicos do Lockdown
- 68 Em meio à Pandemia do COVID-19, como manter seu direito à saúde mental?
- 71 A chama acesa do coronavírus: A relação entre a pandemia de COVID-19 e a epidemia do tabagismo
- 73 A pandemia de COVID-19: Em jogo saúde pública e liberdades individuais
- 75 Voltando às empresas que operam na China

# COTIDIANO

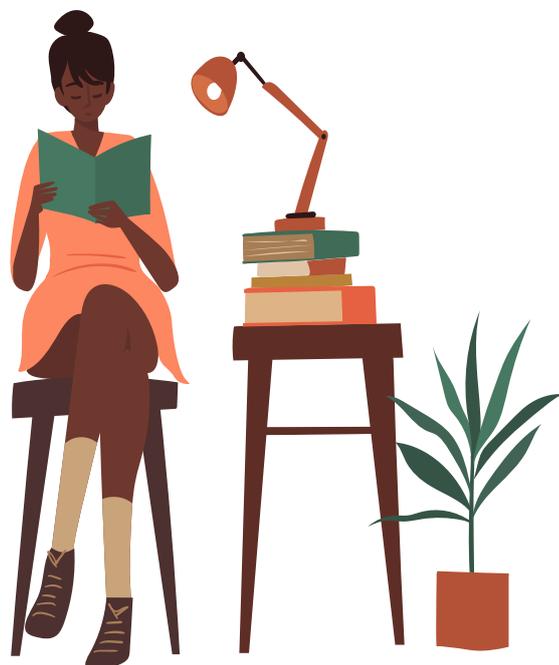
- 78 À moda da pandemia: o comportamento de A a Z de estilistas, influencers e editoriais
- 80 Sobre o Home Office
- 82 Home office em tempos de pandemia: umas poucas reflexões sociológicas
- 84 Motivos: Castigo ou Oportunidade?
- 86 A Docência no Ensino Superior - A relação professor e estudantes nativos digitais
- 88 Irmãos mackenzistas vencem em duas categorias de competição de Artes nos Estados Unidos
- 91 Mackenzie Brasília participa de etapa do projeto Ceasa na Escola - Escola na Ceasa com alunos do 6º ano
- 93 Mudança nas datas dos Jogos Olímpicos de Tóquio poderá beneficiar atletas em preparação

# CONFSSIONAL

- 98 Precisamos falar sobre suicídio
- 101 A confiança no ambiente de trabalho

# DICAS

- 106 Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília lança Mack BSB Lives no Instagram
- 107 Dicas de livros para ler durante a quarentena
- 109 Cinco receitas saudáveis para fazer na quarentena
- 112 Dicas para manter a organização financeira em meio à crise do coronavírus
- 114 Tirinhas



Se puder,

#fiqueemcasa.

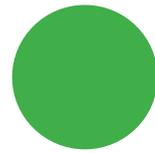
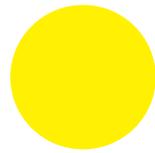
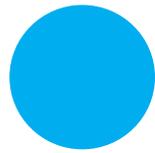


REVISTA BSBMACK 08

A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE



MACKENZIE



Diálogo  
Ideias  
Projetos

# Tecnologia, ensino híbrido e distanciamiento: o retorno às atividades escolares

Marco Antonio Del'Isola, assessor da Direção Geral do Mackenzie Brasília, conversa com a BSBMack sobre o distanciamiento, a importância dos professores e o papel da escola

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
09/06/2020

A educação sofreu impactos consideráveis com a configuração do cenário de crise, provocado pelo alastramento do novo coronavírus. As instituições de ensino não estavam preparadas para a ruptura de paradigmas acelerada e estabelecida pelo contexto de distanciamiento social. Com os portões fechados, Escolas e Faculdades passaram a trabalhar no chamado regime de excepcionalidade, abusando das ferramentas digitais para a continuidade do processo educacional. Por um lado, os professores precisaram se reinventar, transportando o ofício para um campo minado e repleto de incertezas. Do outro, os

estudantes precisaram reinterpretar as tecnologias, aferindo a elas um novo significado. Afinal, está nela, hoje, a principal porta que os levará para o próprio futuro.

Em meio a tudo isso estão os pais e responsáveis, que passaram a lidar com as novas e cotidianas dificuldades colocadas pela pandemia e a participar com mais intensidade no relacionamento entre os filhos e a escola. Neste cenário também estão os gestores da educação, que precisaram agir com urgência para solucionar problemas totalmente novos - e que antes le-



# Financiamento serão regra no após a crise do coronavírus

Mack sobre o futuro da educação, as problemáticas do contexto de pandemia e

variam meses ou anos para encontrar um ponto pacífico - em algumas horas. Todos esses *players* foram submetidos às pressões de um momento complexo para a humanidade. E poucos estavam preparados para as transformações exigidas do dia para a noite.

Para o professor Marco Antônio Del'Isola, assessor da Direção Geral da Unidade Brasília do Mackenzie, que concedeu entrevista exclusiva à Revista BSBMack, o grande vilão, para todos os setores, da Economia à Educação, foi justamente esse: A im-

previsibilidade. "Não soubemos prever o que ocorreria, embora os sinais tivessem sido dados. Já tínhamos o anúncio de uma epidemia forte, no continente asiático. Já tínhamos informações claras a partir da Organização Mundial da Saúde (OMS). O próprio governo federal brasileiro deixou aberta a possibilidade de interrupção de atividades ou lockdown, no início de fevereiro", explicou. "Esse foi o grande fato. Nós não conseguimos nos preparar", completou o docente. Para o futuro da sala de aula, o ensino híbrido será a solução, segundo o gestor. "É lógico que agora, depois de trabalharmos no ensino remoto emergencial e



no ensino remoto estruturado, nós teremos condições de trabalhar, quando a crise terminar, no ensino híbrido. Com toda certeza será mais simples para o Ensino Médio, mas a palavra de ordem será do ensino híbrido para a totalidade da educação”. Confira a entrevista completa:

**Analistas de diversos setores, entre eles o da educação, avaliam que teremos muitas mudanças, inclusive de paradigmas, para o período pós-pandemia. Quais seriam as principais mudanças, fisicamente?**

Do ponto de vista da estrutura física, eu acho que será mais valorizada a relação alunos por turma, a relação de espaços físicos oferecidos por uma instituição de ensino e o tamanho de campus. Tudo para que nós possamos praticar de uma maneira bastante conveniente o distanciamento social no transcorrer das atividades pedagógicas.

**Os professores tem se reinventado neste período de quarentena, sem diminuir a dedicação - que inclusive aumentou. Qual tem sido a importância dos professores nesse contexto?**

Os professores, com toda certeza, foram a principal peça dessa grande e complexa engrenagem. Sem eles nada aconteceria. Eles merecem todo o reconhecimento da nação. Com toda a certeza, eles aprenderam a trabalhar em um ambiente inóspito, em um ambiente desconhecido. Com falta de estrutura e sem uma capacitação. E isso é fabuloso. Eles fizeram mais do que educação à distância. Fizeram educação com muita interação. Isso vale ouro.

**O corpo diretivo também tem enfrentado as barreiras naturais impostas pelo cenário complexo. Porém, observa-se que não falta empenho em fazer tudo funcionar, com o máximo de atenção e segurança. Quais os principais desafios dos tomadores de decisão, dentro dos colégios, na visão do senhor?**

Eu vejo que, no Mackenzie, os professores tiveram todo o respaldo da equipe diretiva. E isso facilitou o caminho para eles,

como toda a certeza. A equipe diretiva não ficou na inércia. Ela procurou fomentar e facilitar o trabalho para os docentes. O grande desafio para todos aqueles que são tomadores de decisão é decidir na urgência e agir na incerteza.

**O que esse momento significa para a vida estudantil dos alunos que o estão enfrentando? É um aprendizado diferente, novo, que a própria história da humanidade está oferecendo? Ou apenas um prejuízo inesperado, que deverá ser recuperado em algum momento, necessariamente?**

Nós teremos condições de avaliar, de fato, alunos que não conseguiram caminhar, fazer um bom percurso de aprendizagem, nesse período, quando retomarmos as atividades presenciais. Será de imensa importância uma avaliação de sondagem diagnóstica muito bem estruturada. Primeiro no âmbito geral, global, de forma censitária, e depois de forma individualizada, para que todos consigam suprir aquilo que tenha sido trabalhado, do ponto de vista das habilidades requeridas, no período de atividades remotas.

Em outras palavras: Ninguém pode ficar pra trás. Isso é um compromisso do Mackenzie. Todos caminhando, todos aprendendo e todos prosseguindo seus processos de escolaridade. Os professores com eles e nós fazendo o meio de campo para que o professor tenha as condições possíveis para viabilizar, ainda que com carga excessiva, essa grande e tão decantada qualidade da educação mackenzista.

**As tecnologias comunicação e informação, incluindo ferramentas de conferência, lives, redes sociais, aplicativos de colaboração, já fazem parte da vida de boa parte dos estudantes. Serão fundamentais a partir de agora na vida dos Colégios também? Como?**

As tecnologias digitais de comunicação e informação passam a pertencer ao espaço das instituições educacionais. Com toda a certeza, nenhuma instituição poderá abrir mão de ter no seu escopo de possibilidades as tecnologias digitais da comunicação

e da informação. E isso deve permear os currículos de ensino médio, principalmente.

**Como a confessionalidade pode ajudar as famílias, os professores, os funcionários e as direções a enfrentarem esse momento?**

A confessionalidade é a linha mestra. Nós, enquanto instituição confessional presbiteriana, sabemos que a nossa obra não nos pertence. Ela é do Criador. Um Deus que permanece no comando. Então, nesse sentido, é muito fácil nós trabalharmos com a maior dedicação possível, sempre com o maior compromisso possível. Sabendo que o Senhor criador estará sempre a nos apoiar. Na medida em que toda a comunidade educativa tenha essa crença, tudo fica muito facilitado.

**Quais métodos preventivos podem ser imaginados para os próximos anos, imaginando uma repetição desse cenário? Há como estar preparado para tudo isso?**

Nosso sistema educacional deveria ter, na verdade, uma chave. Hoje, eu ligo o espaço presencial, amanhã eu viro a chave e ligo o espaço remoto. E o professor terá feito um planejamento de ensino híbrido envolvendo os dois âmbitos. O aluno estará em condições de trabalhar operando, no sentido da aquisição da aprendizagem, também nos dois espaços, o não presencial e o presencial.

**Precisaremos de mudanças legais e definitivas em relação à educação, para adequar as novidades utilizadas nesse período e também para proteger as instituições de ensino e as famílias dessa situação, no futuro?**

Eu acredito que depois que nós voltarmos às atividades presenciais, na medida em que nós aprendermos a transitar no novo normal, tão falado e que será distante do normal anterior, a sociedade, como um todo, exigirá uma nova normatização, uma nova legislação para a educação nacional. Então, eu vejo que, em um espaço de tempo relativamente curto, haverá uma revisão e uma adequação à Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional, no sentido de prover uma facilitação às instituições educacionais que queiram estruturar seus currículos em dois momentos, como eu disse anteriormente. O liga e desliga da chave. O momento presencial e não presencial.

**Qual o papel da educação no enfrentamento ao coronavírus, à quarentena e às demais problemáticas surgidas junto à circunstância?**

O papel da educação, mais do que nunca, agora, é trabalhar, com ênfase, outros aspectos além dos cognitivos. Nós temos, hoje, uma base nacional comum curricular que trabalha em dez competências gerais. Das dez, as quatro primeiras se referem ao espaço do domínio cognitivo. A quinta competência geral é a chamada cultura digital. Acho que, mais do que nunca, os estudantes da contemporaneidade precisam aprender a fazer o bom uso dos meios de tecnologia da informação e comunicação. Pra isso, nada como o professor trilhar esses caminhos. As outras competências, da sexta à décima, estão no campo do domínio socioemocional. Aquele que trabalhar em grupo, ser resiliente, saber ouvir o outro, respeitar o próximo e assim por diante, terá aprendido algo mais importante do que resolver uma situação problema em matemática ou física, por exemplo.

**Para o senhor, o que é mais caro e mais importante para a educação agora, enquanto passamos por tudo isso?**

**Por quê?**

Nós vivemos em um mundo extremamente conturbado. Temos um excesso de informações que nos deixam descrentes. A priori, você acaba desacreditado de tudo ou não acreditando em nada. O mais importante para a educação, nesse momento, é balizar e atingir um ponto de equilíbrio.

Há limite para tudo nessa vida. Uma pandemia não pode ser motivo para manipulação entre pessoas. Uma pandemia não pode representar a instalação de um pleito eleitoral antecipado. Uma pandemia não pode significar que aspectos menores sobrepõem ao grande valor que é o valor da vida humana.

# O protagonismo do ensino on-line na educação superior em um contexto de pandemia

Professora **Virgínia Motta Aguiar**

Mestre em Ciências da Sociedade e Doutora em Engenharia de Produção  
Assessora Didática Pedagógica da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília  
26/05/2020

O ensino on-line foi a alternativa encontrada durante o período da pandemia da COVID-19 para que as Instituições de Ensino Superior – IES continuassem cumprindo o conteúdo curricular programado para o presente semestre letivo. Todas as IES do país suspenderam suas aulas presenciais, transformando-as em aulas remotas, utilizando recursos digitais de ensino e aprendizagem, que logo conquistaram o devido protagonismo pela sua importância em um contexto de grandes restrições, por que não dizer, de impedimento quanto à utilização do ensino presencial por conta da pandemia.

Ao assumir o protagonismo, o ensino remoto estimula a aprendizagem de forma diferente, representando, para muitos, uma nova experiência no processo de ensino e aprendizagem, impondo atividades educacionais até então impensáveis para muitos docentes e alunos. Com novos recursos tecnológicos como videoaulas, materiais de leitura, jogos virtuais, apresentações, lives e outros, abriu-se um novo leque de possibilidades no processo educacional, reduzindo o distanciamento temporário entre docentes e discentes.

Nesse contexto de desafios, os professores têm tido papel relevante, procurando se adaptar a essa nova realidade, estimulando a aprendizagem, buscando diversificar cada vez mais suas atividades e, ainda, dando suporte remoto aos seus alunos. Mesmo com as limitações técnicas de muitas IES, e as inerentes

dificuldades para muitos docentes, o ensino on-line se tornou imperativo em um cenário de distanciamento social e fechamento provisório de Escolas e Instituições de Ensino Superior públicas e privadas no país.

A grande maioria das IES, sobretudo do setor privado, está se adaptando de forma surpreendente à nova realidade de ensino online, em um momento que exige respostas ágeis e inéditas. É o caso da Faculdade Presbiteriana Mackenzie - Brasília, e de muitas outras IES, principalmente do setor privado, que já valorizavam a educação a distância e, portanto, já acumulavam experiências nessa modalidade de ensino. Por outro lado, há de se considerar que os desafios para muitos docentes não se resumem apenas aos aspectos de ordem tecnológica, pelo fato de terem que aprender a adaptar suas aulas presenciais para a modalidade remota. O problema da adaptação do professor vai bem além das dificuldades tecnológicas enfrentadas o que, por si só, não é nada trivial.

Adicionalmente, além da consciência de que precisa aprender novos conhecimentos tecnológicos, o maior desafio para o professor é de ordem atitudinal, pois exige uma postura criativa de trabalho em cooperação com outros colegas, e de maior compreensão da necessidade de mudança de postura do aluno, acostumado a uma certa passividade no ensino presencial. A metodologia de ensino on-line exige, portanto, uma maior

atenção para com o discente que estará diante de um novo modelo de aprendizagem que exige do mesmo maior disciplina, empenho e pró-atividade para que haja o aproveitamento esperado. No novo modelo, é exigido um maior protagonismo do aluno se comparado com o observado no processo de aprendizagem presencial. Soma-se a isso o fato de que, para muitos, haverá desigualdades de condições, com internet limitada e dificuldades inerentes ao perfil de muitos alunos quanto à necessidade de tutela permanente na realização dos trabalhos acadêmicos.

Mas, quais seriam outros grandes desafios da educação superior frente a um contexto de crise? Como o ensino remoto, que se torna protagonista em um período de pandemia, impactará o nosso futuro?

Mesmo finda a pandemia, ao ser retomado o processo de ensino e aprendizagem presencial, muito haveremos de ter aprendido quanto a importância do ensino on-line, como complementar ao

presencial pela utilização de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação. Contudo, os novos desafios a serem enfrentados passam pela necessidade de um profundo planejamento das IES, públicas e privadas, quanto ao desenvolvimento de estratégias de motivação dos alunos para o ensino remoto, diversificando as experiências de aprendizagem, quanto ao fazer diferente, à reinvenção do papel da sala de aula e ao diálogo professor e aluno.

Igualmente, se fará necessária a implementação de ações específicas que motivem o corpo docente, quando do retorno à normalidade, para a devida continuidade do uso do ensino on-line. Destaca-se, a adoção institucional de novas plataformas de ensino, de pacotes para o acesso a internet e a ampliação da segurança digital. Assim, a implantação das condições adequadas deve ser buscada não só para que se ofereça um

serviço remoto de qualidade, mas que produza a necessária motivação para os novos desafios. A capacitação docente, por outro lado, deve ser uma constante, com iniciativas de formação continuada dirigida às necessidades, com treinamentos relacionados ao uso dos recursos tecnológicos e de novas metodologias no processo de ensino-aprendizagem com foco no ensino remoto.

Adicionalmente, novas políticas públicas, normatizações e regulamentações, devem ser levadas em consideração que contribuam para a devida valorização do ensino on-line como auxiliar ao ensino presencial, caracterizando um novo processo de ensino e aprendizagem híbrido, em substituição ao ensino tradicional. O planejamento do retorno às aulas deve ser com um olhar para o futuro quanto à preparação para os impactos

inevitáveis e às mudanças no processo de ensino e aprendizagem nos cursos presenciais. Não deverá ser restrito ao pensar constante quanto ao conteúdo, mas se estender para além deste. Ganham espaço os aspectos

**Os desafios para muitos docentes não se resumem apenas aos aspectos de ordem tecnológica, pelo fato de terem que aprender a adaptar suas aulas presenciais para a modalidade remota. O problema da adaptação do professor vai bem além das dificuldades tecnológicas enfrentadas o que, por si só, não é nada trivial.**

metodológicos quanto ao uso de recursos de tecnologia de informação e comunicação e, assim, desenvolver-se competências, ensinar habilidades, estimular a cooperação e buscar agregar, cada vez mais, valor ao aprendizado com conteúdo interativo.

Para tanto, devem ser consideradas as especificidades de cada IES, especialmente a diversidade de currículos existentes no país. Além disso, deve ser enfrentada a cultura, muitas vezes cristalizada, de reação às mudanças quanto à organização didático-pedagógica e a dinâmica da integralização curricular dos cursos. Portanto, estamos vivendo um contexto que ficará para a história, e é preciso muita determinação, perseverança, abertura ao novo, resiliência, reflexão, observação, aprendizagem e muita paciência para superar esses grandes desafios.

# O “novo normal”

Professor Ênio César de Moraes Fontes

Coordenador de Educação Básica

9º Ano e Ensino Médio

18/05/2020

“Não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas.” Nunca esse pensamento de Albert Einstein fez tanto sentido como agora, quando todo o mundo — sem hipérboles! — encara um dos maiores desafios da História: a pandemia da Covid-19. No Brasil, particularmente, talvez tenhamos uma situação ainda mais incômoda, visto que crescemos em uma sociedade que valoriza exacerbadamente as respostas. Não é à toa que “professor bom” é (para muitos, felizmente já não é mais) aquele que “sabe tudo”, isto é, que tem respostas para todas as perguntas.

Lembro-me bem da primeira vez em que, no início da carreira, pelo fato de não ter a resposta para determinado questionamento de um estudante, combinei com ele que a buscaria e apresentaria na aula seguinte. Confesso que fiquei preocupado com a imagem que poderia passar... Felizmente, não houve repercussão negativa, mesmo porque, conforme combinado, levei a resposta oportunamente. E assim o fiz toda vez que não tinha a segurança necessária para responder.

Não defendo, com isso, obviamente, que professor não precise ter conhecimento, sobretudo da sua área: a questão não está no conteúdo, mas sim na forma. É que o foco unicamente nas respostas (quase

sempre prontas) a questões conhecidas, em grande medida, tira do aprendiz o gosto pelo descobrir. Portanto, não se trata da defesa de um relativismo absoluto: os conhecimentos consolidados ao longo dos séculos têm de ser compartilhados e assimilados; precisamos, todavia, ir além disso...

É o que a professora Vida nos ensina neste momento de crise, sem muita didática e com um rigor excessivo, é verdade. De repente, o famoso verso drummondiano — uma pergunta! — toma forma de crise mundial sem precedentes e ecoa em nossas mentes: “E agora, José?”. E, com afinco, mobilizamos todo o nosso repertório (conhecimentos, competências, habilidades, vivências, valores) em busca de respostas, para que as coisas voltem ao “normal”. Um padrão que já não existe e que não voltará jamais!

A pandemia trará prejuízos? Sem dúvida. Muitos já se fazem notar. Mas, de igual modo, propiciará significativas oportunidades de crescimento, especialmente na área educacional, para aprendermos a lidar com o “novo normal”. Uma lição já temos estabelecida: precisamos estar sempre abertos a aprender.



# Movimentando a quarentena

Professor Adailton Scander Sant'Anna  
 Coordenador de Esportes  
 Educação Física  
 13/05/2020



O surgimento de uma nova variedade de Coronavírus capaz de infectar os humanos mudou completamente a rotina de todos nós nestes últimos dias ou meses. Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a situação de pandemia, uma das recomendações de prevenção foi destacada: a importância da prática dos exercícios físicos na quarentena.

Desde o momento em que nos demos conta da situação, inúmeras dúvidas surgiram. Algumas delas relacionadas aos exercícios físicos na quarentena. Como manter uma rotina? Como saber quais exercícios praticar? É mesmo necessário praticar exercícios físicos na quarentena?

A prática regular de exercícios físicos está associada a uma melhora da função imunológica nas pessoas. Praticar exercício físico de intensidade moderada promove significativas melhoras imunológicas, além de ajudar a reduzir marcadores inflamatórios. Outro benefício de fazer atividade física regularmente é a redução do quadro de ansiedade e estresse, principalmente com as preocupações causadas por essa pandemia.

Com certeza, em algum momento de sua rotina diária, você já sentiu seu corpo cansado, como se precisasse de uma dose a mais de energia para funcionar? Mesmo que não tenha feito nenhum esforço físico, seus músculos pareceram cansados. Isso acontece porque até mesmo o sedentarismo e as posições que fazemos diariamente (muito tempo sentado, deitado no sofá, por exemplo) são cansativas. O nosso organismo pede por algum tipo de movimento. Esse pedido, na verdade, deve estar vindo do cérebro para que você reequilibre a produção de serotonina, dopamina e endorfina (hormônios do bem-estar).

A atividade física é poderosa nesse quesito. A atividade física, para a saúde mental, torna-se, então, um desejo do próprio organismo para aliviar o mau humor, a indisposição e o mal-estar. Diferentemente do exercício físico, a atividade física é caracterizada por qualquer movimento corporal que fazemos. Os simples atos de sentar, levantar, andar, subir escadas, carregar objetos já nos ajudam nessa tarefa.

Diante de tudo isso, já num primeiro momento, a preocupação maior era saber como nossos alunos iriam reagir a esse contato on-line. Então, dentro do planejamento, o começo foi de acolher, escutar e passar boas coisas para dar a eles certo conforto. Esse era o maior objetivo. Envolver a família nas atividades também esteve dentro do planejado. Hoje, quando vamos entrar ao vivo, a alegria dos professores e dos estudantes é contagiante (no melhor dos sentidos). As experiências relatadas pelos professores, em relação ao contato diário de forma virtual com os estudantes têm surpreendido a todos. E cabe ressaltar a profunda dedicação — e, por que não dizer, superação — por parte dos docentes. Por mais expertise que alguns já tinham, essa mudança radical na forma de passar as experiências, os ensinamentos e aprendizagem não foi fácil num primeiro momento.

Neste mundo globalizado, os sentimentos de compartilhar, de ajudar, de solidarizar foram resgatados, pois muitos desses estavam esquecidos lá no fundo do coração. Na crise, muitas coisas boas aparecem e, se percebermos a tempo, nossa e outras vidas crescerão de uma forma muito melhor do que antes. Aproveitem para praticar exercícios físicos, se possível em família; senão, sozinhos mesmo, mas vamos nos movimentar e não deixar que esse vírus nos incomode. Fiquem com Deus!



# Venceremos!

**Cristiane Silva**

Orientadora Pedagógica da Educação Infantil  
19/05/2020

A quarentena imposta pela pandemia da Covid-19 trouxe ricas oportunidades para que repensássemos nossas práticas pedagógicas e nossa atuação como educadores. Sem dúvida, foi e continua sendo uma oportunidade para rever conceitos e metodologias.

Nossa equipe de professores precisou se reinventar e foi desafiada a sair da zona de conforto, a fim de tornar o processo de ensino e aprendizagem o mais lúdico possível. As aulas, antes presenciais, passaram a ser desenvolvidas em ambiente totalmente digital, sem que isso comprometesse a excelência e a qualidade próprias do Sistema Mackenzie de Ensino. Criatividade e dedicação certamente são duas palavras que traduzem com precisão o resultado dos conteúdos disponibilizados diariamente aos alunos. Quartos, salas de estar e os mais variados tipos de ambientes foram transformados em encantadoras “salas de aulas”.

É preciso admitir que os desafios iniciais pareceriam obstáculos intransponíveis e muitas perguntas que fazíamos a nós mesmos, ecoavam sem respostas. No entanto, graças ao esforço, empenho, coragem e resiliência de toda a equipe, temos avan-

çado na certeza de que sairemos melhores, tanto como pessoas como profissionais.

Nossa atenção também tem se estendido às famílias. Nos solidarizamos com suas ansiedades, dúvidas e temores quanto aos impactos desse tempo no processo de aprendizagem das crianças. Contudo, temos reforçado nosso compromisso em levar cada um dos nossos alunos a completar as fases de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, pertinentes às suas respectivas faixas etárias, sempre com muito carinho e amor pelos nossos pequeninos. Nesse sentido, temos empreendido um contínuo esforço para estreitar nossa parceria com cada família, sempre nos colocando à disposição para entender suas necessidades e, assim, construirmos soluções que atendam suas expectativas e acalme seus corações.

O momento é desafiador, com certeza. Mas cremos que nosso Deus está no controle de todas as coisas. Muito em breve, esta pandemia será passado e, ao olharmos para trás, será possível perceber o quanto fomos capazes de crescer. Nunca é demais lembrar que verdadeiros marinheiros são forjados sob fortes tempestades e mares bravios.

# A bibliotecas e a pandemia: um novo olhar

Ariadne Armani Tobias

Bibliotecária da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília  
26/05/2020

O mundo foi surpreendido ao ter que encarar que um só vírus (coronavírus SARS-CoV-2 ) traria tantas mudanças. Estamos sendo sacudidos pelo fato de que não estávamos preparados para encarar uma placa de PARE que o mundo foi imposto e que tem transformado tudo que conhecemos até então. A pandemia instaurada pela COVID 19 trouxe, em um curtíssimo período, não só restrições, mas uma total e inédita forma de nos relacionarmos e paradigmas estão sendo abalados por todo o mundo.

É sabido que uma das formas de conter o avanço do vírus é o distanciamento/isolamento social. Em algumas partes do mundo essa ação tem sido mais rígida e prolongada. Certos países já afrouxaram essa medida temendo uma eminente e catastrófica “pandemia na economia”. Fato é que não há ações que nos tragam certezas e muitas vezes nos vemos administrando o caos em meio a tantas variáveis. Dentro deste cenário não só as relações interpessoais precisaram ser revistas, mas também, as relações de trabalho.

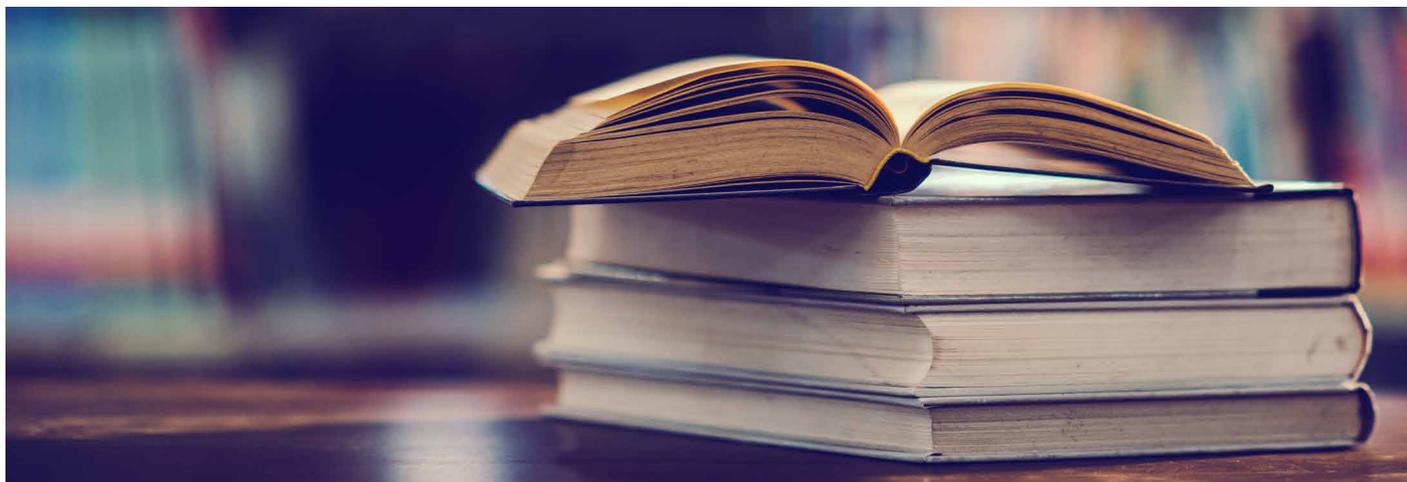
Governos e empresas têm adotado medidas com o objetivo de zelar pela saúde pública e continuidade dos serviços prestados muito embora observa-se um alarmante cenário de demissões, fechamento de empreendimentos e empresas. Por outro lado, setores que estão se reinventando e conseguem contratações de novos empregados e ampliação dos seus serviços antes não vistos como necessários. É o caso do ramo alimentício e seus deliverys e take outs.

Outra forma de prestação de serviços que foi adotada amplamente, nesses tempos de pandemia, é o chamado homescho-

oling – a educação domiciliar. Dentro desta proposta, alunos e professores conectam-se eletronicamente para cumprir seus calendários escolares e proporcionar a continuidade da educação e ensino. Nessa área, alguns serviços foram afetados de igual modo. É o caso das bibliotecas. Instituições bibliotecárias por todo o Brasil (e mundo) têm adotado medidas de serviços continuados para seu público, preservando assim o cumprimento do seu papel de disseminadora de conhecimento. Nos deparamos com diferentes tipos de situações em que as bibliotecas estão inseridas. Há aquelas que não foram totalmente fechadas, a exemplo de algumas universitárias e institucionais e outras com seu fechamento total, como bibliotecas públicas e escolares. Nem todas adotam a mesma ação já que os governos têm legislado de formas diferentes.

No site da IFLA (Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias) estão reunidas informações de bibliotecas do mundo com orientações para o cenário atual. As dicas da IFLA são de caráter colaborativo e as informações e recursos são atualizados periodicamente.

Bibliotecas universitárias tem usado suas redes sociais e plataformas digitais para promover cursos de curta duração, lives e atendimento virtual com uso de ferramentas online. O uso de sistemas como empréstimo de livros por drive thru, onde o aluno dentro do seu carro é atendido por funcionários da biblioteca, e devolvem e alugam obras para continuação dos seus estudos. Bibliotecas que não possuem seus acervos eletrônicos ou que não fazem uso da diversidade de bases e bancos de dados assinados, optam por esse tipo de serviço. Há também bibliotecas que agendam seus empréstimos com data e hora



marcada para que não haja aglomeração de usuários. Tudo para que o mínimo de contato e facilidade no atendimento sejam oferecidos. Contações de histórias virtuais também ganham espaço, principalmente nos ambientes das bibliotecas escolares onde, a depender da faixa etária, este serviço é de extrema importância para alunos que aprendem de forma lúdica e não presencial.

A Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU) divulgou em suas redes sociais postagens contendo fontes de informação sobre o Coronavírus e informa que foram liberados, temporariamente, serviços com informações internacionais. O site da CBBU também divulga que editores internacionais, por meio de contratos com instituições governamentais, liberaram seus conteúdos enquanto durar a pandemia. Há, no entanto, bibliotecas que já ofereciam serviços online tais como: e-books, livros digitalizados, áudio livros, assinaturas de base de dados, acessos gratuitos e pagos a banco de dados científicos, chats de atendimento, transcrição de documentos, podcasts, eventos e cursos via webinar, clube do livro, e seus acervos e conteúdos já eram de acesso eletrônico restrito ou público.

É bem verdade que os profissionais que trabalham nestas instituições podem agora sentir, na pele, a facilidade ou a dificuldade em lidar com mais recursos de atendimento virtual que infelizmente não é a realidade de todo o País. Alguns Conselhos Federais e Associações de Bibliotecários tem se mobilizado para auxiliar os profissionais nesta época de pandemia. É o caso da Associação dos Bibliotecários e Profissionais da

Ciência da Informação do Distrito Federal – ABDF e da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB que disponibilizaram uma biblioteca virtual colaborativa que reúne informações de fontes seguras e confiáveis sobre a COVID 19 e possibilitam um serviço unificado de disseminação de informações em meio a incontáveis fontes por muitas vezes rodeada de falsas notícias (fake news) que é outro problema enfrentado pela comunidade acadêmica.

Por fim, ainda não podemos calcular o impacto de todas estas ações. Se são realmente efetivas ou não, e se vão perdurar. O mundo pós-pandemia ainda é um vislumbre de um planejamento a longo prazo onde teremos que nos reinventar frente às novas realidades que vão surgir, mas o propósito de levar a informação e o conhecimento, sempre fará parte não só da missão das bibliotecas, como seu futuro dependerá disso.

- INSTITUTO Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Brasil. Disponível em: <<http://www.ibict.br>>. Acesso em: 24 maio. 2020.

CONSELHO Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo - 8ª Região. São Paulo.c2020. Disponível em: <<http://www.crb8.org.br>>. Acesso em: 24 maio. 2020.

ASSOCIAÇÃO dos Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação do Distrito Federal.Brasília. Disponível em <<http://www.abdf.org.br>>. Acesso em: 24 maio. 2020.

# Educação: descobertas, louça na pia e esperança

**Darli Nuza**

Doutora em Artes Visuais

Professora de Artes Visuais no Instituto Presbiteriano Mackenzie

Tem aquele professor que era youtuber. Tem aquele pai que descobriu o real comportamento do filho. Tem o filho que descobriu o quanto é árduo o trabalho dos pais. Tem casa virando escritório. Tem mãe virando professora. Tem professora que virou mãe. Tem o aluno que pediu socorro para entender o conteúdo. Tem professora que chorou na frente da tela. Tem aluno que tocou na tela desejando tocar o professor. Tem escola vazia e sala virtual cheia. Tem quem descobriu que educação não salva. Tem oração. Tem criança sorrindo e alegrando o dia. Tem lágrimas de adultos com medo. Tem preocupação com a internet. Tem vontade de conectar os afetos e abraços, de fato. Tem abraço longo (virtual). Mas já não era assim?

Talvez ou não? Tem muito, mas muito professor que não era youtuber. Tem professores que formam youtubers. Tinha pai que ora fugia, ora não sabia como realmente seu filho se comportava. Tinha também filho que, em meio a correria não sabia quase nada sobre o trabalho árduo dos pais. Tinha casa vazia, porque a escola e o escritório estavam cheios e, agora, tornaram-se um dentro do lar. Tinham também os pais que, com tantas tarefas, não faziam ideia de quão laborioso é ensinar.

E claro, aquela professora que dava sua energia para seus 30 alunos – no mínimo - e desejava não cochilar enquanto ouvia seus filhos em casa: essa voltou a ser mãe integral e continua a ser professora. Tinha aquele aluno que, quando pedia pra tirar dúvidas, ouvia que no outro dia iria encontrar com a professora e as dúvidas do conteúdo seriam sanadas na escola. E sim: era só perguntar e a tendência é que tudo se resolvia. Mas chegou um decreto emergencial e o “outro dia não veio”.

Tinha professora que chorava quando lia as cartinhas de seu aluno e via seu crescimento. Tinha aluno que tocava, abraçava, pegava no cabelo e dava cheiro na professora. Tinha escola cheia e salas virtuais quase vazias. Tinha recreio com aglomerações. Tinha gente querendo melhorias e esperando que a educação salvasse o mundo. Tinha gente com esperança que isso fosse uma verdade. Tinha oração. Tinha criança sorrindo. Tinha lágrima de adultos com medo de diversas questões econômico-político-sociais. Tinha despreocupação com a internet. Celular na mão o máximo de tempo possível, inclusive à mesa na hora do almoço. Tínhamos conexões: diversas, rápidas, naturais, longas. Nada que um “depois te mando mensagem” não resolvesse. Tinha abraços e “emoticons”: virtuais e presenciais. Tinha “tanto trem”. Mas, “tai”: andávamos velozes demais, não? Talvez nem percebíamos mais que o “depois te ligo” não vinha. Que aquela tão desejada conversa com a professora precisava acontecer. Não percebemos, muitas vezes, os pedidos silenciosos das crianças: me deixe ficar dentro de seu abraço e não troque nosso tempo por tablet ou celular. Em meio a correria, terceirizaram a educação, o afeto e o cuidado para a TV, o tablet e outros. “Nossa, dê a volta! Esquecemos fulano na escola”. Tantas coisas que passavam quase imperceptíveis, mas, estavam lá, moldando nossas rotinas e contribuindo para nossas (de)formações.

Ajustes? Tínhamos muitos para fazer, óbvio. Faremos?

Uma das coisas que mais ouvíamos era “estou na correria” ou “fiquei sem tempo”. Já fui dona dessas falas por diversas vezes. Neste momento, do tempo não se pode reclamar. Ele pausou.



Parou para escola e para o lar. Pausou para muitas áreas. Acuados, pausamos para diversas coisas e demos play na louça. Quase unânime lavar louças todos os dias. É o que ouço de muita gente. Para mim é um eterno gastar-se. Faz e terá que fazer novamente. Todos os dias lá estão as louças. É que nem educação: gastar-se, servir. Mas é gastar-se em conjunto. É servir ao outro. É bucha e detergente, juntos para fazer uma panela brilhar. É água caindo e levando a sujeira. É disciplina, correção

de rotas, apontamento de caminho. É separar talher, plásticos e vidros. É pensar condutas, ações e métodos. É troca de experiência. É perguntar para o outro qual melhor forma para tirar o queimado da panela. É recomeçar.

Fazíamos muitas coisas, muitas delas estão suspensas que nem colher pendurada na cozinha. Mas, outras desceram para valorização: as relações intencionais, afetos, reflexões e tem



po para gastar-se, servir. Se estamos lavando mais louças em nossas pias, deveras que almoços e jantas estão também a todo vapor. Deveras também que estamos sentando a mesa e comendo mais devagar, afinal, para onde iremos depois? As louças estão lá porque as crianças estão indo à cozinha e agora sabem onde ficam os temperos. Cozinham juntos. Descascam a fruta, o legume. Aprendem. Desenvolvem a coordenação motora. Saboreiam, degustam e usam com afinco os sentidos,

reconhecendo as texturas. Há comida na dispensa e na mesa para este processo e as louças são o resultado desse trajeto diário de gastar-se, servir.

As louças estão lá. Que o tempo destinado a elas nos dê também boas reflexões sobre o recomeço que logo retomará. Sim! Esperança. Espero que voltemos mais sensíveis a caminhar com o outro, gastar-se. Não deixar a conversa com a professora de lado, por exemplo. Caminhar em parceria com a escola e o ensino e não terceirizar a educação das crianças. Seremos mais intencionais ao encucar valores. Abraçar enquanto podemos. Abraçar o pedido de atenção do aluno. Abraçar a pausa para descanso e conversa em família. Atentar-se ao silêncio. Valorizar o ensino de forma a contribuir e não a idolatrar. São diversos pontos que podemos rever. Porém, não precisa esperar a volta do “novo normal”. Podemos começar a lavar a louça agora. Partilhar esse serviço agora. Experienciar a cozinha, juntos, agora. Enquanto fazemos isso, aprendemos e servimos. Como uma professora de Artes, tenho esperança de rever meus alunos e que eles me contem sobre seus desenhos livres e a firmeza da mão ao cortar as frutas. Sobre o desenho e as cores da comida no prato. Sobre a receita que deu errado, mas que tentaram novamente. Sobre o que deu certo de primeira. Sobre as texturas e sabores e suas conexões com as cores, linhas e pontos. Iremos olhar nos olhos, sentar para comer e conversar sobre o que fizeram na cozinha e quem lavou a louça no final.

Esperança. Esperança de que voltemos bem. Claro, não escondamos a vontade de que a louça diminua aos poucos. Porém, não porque paramos de usar a cozinha, mas porque aprendemos a nos organizar melhor, partilhar demandas, exercitar papéis, gastar-se e servir. Porque fomos juntos à pia e fizemos desse momento, contentamento.

ESTAMOS

APRENDENDO,  
EDUCANDO,  
FAZENDO,  
PARTICIPANDO,  
TRABALHANDO.



# MACKENZIE



# A Pandemia, o Espírito Mackenzista e o Papel da Escola

**Professora Marianna Brandão**

Mestranda em Ensino de Ciências

Professora de Química

Responsável pelo Stemack

02/06/2020

O ano de 2020 está sendo marcado por uma série de fenômenos inesperados e, com certeza, se apresentam como grandes desafios para a humanidade do século XXI. Elencar as necessidades sociais, econômicas, culturais, sanitárias e políticas vai muito além do nosso domínio e, ainda assim, temos sido convidados a fazer essa reflexão diariamente nesses tempos em que vivemos. A pandemia da COVID-19, cujo o vírus passou a se hospedar em humanos e causar um quadro grave de Síndrome Respiratória Aguda (SRA), é um momento delicado que evoca balanços pessoais guiados por 3 pilares: o propósito, a resiliência e a empatia.

Por meio dos três pilares citados acima, nasceu um novo projeto no Ensino Médio do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional, o MackTransforma. A razão de ser desse projeto foi instigada pelo meus questionamentos pessoais sobre o que era escola para além do nosso espaço físico e da nossas atividades rotineiras. Em um período no qual não podemos usufruir da nossa rotina, o que nos resta como ocupadores daquele espaço? Nessa reflexão, percebi a necessidade de dialogar com meus alunos e dar voz aos seus anseios, além de acreditarmos em uma demanda por informação de qualidade que navegasse sob a luz da ciência. Assim, nasceu o nosso instagram, o qual





leva o título do projeto (@MackTransforma) e tem como descrição os seguintes dizeres: "Uma escola é feita de muitas vozes, e aqui apresentamos todas as vozes que decidiram se levantar. Conteúdo produzido por Mackenzistas para o mundo!".

A descrição presente na bio do Instagram apresenta de maneira sucinta o objetivo do nosso projeto: levar informação de qualidade para a nossa comunidade. Entretanto, sob uma perspectiva educacional, é necessária a reflexão sobre o ganho individual de cada integrante desse grupo, visto que a participação é livre e não está relacionada a quaisquer sistema de notas oferecido pela escola. Na busca inicial de formação do grupo, o projeto absorveu os alunos que já participam do STEMack - projeto extracurricular que trabalha a interdisciplinaridade entre Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

À medida que o MackTransforma foi sendo desenvolvido e os desejos do grupo em relação a produção de conteúdo foram ficando mais claros, outros membros foram surgindo (e ainda estão) porque se identificam com as linhas de produção de conteúdo que vêm sendo criadas e executadas pelo corpo discente integrado ao projeto. Sob um ponto de vista pedagógico, o trabalho do MackTransforma tem um imenso valor para a nossa comunidade visto que elucubra os conceitos da Aprendizagem Significativa proposta por David Ausubel e muito trabalhada por Marco Antonio Moreira, a qual tem como foco o desenvolvimento da aprendizagem a partir das seguintes relações expostas por Masini (2011):

- Relação do indivíduo com o mundo que o cerca;
- Relação de quem ensina com aquele que aprende;
- Relação de compreender de quem ensina com o compreender de quem aprende;
- Relação do conteúdo a ser ensinado com aquele já conhecido por quem aprende;
- Relação do que se propõe ensinar com os interesses de quem vai aprender.

Em uma breve análise simplista das relações listadas acima,

coloca o MackTransforma como um projeto que viabiliza a exploração do interesse pessoal dos nossos alunos alinhado com o mundo hoje, despertando o protagonismo dos integrantes da nossa comunidade Mackenzista frente às problemáticas enfrentadas globalmente.

O espírito Mackenzista é representado através da visão, dos valores e dos princípios de cada integrante da nossa comunidade que devem se traduzir no cumprimento integral e incessante da nossa missão: "Educar e cuidar do ser humano, criado à imagem de Deus, para o exercício pleno da cidadania, em ambiente de fé cristã reformada". Partindo dessas lentes, alguns depoimentos de alunos envolvidos no projeto foram coletados e traduzem com maestria as edificações que sustentam esse novo passo dentro do Ensino Médio do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília.

### Depoimentos

Gustavo Sathler - 2º ano do E.M.

"Eu acredito que fazer parte desse projeto é uma honra. Em meio a tudo que está acontecendo, poder me reunir com pessoas que têm as mesmas ideias e interesses faz muita diferença e torna tudo isso mais fácil. Somos capacitados por Deus para criar, imaginar e pensar coisas que venham a impactar outras vidas e mudar perspectivas, é sobre deixar um legado. Muitas vezes, nós estudantes temos a necessidade de nos expressar, compartilhar ideias, pensamentos, reflexões e milhões de outras coisas que nos unem em um único pensamento. Eu acredito (e espero) que meus amigos e colegas de escola possam entender que o que eles pensam é importante, é valioso e isso pode ser potencializado para outras pessoas. Me empolgo sempre que esse pensamento vem a minha cabeça, mas por exemplo: Desde meus 3 anos de idade, eu estudo no Mackenzie. Posso com certeza dizer que minha escola me moldou a ser quem eu sou hoje. E como mackenzistas devemos honrar nossa oportunidade de impactar nossa sociedade através dos meios e maneiras que nos são propostas."

Lorena Silveira - 9º ano do E.F. II

"Pra mim, o Macktransforma é um projeto que mudou a minha vida, porque ele vem me ensinando muitas coisas que eu não pensei que iria aprender ou que me interessaria, como história e tecnologia. Esse projeto vem mudando não só a minha vida, mas a de muitas pessoas, porque tá auxiliando muita gente a passar por essa fase difícil fornecendo uma série de informações de maneira fácil e rápida. Com esse projeto eu me sinto cada vez mais próxima da comunidade escolar, acabei fazendo amigos de outras séries e não imaginava que isso iria acontecer. Posso contribuir com o bem-estar escolar nem que seja só um pouquinho e com isso fico cada dia mais feliz em ser Mackenzista."

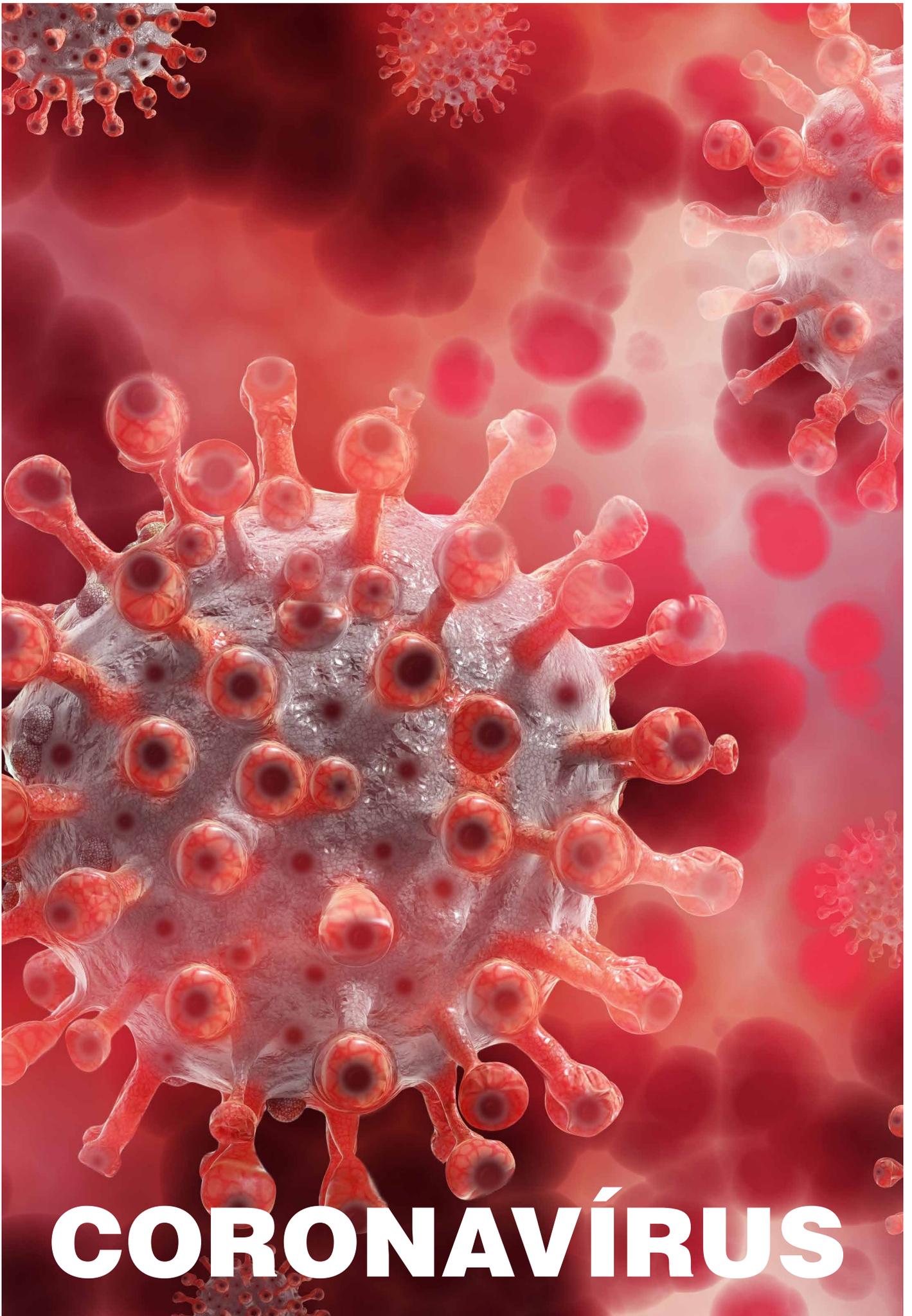
Laura Coimbra - 1º ano do E.M.

"Eu vejo o MackTransforma como uma forma de mostrar para as pessoas que qualquer um, mesmo um estudante, tem o potencial de fazer a diferença. Sinto que a equipe em si é uma família em que qualquer um que estiver faminto por conhecimento é bem vindo, e eu fico muito feliz em participar, pois para mim esse projeto trará legados marcantes para as pessoas."

Os depoimentos de alguns dos integrantes do projeto MackTransforma elucidam o incrível potencial a ser desenvolvido nos nossos alunos e nos faz refletir sobre quais caminhos desejamos trilhar para proporcionar aos nossos alunos relações mais interessantes com os conteúdos, com os colegas de sala, com os professores e com a comunidade Mackenzista, capacitando-os para atuar como cidadãos críticos e de fé, sendo esse o objetivo majoritário do projeto.

Referências

- Masini, E.F.S. Aprendizagem Significativa: Condições para Ocorrências e Lacunas que levam a Comprometimentos. Aprendizagem Significativa em Revista/Meaningful Learning Review - V1(1). pp.16-24, 2011. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.



# CORONAVÍRUS

# O cronograma da mudança

Ícaro Ogêda Araújo - 1ª Série do Ensino Médio  
Juliana de Sousa Martins - 2ª Série do Ensino Médio  
Samuel Lorenzo Ferreira G. Schirmbeck - 2ª Série do Ensino Médio  
Vitor Elias Ferreira Soares - 1ª Série do Ensino Médio

Sob a supervisão da Professora Marianna Brandão  
Mestranda em Ensino de Ciências  
Professora de Química  
Responsável pelo Stemack  
02/06/2020

Em dezembro de 2019, um morador hospitalizado em Wuhan, na China, foi constatado com um novo tipo de vírus que possui uma singularidade com outro patógeno da família Coronaviridae apresentarem morcegos estudados por pesquisadores. Após pesquisas, descobriu-se que o Sars-Cov-2, tinha similaridade, além dos morcegos, em pangolins (animal comercializado ilegalmente na China devido a sua carne e couro). Posteriormente a infecção do primeiro paciente, outros casos foram surgindo em Wuhan em números alarmantes.

Em Janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre a ocorrência dos casos de pneumonia causado pelo vírus no território chinês e rapidamente emitiu um alerta para que todos os países se preparassem. Não demorou muito e, em Fevereiro o número de casos na China e no mundo estava ultrapassando os 40.000 infectados, enquanto o Brasil registra o seu primeiro caso. No dia 8 de Março, a OMS decreta estado de pandemia ao novo Coronavírus, registrado como COVID-19. Após o alerta, todos os países tomaram medidas preventivas de controle, tais como o isolamento social e paralisação das atividades comerciais. A Itália (segundo epicentro da infecção), estabeleceu fechamento total das fronteiras na época. Mas, afinal, com o que o mundo estava lidando?

Corona Vírus, já ouviu falar?

Os vírus são um tipo de patógeno e podem infectar quase todo

tipo de vida para sobreviver. Esses parasitas ao terem contato com o hospedeiro, o contamina para iniciar a fase de replicação interna e, por fim, a fase de transmissão (alta carga viral). A contaminação do hospedeiro é a tarefa fácil para os vírus, o difícil é sobreviver dentro do corpo com o sistema imunológico ativado. Os vírus possuem alguns mecanismos que garantem a sua sobrevivência, como as glicoproteínas que facilitam sua entrada nas células até a sua rápida reprodução, garantindo que o corpo terá trabalho para se livrar desse parasita.

Em geral, com essa rápida reprodução, os vírus ficam suscetíveis a sofrer mutações significativas (fenômeno raro) que podem aumentar seus potenciais de ação entre espécies próximas, e foi exatamente isso que aconteceu com o SARS-Cov-2, o Corona Vírus.

O SARS-CoV-2 tem formato poliédrico e possui um envelope fosfolipídico que o envolve. Esse envelope ajuda o vírus a entrar nas células do nosso corpo por um processo de invasão chamado de fusão: o vírus se conecta à célula por um receptor (glicoproteínas) e seu envelope se torna parte da membrana da célula. Assim, o material genético do Covid-19 é injetado na célula e, para esse vírus, o material em questão é o RNA que, diferentemente do DNA, é apenas uma fita simples de material genético. A célula irá executar as instruções que estão no RNA: copiar e reconstruir, fazendo todo o trabalho para a sobrevivência do vírus. O aumento da carga viral intracelular, resulta na implosão da célula que, por sua vez, libera os vírus no organismo para contaminar outras células.

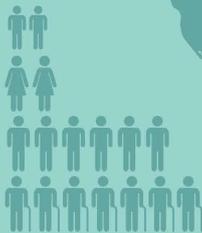
O processo de multiplicação viral é muito rápido e, em dez dias, milhões de células estão infectadas e bilhões de vírus estão nos pulmões. Quando a contaminação chega a esse ponto, o sistema imunológico é ativado e o vírus o usa contra o próprio corpo, causando um certo nível de confusão e disseminando a destruição celular sem distinção entre células contaminadas e células saudáveis. Esse processo é responsável por causar a insuficiência respiratória, como muitas células são destruídas, as trocas gasosas acabam prejudicadas.

10/06/2020

## CORONAVIRUS O QUE É?

Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa.

01



## 02 SYMPTOMS



03

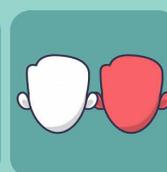
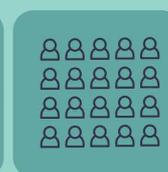
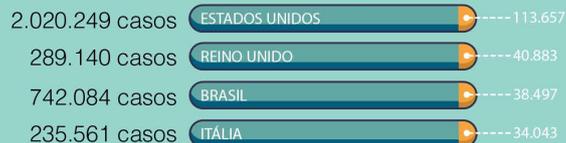
## PRECAUÇÕES



Use Máscara!



Lave as mãos

Higienize  
seus itens  
pessoaisEvite as  
aglomerações!

## FIQUE LIGADO!

O Ministério de Saúde informou ainda não haver nenhum medicamento, substância, alimento específico ou vacina que seja de fato uma prevenção ao coronavírus.

1) Uso de máscaras artesanais.

**Por que?** De acordo com o coordenador do Núcleo de Epidemiologia e Vigilância em Saúde da Fiocruz Brasília (NEVS), Cláudio Maierovitch, o uso de máscaras cirúrgicas deve ser restrito apenas aos profissionais de saúde, funcionários dos hospitais e a todos que tenham contato direto com as pessoas que estão doentes.

2) Lavar com frequência as mãos, com água e sabão, por, pelo menos, 20 segundos, de acordo com as instruções da Organização Mundial de Saúde (OMS).

**Por que?** Sua eficiência está no fato que as moléculas do sabão têm a capacidade de quebrar a camada lipídica do vírus e arrastar esses pedaços quebrados consigo pela água. A recomendação dos 20 segundos se dá porque é o tempo necessário para que tal ação seja realizada, o que garante uma boa limpeza das mãos.

3) Higienizar pertences e as próprias mãos com álcool 70%.

**Por que?** Esse álcool, em especial, é o necessário para combater micro-organismos como bactérias, vírus e fungos, por sua capacidade de destruir barreiras lipídicas e protéicas deles, como disse o presidente do CFQ, José de Ribamar Oliveira Filho.

4) Evitar aglomerações, uma vez que o vírus é transmitido por meio de toques, espirros, tosses e até objetos compartilhados.

**Por que?** Embora ainda não se saiba a quantidade de infectados assintomáticos, estima-se que dois terços das infecções teriam sido a partir deles, tal qual comenta a infectologista presidente da Sociedade de Infectologia do Rio de Janeiro, Tânia Vergara. Por isso, deve-se evitar saídas mesmo que não possua sintomas.

### O que mudou e ainda está mudando

Desde a declaração de Covid-19 como pandemia até a atualidade, inúmeras medidas foram adotadas como forma de prevenção, gerando impacto no dia-a-dia de praticamente toda a população mundial. Com isso, foi inevitável que uma nova rotina englobasse grande parcela da população mundial; rotina, esta, baseada no distanciamento social, com a adoção de medidas como o home office e o home schooling, principais atividades executadas em situação de aglomeração. A despeito do grande estranhamento causado pela adoção das novas rotinas, vários esforços têm existido a fim de minimizar os danos causados pela pandemia e, também, a fim de promover a reinvenção da sociedade nas mais variadas áreas.

# Mackenzie Brasília doa Face Shields e Clamps

As máscaras e os grampos para tubos orotraqueais, produzidos no Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília, estão sendo doados para hospitais públicos

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
12/05/2020

O Mackenzie Brasília está produzindo máscaras para médicos e enfermeiros do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) em duas impressoras 3D do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília - Internacional (CPMB). Os profissionais da saúde utilizam o Equipamento de Proteção Individual (EPI), batizado de Face Shield, ou escudo do rosto, na etapa de intubação - procedimento que permite o acesso à traquéia em casos de dificuldade respiratória - dos pacientes infectados pelo coronavírus. O utensílio oferece mais segurança aos especialistas, protegendo a face por completo, e aumenta a vida útil das chamadas máscaras N95, que cobrem o nariz e a boca (e ficam por baixo do escudo).

Ao todo, 20 máscaras já foram entregues pelo Mackenzie ao hospital e mais 130 serão entregues a Unidades Básicas de Saúde. A quantidade consegue suprir a necessidade de quatro salas hospitalares, incluindo Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), os Prontos-Socorros e os Centro Cirúrgicos. Além disso, as Face Shield podem ser esterilizadas com álcool, e podem ser reutilizadas.

O HRAN faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e recebe a maioria dos casos mais graves provocados pelo covid-19, no Distrito Federal e nas regiões próximas. O hospital foi totalmente esvaziado e passou a atender apenas cidadãos com a doença. Nas próximas semanas, mais máscaras Face Shield serão doadas pelo Mackenzie.

A iniciativa da impressão das máscaras partiu, inicialmente, da

professora Marianna Brandão, responsável pelo Science Technology Engineering and Math, o STEMack, atividade extracurricular do CPMB. A professora descobriu no hospital um déficit no número dessas EPIs e encontrou uma forma para começar a resolver a situação.

Marianna participa de um grupo de educadores atuantes nos chamados Espaços Maker. Os professores discutem, juntos, soluções passíveis de projeção e desenvolvimento dentro desses ambientes, a exemplo das máscaras Face Shield. Nas salas Maker, os docentes estimulam os estudantes a construírem saídas criativas, inovadoras e tecnológicas para problemas do cotidiano. Usualmente, as Maker Room são equipadas com ferramentas multi-uso, impressoras 3D, cortadoras a laser, hardware de programação e computadores de última geração.

“Nesse grupo conseguimos alguns projetos de máscaras em código aberto, ou seja, arquivos que qualquer pessoa pode editar e imprimir na sua própria impressora 3D. Eu trouxe alguns para o Mackenzie para trabalhar uma proposta que atendesse à demanda do hospital”, explicou a docente.

“A ideia inicial era utilizar o projeto Makers Contra a Covid-19, mas por questões técnicas e de tempo para a impressão optei pelo projeto Hígia, com uma adaptação sugerida por mim e modelada por um dos nossos estudantes, o Ícaro Ogêda, do 1º ano. Colocamos um terceiro pino de suporte na parte superior e aumentamos o comprimento e a curvatura do suporte de queixo”, disse a professora.

## Adaptação

Segundo Ícaro, a máscara original possuía uma abertura desproporcional para os lados e a adequação foi feita para resolver o problema. “Colocamos uma modificação na estrutura para ficar mais fechada e mais segura”, contou. “Usei habilidades aprendidas no STEMack, aliadas a alguns conceitos de modelagem 3D que eu já tenho”, continuou Ícaro.

Na produção das Face Shield, os arquivos com extensão STL, próprios para impressoras 3D, são impressos, higienizados, acoplados a uma folha de acetato, que representa o Shield (escudo), e na parte posterior do equipamento é instalada uma borracha para a regulagem de tamanho. O tempo de fabricação é de cerca de 1 hora e 40 minutos.

“Eu me sinto muito honrado em ver que posso ajudar com esse projeto da máscara. Vai equipar muitos enfermeiros e médicos que estão na linha de frente, combatendo essa nova pandemia. Além disso, modelagem 3D é uma coisa que adoro fazer, eu me motivei a estudar em casa, não só 3D, mas também várias outras coisas que podem me ajudar no STEMack”, pontuou o Mackenzista.

## Doação de “Clamps”

O grupo também está projetando e imprimindo unidades de grampos, conhecidos como “clamps” - braçadeira em inglês. Os utensílios, utilizados em tubos orotraqueais, durante o procedimento de intubação, também serão doados ao HRAN.

O grampo, denominado clamp, braçadeira em inglês, é uma peça com importância mais direta e objetiva em todo o processo. Os pacientes internados com insuficiência respiratória grave recebem um suporte de oxigênio, que é instalado e conectado à sua traqueia por um tubo. Esse instrumento é conduzido até o canal traqueal por meio de um fio guia, posteriormente descartado, abrindo espaço no conduto para a acoplação do suporte.

Durante a retirada do fio, os profissionais da saúde utilizam, normalmente, uma pinça para impedir a entrada e a saída de ar ou fluidos pelo tubo, até que seja concluída a colocação do oxigênio. O grampo substitui a pinça, sendo colocado exatamente como uma braçadeira no tubo, aumentando a praticidade e a segurança de todo o trabalho, permitindo a retirada do guia e o fechamento da passagem de ar e fluidos com celeridade e dinamismo. O acessório também pode ser reutilizado, após a limpeza com álcool.

O hospital ainda não trabalha com nenhum grampo para os tubos orotraqueais. A iniciativa, inova no tratamento oferecido pela instituição e protege ainda mais o profissional de saúde.

O trio ainda está pensando em outras novas soluções para atender à demanda dos médicos e enfermeiros em serviço contra o coronavírus, utilizando a estrutura tecnológica oferecida aos alunos, professores e comunidade pelo Mackenzie Brasília. As máscaras e os grampos continuarão sendo produzidos para atender outras demandas, em novas fases do projeto.

## Mackenzie Brasília

A professora Marianna Brandão, que também ministra aulas de Química no CPMB, sublinhou que a produção das máscaras reforça o tipo de educação que é proposta no Colégio, destacando o papel social marcante de uma instituição educacional com 150 anos.

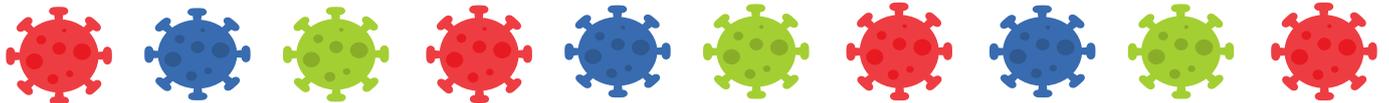
“Nós estamos educando os nossos estudantes para que possam propor alternativas para o futuro, ao mesmo tempo em que apontamos a importância da solidariedade, da humanidade, da compaixão, do esforço e do trabalho duro”, comentou a professora.

“Estamos saindo da quarentena para produzir as máscaras pela questão social envolvida. Pelo compromisso que temos com a nossa fé, com a nossa confessionalidade e com os nossos irmãos nesse momento delicado”, concluiu.

# Mackenzie desenvolve projeto de respiradores para ajudar no combate à pandemia de coronavírus

Escola de Engenharia está com três protótipos de equipamentos de baixo custo, para testes em hospitais

Mackenzie São Paulo  
Da Redação  
07/05/2020



Para auxiliar a demanda de equipamentos médicos provocados pela pandemia do novo coronavírus (causador da Covid-19), que pode levar à Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo (SDRA), a Escola de Engenharia (EE) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) desenvolveu projetos de ventiladores mecânicos de baixo custo que facilitem a produção do equipamento para serem utilizados em hospitais do país.

O objetivo do MackBreathe é ter ventiladores médicos de baixo custo - cerca de R\$ 1.500,00 -, com produção em larga escala e que possa ser utilizado na rede pública de saúde rapidamente. São três protótipos do aparelho que, segundo Antônio Mello, "foram baratos de se produzir e, utilizando os laboratórios da instituição para o desenvolvimento e montagem, os investimentos para a sua produção serão ainda menores". Os equipamentos já passaram por testes internos mecânicos e elétricos.

Os equipamentos serão disponibilizados para testes em hospitais para avaliação. E, após essa etapa, direcioná-los para aprovação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o que deve ser resolvido com rapidez, visto que é um

equipamento necessário com extrema urgência para lidar com a situação atual.

De acordo com Mello, para produção em escala será necessária uma associação com parceiros externos ou de algum financiamento de órgão público interessado. "O Governo Federal e os Estaduais veem tendo dificuldades na compra, inclusive com preços exorbitantes, e a proposta pode facilitar e triplicar o número de equipamentos na rede pública de saúde".

O projeto é composto por um comitê diretivo ordenado pelo diretor da EE, professor Sérgio Lex, e pelos coordenadores Antônio Mello, André Helleno e Rodrigo Vieira, dos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção e Engenharia Elétrica, respectivamente. No comitê do projeto, encontram-se professores e técnicos das áreas de Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica, bem como o professor Marcelo Fernandes, do curso de Fisioterapia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UPM, e o médico cardiologista Marcos Cesar Valério de Almeida, que auxiliam na parte de consultoria do projeto.

# Projeto ganha desafio Brasil Júnior

Concurso incentivou estudantes a apresentarem propostas de prevenção da pandemia

Mackenzie São Paulo  
Da Redação  
07/05/2020

A Empresa Júnior Engenharia Mackenzie (EJEM), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em parceria com a FAUUSP, ganhou o desafio da Brasil Júnior, órgão nacional das Empresas Juniores, com o projeto oniPLUS. O objetivo do concurso era incentivar os estudantes participantes das empresas juniores a apresentarem propostas de combate ao coronavírus, seja na prevenção ou moderação dos casos.

Estavam à frente do projeto vencedor os universitários Ana Julia Secco, Guilherme Buzzo, Leonardo Vilela e Maria Fernanda Alonso, da EJEM, e Heitor Feletti, Iara Carneiro, Isabela Sverner, Laryssa Martins e Rebeca Guglielmo, da FAUUSP. Definido como um dos cinco projetos finalistas e depois confirmado como o vencedor, o oniPLUS busca, após o período de quarentena, garantir o deslocamento da população brasileira no transporte público sem provocar um novo surto da doença. Para isso, os ônibus receberiam adaptações flexíveis para proteger passageiros, motorista e cobrador.

Uma das providências seria, ao entrar no ônibus, a medição da temperatura por meio de termômetro a laser e, caso a mesma fosse igual ou superior a 37.8C<sup>o</sup>, o passageiro receberia uma máscara. Além disso, os assentos seriam retráteis, em uma espécie de cabine, que garante um maior distanciamento, inclusive dos passageiros que fazem o trajeto em pé. Neste vídeo, é possível conhecer o projeto completo. De acordo com a diretora presidente da EJEM, Michelle Teixeira Nascimento, a realização de tais desafios demonstra que empresas juniores podem ajudar a gerar impacto na história do Brasil com inovação, empreendedorismo, liderança e educação. "Por meio de uma ideia

criativa e inovadora, queremos ajudar governos a solucionarem os desafios causados pela crise", afirmou a equipe da EJEM.

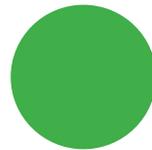
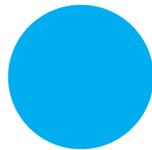
A presidente também conta que o projeto surgiu por meio de um brainstorm entre a EJEM e FAUUSP sobre o momento atual e de que forma seria possível melhorá-lo. "A partir disso, concluímos que os transportes públicos estavam ameaçados pela dificuldade de implantar soluções. Assim, focando nos ônibus, chegaríamos a um resultado inovador e impactante", disse.

Para o membro da coordenação de Estágio e Protagonismo Estudantil da Escola de Engenharia (EE) da UPM, Marcos Stefanelli Vieira, a conquista desse prêmio representa o "reconhecimento do trabalho entregue pela unidade acadêmica e o engajamento dos alunos, que colocaram em prática o conhecimento em prol da sociedade". Vieira também destaca que a participação em projetos como este é fundamental, porque gera retornos significativos e incorpora valores positivos aos alunos, professores e a tradição dos cursos de Engenharia da UPM.

Sendo o vencedor, o oniPLUS recebeu o investimento de 10 mil reais da Brasil Júnior para aperfeiçoamento e busca de possíveis financiadores para a aplicação do projeto. Michelle revela que foi uma conquista muito grande porque estavam concorrendo com mais de 60 trabalhos de todo o Brasil. "O projeto ficou incrível e nós não poderíamos estar mais felizes e orgulhosos de tudo isso. Vencer o desafio significou uma vitória para toda empresa, mostrando nossa capacidade mesmo em meio ao cenário que estamos vivenciando", completa.



GERAL



Ciência  
Direito  
Economia  
Política

# Pesquisadores apresentam ao governo federal possíveis cenários pós-pandemia

O desemprego é um dos pontos de preocupação dos estudos

Correio Braziliense  
Marisa Wanzeller  
30/04/2020



Reunião com Grupos de Pesquisa - Reprodução - Assessoria -Secretaria de Governo

Grupos de pesquisadores apresentaram, nesta quinta-feira (30/4), ao ministro da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, trabalhos com possíveis conjunturas pós-pandemia e estratégias de controle da Covid-19.

Um dos projetos constrói cenários analíticos para orientar estratégias entre 2020 e 2022, período de grande impacto da crise do novo coronavírus. O trabalho, Cenários pós-Covid-19: possíveis impactos sociais e econômicos no Brasil é desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa de Estudos Prospectivos da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília (FPMB) com o apoio de 400 especialistas.

Também colabora com a secretaria do governo o Observatório de Predição e Acompanhamento da Epidemia Covid-19 (PrEpidemia) da Universidade de Brasília (UnB). O grupo propõe

modelagem de estratégias para o controle da pandemia com base em dados de saúde, economia, geoespacial, entre outros. De acordo com a FPMB, o governo federal formou um grupo de trabalho que investiga alternativas e soluções para o cenário pós-pandemia. Assim, pretende utilizar as informações elaboradas para a definir ações que atendam ao atual momento e ao período pós-pandemia.

Elaine Marcial, professora da FPMB, estatística especializada em produção de informação estratégica, diz que o objetivo do grupo é desenvolver pesquisa no campo científico e epistemológico que gerem solidez aos estudos de futuro. Segundo a professora, o desemprego é um dos pontos de preocupação que aparecem nos cenários previstos. “Provavelmente, depois, com a retomada, nem todo mundo vai conseguir se reempregar”, pontua.



# Flexibilização das normas trabalhistas em razão da pandemia da Covid-19

Claudino Barbiero

Professor de Direito do Trabalho da Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas  
30/04/2020

O tema flexibilização das normas trabalhista há muito tem sido objeto de discussões acadêmicas e no meio jurídico laboral. Ao longo do tempo, tem havido enorme preocupação e refutação por parte dos juristas para a sua adoção, principalmente em razão de preceitos legais constitucionais ou infraconstitucionais.

A Lei 13.979/2020 deu regulação à emergência de saúde pública, prevendo inclusive a quarentena por causa da covid-19 e, após o reconhecimento epidêmico de parte da OMS, o Congresso Nacional aprovou o Decreto Legislativo 6 de 20.03.2020, decretando o estado de calamidade pública, tendo como corolário por orientação do Ministério da Saúde, a decretação pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, do isolamento social horizontal, assegurada a prestação dos serviços essenciais à população. As empresas e os trabalhadores sofreram duro golpe, mas as medidas profiláticas adotadas foram necessárias para o combate ao feroz inimigo, coronavírus, resultando na cessação das atividades empresariais e laborativas, afetando principalmente o universo de 35,9 milhões de trabalhadores formais, bem assim, os trabalhadores da informalidade no total de 38.806 milhões, números estes segundo dados do IBGE, antes da crise epidêmica.

Para atenuar as consequências foram editadas três Medidas Provisórias: 927, 928 e 936, sendo que as duas primeiras se referem ao teletrabalho (home office), antecipação de férias, antecipação de feriados, banco de horas, dentre outras medidas, e a última instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e Renda, que assegura o pagamento do benefício emergencial do emprego e renda, face à redução da jornada de trabalho ou a suspensão temporária do contrato de trabalho.

Diversas manifestações ocorreram em oposição crítica principalmente em relação à MP 936, de parte de juristas e notadamente da Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho (ANAMATRA) e da Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT), aliás pertinentes, notadamente pelo fato da norma em questão apresentar violação a dispositivos da Constituição Federal, especialmente o que dispõe o artigo 7º, incisos

VI (irredutibilidade salarial), XIII (redução da jornada do trabalho), XXVI (reconhecimento das convenções e acordos coletivos do trabalho), além dos incisos III (cabe aos sindicatos a defesa dos direitos e interesses coletivos ou individuais das categorias) e IV (obrigatoriedade da participação dos sindicatos nas negociações coletivas), ambos do artigo 8º da Carta Maior.

A inconstitucionalidade dos dispositivos da MP 936 resultaram na judicialização junto ao STF de duas ADI's (ações diretas de inconstitucionalidade) 6363 (Partido Rede Sustentabilidade) e 6370 (PT, PSOL e PCdoB), tendo o ministro Ricardo Lewandowski deferido medida liminar, tornando obrigatória, pela decisão cautelar, a obrigatoriedade da comunicação ao sindicato dos trabalhadores, no caso de celebração dos acordos individuais, quer no caso de redução da jornada de trabalho ou da suspensão temporária do contrato do trabalho. Mas a referida decisão não prevaleceu pela maioria dos Ministros do STF, pois nas sessões realizadas respectivamente em 16 e 17 de abril de 2020, por 7 a 3, ficou decidido que as regras estabelecidas na MP 936, prevalecem por conta do estado de calamidade decorrente da covid-19. A pergunta que se faz é a seguinte: flexibilizar ou não flexibilizar as normas trabalhistas no período de calamidade pública? De rigor atentando para os preceitos já citados da Constituição Federal, facilmente poderíamos dizer que a redução salarial pela redução da jornada de trabalho e a não intervenção dos sindicatos dos trabalhadores nas negociações entre empregadores e empregados, são flagrantemente inconstitucionais.

Até o presente momento, ao que parece, atingimos o número de 3 milhões de desempregados, que provavelmente será acrescido nos próximos meses, agravando consideravelmente o quadro, que já não era animador, com uma quebradeira e fechamento de empresas sem precedentes, daí, o estado atual exigir medidas e respostas imediatas. A flexibilização das normas laborais se torna necessária, para a manutenção de empregos e garantia, ainda que reduzida, da percepção de salários e renda pelos trabalhadores, pois caso contrário estaremos contribuindo para que o caos se estabeleça.

# Responsabilidade criminal na sonegação tributária

Marco Aurélio Florêncio Filho

Professor do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Direito Político e Econômico da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Campinas

22/04/2020

Se o contexto financeiro para os empresários brasileiros, antes do coronavírus, já não estava bom, com a realidade que se apresenta, ficou muito pior. Houve uma paralisação maciça de quase toda a economia mundial. Praticamente todos os setores do comércio e eventos estão impossibilitados de exercerem suas atividades diante das seríssimas recomendações dos Órgãos Públicos para que as pessoas evitem aglomerações de qualquer natureza.

Em um cenário de economia globalizada, a oscilação do mercado, a alta carga tributária e ausência de incentivos fiscais são assuntos determinantes na vida empresarial. Uma destas circunstâncias, ou todas, podem levar a empresa a ingressar numa instabilidade financeira na qual a única solução para a sua sobrevivência será a sonegação fiscal. Permanecer pagando salário de empregados, ônus trabalhistas, fornecedores, comprando matéria prima e, ao mesmo tempo, quitar suas obrigações perante o fisco, tornou-se tarefa das mais árduas. Em situações como estas (crise provocada pelo coronavírus), muitos empresários precisam optar para onde irá o dinheiro, o que leva à prática de crimes econômicos com o objetivo de manter a empresa funcionando.

Não se questiona que os tributos tenham um papel fundamental para a prestação dos serviços públicos essenciais, entre eles a educação, a saúde, a segurança, o lazer, a previdência, a assistência, entre outros. Todavia, é necessário refletir se o empresário, nesta situação de colapso financeiro, deve ser processado criminalmente por sonegação fiscal ao privilegiar os funcionários e demais fornecedores necessários para o prosseguimento da atividade em detrimento do fisco. Nestas hipóteses, os juí-

zes devem observar com atenção se estão presentes critérios objetivos que demonstrem que a sonegação fiscal decorreu de absoluta ausência de opção por parte do empresário. Roberto Veloso, autor da obra Crimes Tributários, elenca os seguintes critérios: 1) somente há uma situação de conflito quando está provado que a saúde financeira da empresa é precária ao ponto de encontrar-se em estágio de falência ou pré-falência; 2) que a opção feita tenha sido efetivamente no sentido de preservação da empresa e não para lazer ou aumento de patrimônio dos sócios; 3) que a precariedade dos recursos seja motivada pela situação econômica geral ou por fato estranho à responsabilidade dos sócios e não por gastos perdulários e má administração".

Entendemos que não se pode admitir a punição de empresários que, por exemplo, deixaram de repassar ao INSS as contribuições previdenciárias descontadas dos empregados, se tal postura tiver servido para manter a empresa funcionando e gerando empregos, e, cumprindo assim, papéis sociais e econômicos das empresas insculpidos na Constituição Federal, como a valorização do trabalho e a livre iniciativa.

Nestas circunstâncias, não se podia exigir que o empresário agisse de modo diverso e, por esta razão, não deve este ser condenado criminalmente. Todos os Tribunais Regionais Federais do país possuem posicionamento neste sentido. Assim, espera-se que passado este período de crise, o Estado não utilize a sua máquina para punir os empresários que, na tentativa de manterem suas empresas funcionando, gerando renda e empregando pessoas, optaram por sonegar tributos em detrimento de fecharem seus negócios.

# A judicialização das políticas públicas

**Julia Maurmann Ximenes.**

Advogada, doutora em Sociologia Política, Pós-Doutora em Direito, Coordenadora da Pós-Graduação e Extensão da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília, Professora Colaborada na Escola Nacional de Administração Pública.  
01/06/2020

A pandemia do COVID-19 tem sido um desafio para diferentes áreas do conhecimento, especialmente a saúde, demandando a adaptação dos profissionais e pesquisas. No âmbito do Direito existem vários desafios de adaptação e aprendizado, mas na judicialização das políticas públicas já começou. A decisão do Supremo Tribunal Federal sobre o isolamento social (ADI 6343/2020) e a atribuição federal ou local (estadual/municipal) é um exemplo recente. No âmbito do Distrito Federal a definição sobre a abertura gradual do comércio também foi objeto de decisão judicial, em primeira e segunda instância (Processo nr. 1025277-20.2020.4.01.3400).

Mas afinal, o que é judicialização das políticas públicas?

É o deslocamento do espaço decisório sobre a efetivação de direitos sociais por intermédio de políticas públicas, função típica dos Poderes Executivo e Legislativo, para o Judiciário. Trata-se de um fenômeno mundial de expansão do sistema de justiça que passa a ter um protagonismo relevante na solução de conflitos de cunho político, principalmente diante de omissão ou controvérsia entre os atores políticos.

No Brasil este fenômeno tem sido mais presente em duas políticas públicas específicas, a da saúde e da assistência social, mas existem vários outros direitos sociais judicializados. A pandemia acarretará uma nova explosão de demandas diante das inúmeras controvérsias provocadas pelo isolamento social e pelo retorno às atividades em um contexto de pandemia. Os atores do sistema de Justiça (Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Advocacia-Geral da União) precisarão se adaptar às possibilidades de controle de políticas públicas em um momento de muitas incertezas e demandas.



# Políticas públicas durante e pós-Pandemia

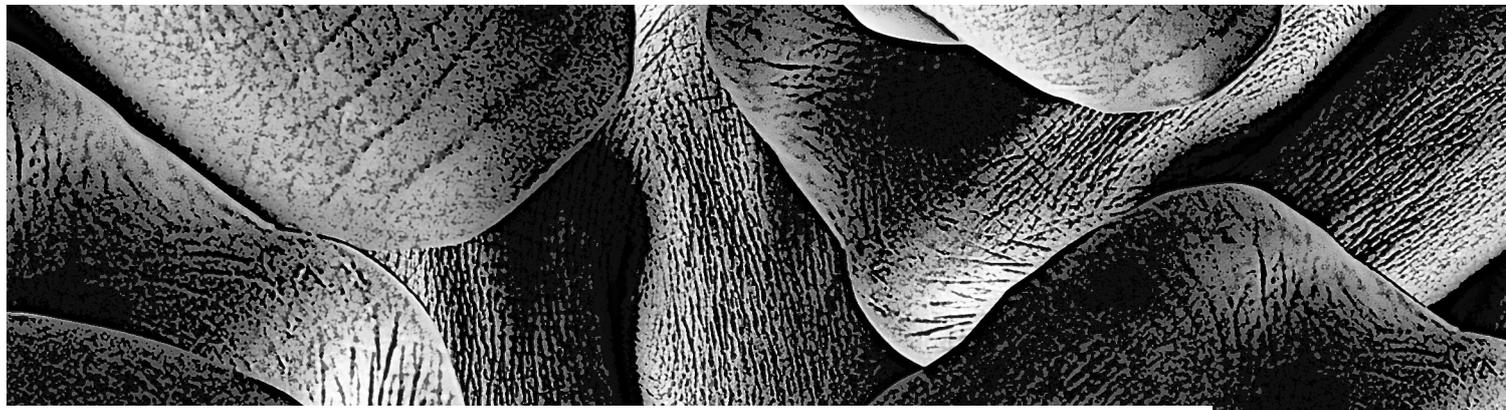


Contudo, o desafio é considerar a expertise dos formuladores das políticas públicas e a possibilidade de diálogos institucionais. Os profissionais do Direito não têm conhecimentos específicos das diferentes áreas envolvidas, e em alguns momentos esquecem que tomar uma decisão isolada, sem diálogo institucional, pode acarretar mais danos do que benefícios para quem está na ponta – o cidadão.

Por isso, o fenômeno da judicialização das políticas públicas precisa ser encarado em duas dimensões: a efetivação do direito social envolvido na perspectiva da responsabilidade do Estado na proteção do cidadão, e os limites do campo jurídico no domínio de áreas de saber específicas, como saúde coletiva. A decisão em um gabinete, sem a escuta dos atores diretamente envolvidos na efetivação do direito social precisa ser evitada. O diálogo com os atores que atuam na linha de frente na efetivação do direito social é extremamente recomendado e tem sido objeto de inúmeras pesquisas acadêmicas sobre o retorno positivo na prestação do direito.

E para os críticos da judicialização das políticas públicas uma ressalva – apesar dos riscos a democracia, diante da decisão sem representatividade por parte do Judiciário, precisamos considerar que este só age quando provocado. E se ele tem sido provocado com frequência é porque há controvérsias na prestação do direito social por aqueles responsáveis, eleitos pelo povo.

Assim, o importante é minimizar crítica sobre a ausência de representatividade do Poder Judiciário na decisão e concentrar esforços no diálogo institucional, onde os atores efetivamente comprometidos na efetivação do direito podem sentar e discutir o desafio de efetivar direitos sociais em um contexto adverso como estamos vivendo durante a pandemia.



# Violência contra a mulher e o “novo normal”

Soraia Mendes

Pós-doutora em Teorias Jurídicas Contemporâneas pela UFRJ, doutora em Direito, Estado e Constituição pela UnB, mestra em Ciência Política pela UFRGS. Professora da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Brasília). Autora de diversas obras e advogada especialista em direitos das mulheres  
01/06/2020

Cada vez mais presente em debates de diversas áreas o conceito de “novo normal” tem sido utilizado como uma chave de compreensão com a qual seria possível refletir sobre o que poderá ser a “normalidade” pós-pandemia COVID-19. Esse “novo normal” contém em si a configuração de um outro padrão capaz de garantir sobrevivência a partir de novos hábitos marcados pela necessidade de segurança. De tal modo que, por exemplo, o home office seria uma alternativa possível e econômica, assim como reuniões virtuais evitariam enfrentar grandes distâncias, congestionar o trânsito e causariam menos poluição.

Tenho cá minhas críticas a esse concepção de “novo normal”, pois sua capacidade explicativa limita-se à superficialidade da vida pós-pandemia. Vivemos dentro de um sistema social, econômico e cultural altamente complexo no qual as marcas da exclusão, do racismo e do machismo não permitem sequer imaginar que a incorporação do álcool gel na nécessaire possa ter valor significante.

Como mostram dados do IBGE (2019), dos 13,5 milhões de brasileiros e brasileiras que vivem em extrema pobreza, 75% são pessoas pretas ou pardas. É a gente preta e pobre no Brasil que mais faz uso de transporte público, tem o maior número de

pessoas morando em um mesmo domicílio, não tem acesso a saneamento básico e que mais depende do SUS.

É certo que a pandemia colocou todos e todas sob a mesma tempestade, mas nem todo mundo está no mesmo barco. No Brasil, milhares de pessoas já morreram e, infelizmente, ainda morrerão, por falta de respiradores ou sem que ao menos tenham sido diagnosticadas com COVID-19. Aqui milhares fazem filas em frente às agências da Caixa em busca de auxílio emergencial. E outros milhares nem CPF têm para requerer este benefício. Somos um país de invisíveis. De gente com fome e frio. A miséria não vestirá luvas no “novo normal”.

Menos do que um novo modelo de convivência que por algum tempo (ao menos até que se encontre uma vacina) incluirá o uso de máscaras, outrora proscritas por ocultar a identidade, o que o coronavírus fez foi escancarar um padrão de “normalidade” marcado pelo descaso e pela violência. E, com isso, começo a falar sobre mulheres e meninas.

Como os jornais mostram dia-a-dia, o confinamento social (que tornou-se a maior medida preventiva contra o contágio do vírus) empurrou para o ambiente doméstico milhões de vítimas de



toda sorte de violências (física, moral, psicológica, patrimonial, sexual) praticadas por maridos, namorados, companheiros ou, por vezes, filhos ou pais agressivos. Tenho dito, escrito e repetido: o lar nunca foi doce para as mulheres e as meninas.

Como já apontaram há mais de uma década Linda L. Dahlberg e Etienne G. Krug (Vide: *Violência: um problema global de saúde pública*, 2006) ao menos desde os anos 80 do século XX pesquisadores e pesquisadoras têm se dedicado à tarefa de compreender os fatores responsáveis por reações violentas, quer sejam derivados de atitudes e comportamentos ou de condições sociais, econômicas, políticas e culturais mais amplas, e de demonstrar cientificamente que estes podem ser modificados.

De outro lado, desde 2002, a própria Organização Mundial de Saúde define a violência interpessoal (agressões físicas, estupro, outras formas de ataques sexuais, p. exemplo) como intrafamiliar e comunitária. A violência intrafamiliar é aquela que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente. Já a violência comunitária é aquela que ocorre no ambiente social em geral, entre conhecidos e desconhecidos.

É certo que o contexto da pandemia da Covid-19 intensificou a violência contra mulheres e meninas em razão do confinamento, mas não foi ela que a criou. Pelo contrário, a violência neste caso é uma “pandemia silenciosa”, como já apontado por representantes latino-americanas da ONU Mulheres, e é também um gravíssimo problema dentro de um “padrão de normalidade” que, este sim, precisa ser modificado.

O Brasil tem dívidas históricas a serem resgatadas em relação às mulheres e meninas que continuam, como conceitua eu em vários trabalhos, submetidas a um sistema de custódia consistente no conjunto de tudo o quanto se faz para reprimir, vigiar e encerra-las (em casa ou em instituições totais), mediante a articulação de mecanismos de exercício de poder do Estado, da sociedade, de forma geral, e da família.

Se o porvir nos reserva um “novo normal” que seja este menos do que um kit composto por álcool gel, luvas e máscara. Mais do que novos apetrechos de vestuário, aplicativos delivery ou plataformas meeting, o que precisamos é do estabelecimento de normas de um contrato de convivência onde a violência contra mulheres e meninas não seja a regra tolerada.

# O crescimento dos índices de violência doméstica durante a pandemia

**Suzana Borges Viegas de Lima**

Professora de Direito Civil da  
Faculdade Presbiteriana Mackenzie-Brasília  
Professora de Direito Civil da Universidade de Brasília Mestre e  
Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da  
Universidade de Brasília  
Advogada

Após a imposição do isolamento social como medida de segurança para evitar a contaminação e alastramento do coronavírus, os meios de comunicação vêm relatando aumento nos casos de violência doméstica. Antes mesmo de se ter acesso aos índices, já se imaginava que os casos de agressão aumentariam, em decorrência do confinamento necessário e redução de mobilidade das mulheres, que já vivenciavam relacionamentos abusivos antes mesmo das restrições impostas pela quarentena.

O convívio por longos períodos de tempo no mesmo espaço com o agressor, certamente contribui para o agravamento de situações conflituosas no âmbito familiar, quando as mulheres sofrem diversos tipos de violência, entre elas a violência física, psicológica, moral, patrimonial e sexual, podendo culminar em feminicídio.

Neste contexto, podemos afirmar que as mulheres estão duplamente ameaçadas, pois ao mesmo tempo em que sujeitas à contaminação pelo coronavírus, não têm outra opção a não ser permanecer em casa com o agressor, sobretudo aquelas que pertencem ao grupo de risco, cuja mobilidade é mais restrita ainda.

Em decorrência da constatação do aumento de casos de violência doméstica contra a mulher durante a pandemia, surgiram novas medidas que buscam aumentar a proteção às vítimas neste período tão peculiar.



# Violência de Covid-19



Uma delas é a possibilidade de efetuar o registro de ocorrência policial on-line para requerer medidas protetivas, quando o comparecimento pessoal à delegacia especializada não for possível, medida já vigente no âmbito da Polícia Civil do Distrito Federal.

Outra medida é a decorrente da lei n. 6.539/2020 sancionada pelo Governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, que obriga que condomínios denunciem casos de violência doméstica aos órgãos de segurança pública no prazo de 24 horas após a ciência do fato, sob pena de multa que varia entre R\$ 500,00 a R\$ 10.000,00 reais.

Outros países também registraram um aumento significativo de casos de violência, e no Brasil, de acordo com o Instituto Maria da Penha, as ocorrências aumentaram em 50%.

O impacto da pandemia no aumento dos índices dos crimes de violência doméstica não pode ser ignorado, e em razão disso, cuidados adicionais devem ser adotados, tais como os sugeridos pelo chefe da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, que recomenda que os governos disponibilizem mecanismos de alerta em lugares de fácil acesso para as mulheres, tais como mercados e farmácias, para sua maior proteção durante o regime de confinamento.

Ao longo da pandemia, a quarentena impõe a muitas mulheres a redução de contato com familiares e amigos, situação que se agrava quando está sob constante vigilância de seu agressor. Possibilitar à mulher denunciar qualquer agressão ocorrida no período de isolamento social, quando a sua mobilidade é reduzida, assim como viabilizar o seu afastamento do agressor sem comprometer a sua saúde e dos filhos, é imprescindível.

Neste atual cenário, também não devemos esquecer que há outros grupos familiares vulneráveis, entre eles os idosos, que, assim como as mulheres, estão confinados com seus agressores, dos quais dependem para o seu sustento, moradia e outros cuidados.

Para denúncias de violência doméstica, a mulher pode ligar para o número 180 - Central de Atendimento à Mulher. Em caso de emergência, deve contactar a polícia no número 190 ou efetuar a denúncia eletrônica, por meio do link:

<https://www.pcdf.df.gov.br/servicos/197/violencia-contra-mulher>

As denúncias de abuso e violência contra idosos podem ser feitas pelo Disque 100, disponível 24 horas por dia, assim como pelo 190 ou eletronicamente através do link:

<https://www.pcdf.df.gov.br/servicos/197/violencia-contra-idoso>

# Disrupção Pandêmica e o Futuro da Gestão

Alex Fabiane Teixeira

PhD em Administração e Políticas Públicas  
Professor e Coordenador  
da Faculdade Presbiteriana  
Mackenzie Brasília  
25/05/2020



Quando falamos em administrar todo mundo tem um pouco de conselhos a dar. Ao antigo jargão que diz que 'de médico e louco todo mundo tem um pouco', podemos acrescentar a administração, afinal, em um livre dicionário de sinônimos, podemos obter a associação do termo à conduzir, comandar, dirigir. O fato é que todos nós, mesmo sem ter a noção de sua cientificidade, administramos alguma coisa: a mãe, a sua casa; os filhos, seus estudos; o pai, os seus negócios, enfim, do nascer ao pôr-do-sol, estamos administrando alguma coisa.

No entanto, quando falamos de organizações, sejam públicas ou privadas, administrar exige mais do seu líder do que simplesmente estar à frente do seu negócio. A gestão demanda planejar, agir, acompanhar e avaliar as atividades em prol de se alcançar objetivos, metas e resultados que se alinhem à visão e à missão da empresa ou entidade. Assim, é possível perceber que gerir e tomar decisões adequadas sobre quais caminhos seguir são mais complexos quanto maior for a adversidade a qual se está submetido. Dessa forma, obter resultados positivos em um ambiente competitivo, dinâmico e pandêmico torna a arte de administrar cada vez mais científica, e a percepção de que mudanças nos levam a inovações que conservarão a sobrevivência.

Nesse contexto, a humanidade foi desafiada em sua história por eventos que a pressionaram, mas ao mesmo tempo, que lhe serviram de impulso e de alavancagem. Igualmente, é possível separar da história da administração dois marcos, não exaustivos, que auxiliaram a revolucionar a humanidade ao chacoalhar a gestão das organizações. A Revolução industrial, durante os séculos XVIII e XIX, com o surgimento de fontes energéticas alternativas, de novas matérias primas e da máquina a vapor, quebrou o paradigma manufatureiro ao introduzir a economia de escala. Bens que eram de acesso restrito a poucos, agora podiam estar ao alcance das mais diversas mãos.

Fenômeno similar foi proporcionado pela revolução tecnológica que teve início na segunda metade do século XX com a expansão do uso dos computadores digitais, cujo auge ainda não podemos afirmar, pois a cada dia é dado mais um passo nessa escada sem fim, mas que marcou a era da informação. De tal modo, dois acontecimentos estão atrelados a essas revoluções, primeiramente a redução do esforço físico do trabalhador pelas operações automatizadas, e a segunda, o arrefecimento do seu esforço mental com o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Logo, os momentos de estresse são especiais para que a humanidade gere inovação e desenvolvimento a partir da criatividade, transformando de forma estrutural o presente e impactando o futuro das relações, em especial das organizacionais e sociais e, conseqüentemente, do trabalhador. De qualquer forma, se por um lado as rupturas se propõem a tornar a vida humana melhor e mais fácil, por outro, desfrutar dessas possibilidades frequentemente se constitui um grande desafio para a humanidade.

Em pouco mais de quatro meses o mundo vem enfrentando uma grande ruptura em seus principais paradigmas sociais.

Em 31 de dezembro do ano passado, a Organização Mundial de Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta sobre o Corona vírus após a notificação de casos de uma misteriosa pneumonia na cidade de Wuhan- China. De lá para cá, muitos países ficaram alertas e muitas pessoas, infectadas. E o vírus? Se espalhou a uma velocidade estarrecedora deixando lideranças públicas e organizacionais sem informações suficientes para enfrentar confinamentos, isolamentos, fechamentos, lockdown, nem mesmo para avaliar o impacto social, econômico e pessoal de uma pandemia. Ou seja, será preciso “trocar o pneu do avião com ele voando”. Quão grande estresse! Quão grande movimento disruptivo!

Nessa esteira, com as condições sanitárias direcionadas, sobressaíram-se as relações organizacionais. A lógica econômica gerada na estruturação de mercados produtores e consumidores foi posta em check. O consumo foi interrompido abruptamente, impactando não só a produtividade, mas toda a atividade econômica conhecida. No entanto, as melhores oportunidades surgem em meio às maiores adversidades! São nesses momentos que as grandes invenções e descobertas são realizadas. É em meio a situações adversas que importantes inovações são desenvolvidas. A primeira revolução industrial foi motivada por uma forte expansão do mercado consumidor que pressionou os fabricantes a ofertarem mais e mais produtos abrindo as portas para o mundo moderno, para a globalização. A revolução tecnológica foi catapultada notadamente após a

segunda guerra mundial quando houve profunda busca por informações. Hoje quem se dispõe a ficar sem What's up?!

Dessa forma, a pandemia deve ser vista como instrumento de disrupção, inovação organizacional e mudança conceitual, pois está influenciando a formação de um novo paradigma relacional: do homem com o seu trabalho; dele com as técnicas e métodos e dele com o seu local. Nesse diapasão, o trabalho realizado em casa, ou simplesmente home office, tem vencido uma das últimas fronteiras dogmáticas das relações trabalhistas, onde realizá-lo.

A partir do conselho, #se puder, fique em casa, muitos trabalhadores têm enfrentado a sua rotina laboral diária em cima de suas mesas e camas através de seus laptops e PC's. No entanto, ao passo em que muitos podem achar essa situação temporária; pode, na verdade, estar sendo pavimentada uma nova revolução, a do relacionamento. Deste modo, é possível inferir, não exaustivamente, que a maioria das reuniões continuarão a ser realizadas por meio de vídeo conferência. As viagens a trabalho serão reduzidas ou mesmo extintas. Os escritórios serão transformados em centros de videoconferências conectando funcionários e clientes, todos em suas residências. Atendimentos médicos, psicológicos e veterinários serão realizados em consultórios virtuais.

Não será mais necessário permanecer oito horas no escritório, uma vez que o isso ampliará o custo organizacional, sem necessariamente impactar a produtividade. Não será mais necessário a formação de gerências intermediárias, pois as relações poderão ser diretas entre os que produzem e os que lideram, conseqüentemente, a automação de processos será acelerada. Haverá uma pressão na demanda por equipamentos digitais, o que fará deste mercado um dos mais promissores. Não se trata de futurologia, mas de perceber os movimentos sociais disruptivos que estão acontecendo. Por fim, uma visão coerente frente a essas afirmações é de que o futuro da gestão está mais presente do que nunca! O que faremos? Tentaremos resisti-lo ou surfaremos na 'crista' da sua onda?

# Direito do consumidor em tempos de coronavírus

Armando Luiz Rovai

Doutor em Direito PUC/SP, professor da UPM e ex-presidente da Junta Comercial e Ex-Secretário Nacional do Consumidor - SENACOM

Paulo Sérgio Nogueira Salles Júnior

Graduado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestrando em Direito pela PUC-SP

15/05/2020

Em virtude da Pandemia que assola o mundo, matando pessoas e destruindo economias, a maioria dos países, de modo sério e comprometido, tem adotado medidas corretas de prevenção, isolamento e injeção de incentivos na atividade produtiva. No Brasil, infelizmente, por razões políticas e evidentes interesses pessoais, foram adotadas condutas tumultuadas, atrapalhadas e desorganizadas, com exceção, diga-se a verdade, daqueles gestores estaduais e municipais que, louvavelmente, tomaram desde cedo medidas científicas e racionais de isolamento social, para evitar a contaminação em massa do Covid 19.

Contudo, em que pese as barafundas provocadas pela política irresoluta, cismática e inconsequente do poder executivo federal, graças a existência de excelentes quadros nos ministérios da economia e da justiça (incluindo seus respectivos ministros e secretários nacionais), entre outros (como exemplo, o ministério da infraestrutura e saúde), tomou-se medidas certas e prudentes para minimizar os efeitos desta doença altamente contagiosa, em determinados segmentos da economia, com reflexos imediatos na vida dos cidadãos (em especial, na sua condição diária de consumidor), cujos direitos são legalmente garantidos.

Em um momento de crise aguda como esta, as necessárias medidas de isolamento social afetaram principalmente o mercado de turismo (incluindo agências de viagens e companhias aéreas) e de eventos, que organizam shows, apresentações teatrais e festas com grande aglomeração de pessoas em ambientes fechados e com circulação restrita de ar. Assim, uma questão passou a pairar: como os consumidores que tiveram seus eventos desmarcados, viagens canceladas ou decidiram por não ir, com medo de contágio, deveriam proceder? Foi neste diapasão

que o Ministério Público Federal se manifestou para que eventuais desmarcações ocorressem sem a cobrança das respectivas taxas de cancelamento, pois esta conduta seria caracterizada como abusiva em relação ao consumidor.

Exatamente neste sentido que, para dirimir quaisquer outras arestas e controvérsias acerca do assunto, também, foi editada a Medida Provisória nº948/2020, especificamente, "sobre o cancelamento de serviços, de reservas e de eventos dos setores de turismo e cultura em razão do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19)".

A referida MP, sinteticamente, prescreveu que as empresas, em virtude de cancelamentos de serviços, de reservas e de eventos, incluídos shows e espetáculos, por causa da pandemia do novo coronavírus, não deverão ser obrigadas a reembolsar os valores pagos pelo consumidor, desde que assegurem ao consumidor: a remarcação dos serviços, das reservas e dos eventos cancelados; a disponibilização de crédito para uso ou abatimento na compra de outros serviços, reservas e eventos, disponíveis nas respectivas empresas; ou outro acordo a ser formalizado com o consumidor. (...).

Cabe esclarecer que os empresários que são afetados por esta legislação são, respectivamente, os prestadores de serviços turísticos, cinemas, teatros, plataformas digitais de vendas de ingressos pela internet, em conformidade com a Lei nº 11.771/08, que dispõe sobre a Política Nacional de Turismo e define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvi-

mento e estímulo ao setor turístico. Vale salientar, por oportuno, a existência de elementos próprios no segmento de turismo, que no caso de remarcação dos serviços, numa das hipóteses acima elencadas, deve observar a sazonalidade do segmento e o valor que foi cobrado originalmente, não podendo haver prejuízos ao cidadão. Caso seja acordado que o valor pago vai ser disponibilizado ao consumidor, este terá o prazo de 12 meses para utilizar o crédito, porém este prazo só terá o seu termo inicial quando do término do estado de calamidade e o consequente reinício das atividades que foram ora prejudicadas/desmarcadas.

Em consonância com a orientação dos Procons e do Ministério Público Federal, o governo, por meio deste decreto, ratifica que as operações referidas no artigo 2ª da MP948/2020, não podem

que tenham sido afetados, devolvam o valor ao consumidor, com a devida correção monetária pelo IPCA-E, de acordo com o parágrafo único do artigo 4ª, da estudada Medida Provisória.

Elucidamos que por vivermos uma situação atípica, ou seja, uma pandemia, todas as relações de consumo que são regidas por esta Medida Provisória devem ser enquadradas nas hipóteses legais de caso fortuito ou força maior, não podendo, via de regra, ensejar em condenações por danos morais ou qualquer outra penalidade cabível em situação cotidiana normal. Deve ser observado, ainda, que para a melhor condução das atividades comerciais e negociais, em geral, os órgãos de defesa do consumidor deverão fiscalizar eventuais práticas abusivas dos empresários, como a cobrança de valores excessivos dos produtos de limpeza e proteção ao contágio.



gerar ônus ou encargos ao consumidor, devendo ser suportada pelas empresas prestadoras dos serviços.

Quanto aos artistas e outros profissionais que tenham sofrido algum cancelamento de evento, a norma traz que estes não serão obrigados a efetuar o reembolso imediato dos valores aos consumidores, devendo o evento/show ser remarcado no prazo de 12 meses, também a contar do encerramento do estado de calamidade pública, decretado pelos governantes. Nos casos em que o serviço não for remarcado no período legal estipulado, ou seja, descumprido algum dos requisitos legais, a MP impõe que os artistas, empresas, bem como outros profissionais

Por fim, tendo em mente a absoluta necessidade da harmonia, transparência e reconhecimento da vulnerabilidade do consumidor, como elementos fundamentais para o equilíbrio nas relações de consumo, considera-se como essencial a tomada de condutas e atitudes solidárias, por parte de particulares, integrantes da iniciativa privada e do governo, que deverá, principalmente, deixar de lado idiosincrasias tresloucadas, insanas e impulsivas, que podem comprometer a vida humana. A defesa do consumidor, por óbvio, tem de estar ao lado do cidadão e via de consequência, promover e apoiar o isolamento social, enquanto a ciência e os doutos no assunto assim orientarem. A economia é possível de ser retomada, a vida não!

# Impactos jurídicos do Coronavírus na atividade empresarial

Armando Luiz Rovai

Doutor em Direito PUC/SP, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e ex-presidente da Junta Comercial e Ex-Secretário Nacional do Consumidor - SENACOM

Paulo Sérgio Nogueira Salles Júnior

graduado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestrando em Direito pela PUC-SP

14/04/2020

Em razão da pandemia que vêm matando pessoas e destruindo economias mundo afora, nações guiadas por gestores sérios, prudentes e comprometidos com políticas públicas para o bem-estar de seus cidadãos, vêm adotando medidas corretas de prevenção, isolamento social e injeção efetiva de incentivos financeiros na atividade produtiva.

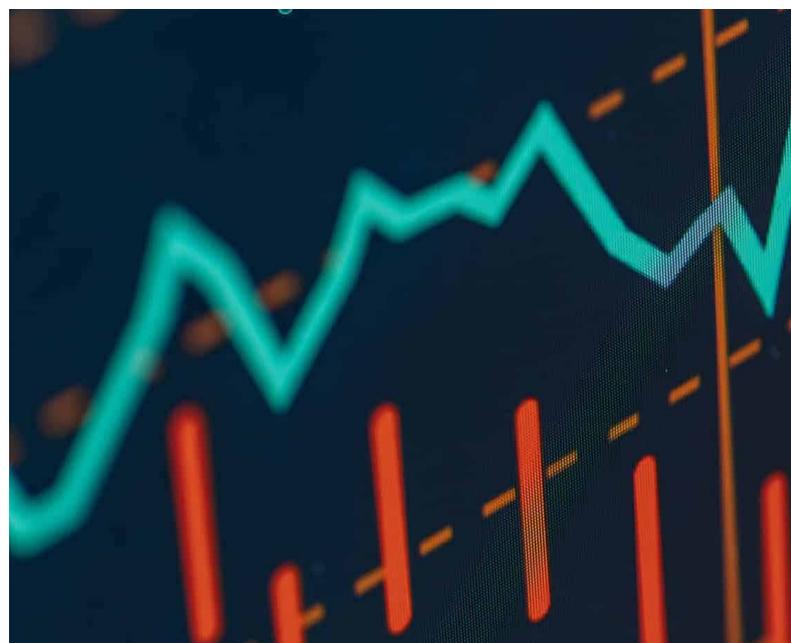
No Brasil, infelizmente, por evidentes interesses pessoais, foram adotadas, inicialmente, condutas tumultuadas, atrapalhadas e desorganizadas; com exceção, deixe-se claro, dos governantes estaduais e municipais que, louvavelmente, adotaram desde cedo medidas científicas e racionais de isolamento da população, para evitar a contaminação em massa do Covid 19.

Contudo, em que pese a política irresoluta do chefe do poder executivo federal, graças a existência de excelentes quadros nos ministérios economia, da justiça e infraestrutura (incluindo seus respectivos ministros, secretários nacionais e diretores de departamentos), foram tomadas medidas certas e prudentes para o desenvolvimento da atividade empresarial. Para tanto, diversas normas impactam diretamente o direito tributário; societário; infraestrutura, precipuamente, nos aspectos relativos à energia; defesa do consumidor; trabalhista e penal.

Neste diapasão, foram editadas Medidas Provisórias e Instruções Normativas, tais como, no âmbito tributário: prorrogação da data de pagamento de tributos, sendo que no caso do imposto de renda o prazo foi adiado em 3 meses. Da mesma for-

ma, foi adotado o mesmo prazo para pagamento de ICMS e ISS. Já no caso do INSS patronal e do PIS e COFINS os vencimentos foram alterados da seguinte forma: a competência de março foi adiada para o mês de agosto e de abril para outubro. Quanto ao SIMPLES nacional, no que se refere a parcela de impostos federais o prazo foi prorrogado em 6 meses.

Acerca do direito Societário, a Medida Provisória 931/20, visando a desburocratização e simplificação dos atos societários, alterou as redações sobre a forma de realização de reuniões e assembleias nas Sociedades Limitadas, Anônimas e Cooperativas. Tal mudança legislativa permitiu a realização destes atos societários por meio de videoconferência, conferindo, ainda, a possibilidade de que o sócio exerça seu direito de voto de maneira digital. Houve, também, uma dilação nos prazos legais



para os atos societários, como no caso das reuniões e assembleias que podem ser realizadas até o dia 31 de julho de 2020, concedendo efeito retroativo aos atos que já tenham sido praticados pelas sociedades e necessitem de registros nas Juntas Comerciais, uma vez que estas se encontram com as atividades suspensas enquanto perdurar as medidas de isolamento social.

Na área da Infraestrutura foram editadas as Medidas Provisórias estabelecendo que a União subsidiará, integralmente, as contas de luz dos consumidores de baixa renda, entre os meses de abril a junho deste ano, garantido o acesso a energia para até 9 milhões de famílias. Ainda, neste sentido, devem ser abordadas as alterações que afetam o direito do consumidor, como a Medida Provisória 948/20, que dispôs, especificamente, "sobre o cancelamento de serviços, de reservas e de eventos dos setores de turismo e cultura em razão do estado de calamidade pública.

A referida MP, sinteticamente, prescreveu que as empresas de prestação de serviços, em virtude de cancelamentos de serviços, de reservas e de eventos, incluídos shows e espetáculos, por causa da pandemia do novo coronavírus, não deverão ser obrigadas a reembolsar os valores pagos pelo consumidor, desde que assegurem ao consumidor: a remarcação dos serviços, das reservas e dos eventos cancelados; a disponibilização de crédito para uso ou abatimento na compra de outros servi-

ços, reservas e eventos, disponíveis nas respectivas empresas; ou outro acordo a ser formalizado com o consumidor. (...)"

Sobre a seara do direito do trabalho foi estabelecido que as empresas têm a possibilidade de suspender contratos ou reduzir a jornada dos trabalhadores, com as correspondentes diminuições salariais, a fim de evitar desemprego em massa, conforme disposto na MP936/2020.

Ademais, os efeitos dessa crise global do Covid-19 reflete, igualmente, no direito penal, uma vez que o a disciplina trata dos seguintes crimes: prática de preços abusivos, desobediência do que foi determinado pelas autoridades; propaganda enganosa; charlatanismo; fabricação e venda de produto para fim terapêutico e saneante sem registro no órgão de vigilância sanitária, omissão de notificação de doença, infração de medida sanitária preventiva, causar epidemia; atentado contra a liberdade do trabalho; perigo para a vida ou saúde de outrem; perigo de contágio de moléstia grave.

Isto posto, tendo em mente a absoluta necessidade de recuperação da atividade produtiva com a conseqüente retomada do desenvolvimento econômico, pretende-se do poder público, a simplificação e desburocratização dos processos e procedimentos para os empreendedores, tomando por essencial condutas facilitadoras para a atividade empresarial.

Por fim, acerca da pandemia e das práticas comuns de alguns governantes, cotidianamente divulgadas pelos veículos de comunicação e pelas mídias sociais, roga-se por uma reflexão, para a adoção de atitudes mais humanas e principalmente, mais solidárias, deixando de lado idiosincrasias impulsivas e repugnantes que demonstram o quão desidiioso e degradante é a vaidade dos políticos e o seu apreço exclusivo pela prosperidade do mercado. Nosso recado para os governantes é: deixem as questões relativas à saúde para os doutos e técnicos no assunto - médicos, biólogos e cientistas. Isolamento social já! Economia e mercado são possíveis de serem retomados; a vida não!



# As fintechs e os desafios do coronavírus

**André Fernandes Lima**

Mestre e doutor em Administração de Empresas, pós-graduado em Economia Aplicada à Administração e Finanças e graduado em Ciências Econômicas. É professor das disciplinas de Finanças Corporativas e Mercados Financeiros na Universidade Presbiteriana Mackenzie 09/04/2020

Muito tem-se falado, nos últimos dias, de uma figura recente no mercado financeiro brasileiro: as fintechs. Mas o que são as fintechs? Segundo o conceito apresentado pelo Banco Central, são empresas que introduzem inovações nos mercados financeiros por meio do uso intenso de tecnologia, que atuam em plataformas online. Existem diversos tipos de fintechs, por exemplo, de crédito, de pagamento, de investimento, de gestão financeira, de câmbio, de seguros, entre outros.

Desse universo de fintechs, as de pagamentos (instituições de pagamento) são as que têm sido citadas em diversos canais como sendo uma forma para a viabilização de parte dos pagamentos do coronavoucher (termo pelo qual ficou conhecido o auxílio emergencial de R\$ 600 mensais pelo período de 3 meses, concedido pelo governo federal aos cidadãos que atendam aos critérios estabelecidos), com vistas a evitar a concentração dos pagamentos através de poucos bancos.

Esse tipo de fintech trabalha, fundamentalmente, com meios de pagamento (transferências, recebimento de taxas, de pagamentos presenciais e digitais, de conta digital, sem depender de um banco, entre outros). Com isso, os profissionais autônomos e microempreendedores individuais, por exemplo, que trabalham com as "maquininhas" para recebimento de suas vendas e dos serviços prestados, poderão receber o crédito do benefício assim como se houvesse realizado uma venda, ou prestado um serviço.



A fintech, em determinado momento de sua existência, pode optar por se transformar em uma instituição financeira, sendo que para tal, necessita de autorização do Banco Central, passando a sujeitar-se à regulamentação estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional e sujeitando-se à fiscalização por parte do Banco Central. Segundo estatísticas da autoridade monetária, o número de fintechs que optaram por se transformar em instituições financeiras (de pagamento e, também de crédito), passou de uma instituição, em dezembro de 2016, para vinte instituições, em fevereiro de 2020. Mas além dessas, existem centenas de outras fintechs que atuam sem haverem se transformado em instituições financeiras, podendo vir a sê-lo, ou não, no futuro, a depender da estratégia de cada uma. Para se ter uma ideia do tamanho desse ecossistema, em junho de 2019 havia, segundo a Fintechlab, mais de 520 fintechs em atividade no Brasil.

A crise decorrente do coronavírus tem-se mostrado desafiador para praticamente todos os setores da economia, mas quando falamos nas fintechs, esses desafios podem ser maiores, dada a característica de tratarem-se de empresas, via de regra, cons-



tituídas há menos de 10 anos (muitas delas ainda são startups), que estão enfrentando sua primeira crise no mercado e, portanto, a depender da habilidade de seus gestores em administrar um cenário turbulento, podem enfrentar dificuldades em continuar desenvolvendo suas atividades de maneira a sustentar a sobrevivência do negócio.

Outro desafio que pode se apresentar a uma fintech é quanto a uma eventual necessidade de captação de recursos para sustentar seus investimentos, seja em crescimento de atividades, seja em desenvolvimento e aperfeiçoamento de tecnologia. Com a incerteza decorrente da crise, os investidores tornam-se mais avessos a risco e, portanto, comportam-se de maneira mais seletiva quanto à análise e concessão de recursos (ideia similar à que se tem visto no mercado de crédito bancário), podendo ocasionar uma escassez de oferta de capital para financiar o crescimento da fintech.

Por fim, um outro desafio que se apresenta às fintechs, neste caso às que atuam na intermediação entre devedores e credores por meio de negociações realizadas eletronicamente (as

Sociedades de Crédito Direto - são 14 atualmente, de acordo com o Banco Central - e as Sociedades de Empréstimo entre Pessoas - 5 atualmente), é quanto a um potencial aumento no volume de inadimplência na carteira administrada pela fintech. O crescimento, acima dos níveis adequados à saúde financeira do intermediador financeiro, pode levá-lo à bancarrota.

Há que se considerar, contudo, que o ecossistema das fintechs é, a médio prazo, bastante promissor, afinal é conhecida a tendência ao uso cada vez mais intenso da tecnologia, no cotidiano em geral e, em específico, nas transações financeiras das pessoas. A Pesquisa FEBRABAN de Tecnologia Bancária, apresentada no ano passado, demonstra que o uso de ferramentas tecnológicas na vida financeira das pessoas tem crescido substancialmente. As transações bancárias realizadas pela internet e tecnologia móvel representavam 47% do total das transações bancárias em 2014, participação que aumentou para 60% em 2018. Note-se, aqui, o crescimento, nesta composição, das atividades em mobile banking (aplicativos de telefone), que passou de 10% para 40% do total. Um crescimento bastante significativo e que sinaliza, de maneira clara, a tendência de uso cada vez mais intenso de tecnologia, meio que as fintechs dominam e que faz parte de seu habitat.

Essa mesma pesquisa da FEBRABAN mostrou, também, um crescimento de 119% no volume de transferências de dinheiro entre contas, entre 2017 e 2018 (foram 394 milhões de transações em 2017 e 862 milhões de transações em 2018), através da tecnologia Mobile banking. O pagamento de contas por essa tecnologia também cresceu substancialmente, passando de 872 milhões de transações em 2017 para 1,6 bilhão de transações em 2018.

Esses números são uma pequena demonstração de que o cenário estrutural, de crescimento do mercado para as fintechs - embora possa ser afetado pela conjuntura da atual crise - segue sendo promissor, de tal forma que, após a tormenta, as fintechs poderão retomar o passo dos investimentos necessários ao seu crescimento.



# Aspectos jurídicos do Lockdown

Rodolfo Tamahana

Coordenador de pesquisa e professor da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília. Doutor pela USP e Mestre pela UNB  
19/05/2020

Os formuladores de políticas públicas no Brasil estão diante de diversos desafios na atualidade por conta do grave problema de saúde pública causado pela rápida disseminação do novo coronavírus. Como se trata de um vírus que ainda não possui vacina, nem um tratamento médico que tenha comprovação científica, a recomendação que se tem adotado é a de conside-

rar o conhecimento da área de saúde, em especial, de infectologistas e epidemiologistas.

Nesses casos, o que esses profissionais recomendam é o uso de intervenções preventivas e não farmacêuticas, que consistem em uma série de medidas que vão desde recomendações

de higiene, fechamento de locais que geram aglomerações até ao isolamento e quarentena dos infectados. Como toda medida de restrição da livre circulação de pessoas, essas também geram custos para a sociedade ou para um grupo específico dela, como no caso da adoção de um critério de essencialidade para promover o fechamento de empresas, principalmente do setor de serviços.

De um ponto de vista mais amplo, o distanciamento social é uma iniciativa voluntária de caráter preventivo e que visa a diminuição de interação entre as pessoas de uma comunidade (socialização) para diminuir a velocidade de transmissão do vírus. Por ser uma medida voluntária e de cunho social, não existem normativos legais que versem sobre o distanciamento. Por sua vez, a medida de isolamento, prevista no inciso I, da Lei 13.979/2020, e regulamentada pelo artigo 3º, da Portaria do Ministério da Saúde n. 356, de 11 de março de 2020, é uma medida que visa separar as pessoas doentes (sintomáticas ou assintomáticas) das não doentes, para evitar a propagação da infecção e transmissão local do vírus. A medida administrativa de isolamento somente poderá ser determinada por prescrição médica ou por recomendação do agente de vigilância epidemiológica, por um prazo máximo de 14 (quatorze) dias, prorrogáveis por igual período, podendo, ainda, ser domiciliar ou em hospitais.

Já a quarentena, prevista no inciso II, da Lei 13.979/2020, e regulamentada pelo artigo 4º da Portaria 356, é a restrição de atividades que têm como objetivo garantir a manutenção dos serviços de saúde em local certo e determinado. A medida de quarentena será determinada mediante ato administrativo formal e devidamente motivado, e deverá ser editada por Secretário de Saúde do Estado, do Município, do Distrito Federal ou Ministro de Estado da Saúde ou superiores em cada nível de gestão, publicada no Diário Oficial e amplamente divulgada pelos meios de comunicação.

Ainda, nos termos no §2º do artigo 4º da Portaria 356, a medida administrativa de quarentena será adotada pelo prazo de até 40

(quarenta) dias, podendo se estender pelo tempo necessário para reduzir a transmissão comunitária e garantir a manutenção dos serviços de saúde no território. O descumprimento das medidas de isolamento e quarentena, previstas na Portaria 356, acarretará a responsabilização das pessoas físicas e jurídicas relacionadas à violação, nos termos previstos em lei. Por sua vez, o bloqueio total ou lockdown é um conjunto de intervenções previstas no artigo 3º, da Lei 13.979/2020, aplicadas a uma comunidade, uma cidade ou uma região, com o objetivo de restringir a interação entre as pessoas e interromper totalmente toda e qualquer atividade não essencial por determinado período de tempo. São exceções do lockdown as saídas para prestar/realizar atividades básicas como vender/comprar mantimentos ou remédios<sup>1</sup>, nos termos do §8º da referida Lei<sup>2</sup>.

Por fim, cumpre ressaltar que o Supremo Tribunal Federal decidiu, recentemente, que as medidas adotadas pelo Governo Federal para o enfrentamento do novo coronavírus não afastam a competência concorrente, nem a tomada de providências normativas e administrativas, pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios. Portanto, o ideal seria que o princípio do federalismo cooperativo fosse a tônica da interlocução entre os entes federais, de maneira a que as políticas públicas a serem adotadas fossem conduzidas sob o signo da eficiência e efetividade, e com o menor custo social e econômico possíveis.

-

1 - Ministério da Saúde (Brasil). Portaria nº 356, de 11 de março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Diário Oficial da União, Brasília, DF, ed. 49, seção 1, p. 185. 12 Mar 2020 [citado em 7 Abr 2020]. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>.

2 - § 8º As medidas previstas neste artigo, quando adotadas, deverão resguardar o exercício e o funcionamento de serviços públicos e atividades essenciais.

# Em meio à Pandemia do COVID-19, como manter seu direito à saúde mental?

**Aline da Silva**

Mestre em Direito Político e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas

**Marcelo Alves dos Santos**

Doutor e mestre em Psicologia Social e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie Campinas

07/04/2020

A sociedade está em constante transformação, porém fato notório é que será uma antes do covid-19 e outra pós covid-19. É possível perceber a rápida mudança: se há poucos dias o Brasil reportava notícias de muito esbanjar alegria por conta do Carnaval, computando ganhos financeiros pelo turismo, o apresentado agora no cenário coletivo, reproduzido na maior parte das redes sociais, é de medo, especulações e precauções diante daquele que já se instalou em nossa sociedade, o coronavírus.

Tudo gira em torno de dados reais, mas também, algumas especulações sobre possíveis resultados da chegada do vírus neste ou naquele país. O que se vê é muito medo, insegurança, incerteza e tristeza, além de crises econômicas agravadas, aumentando a desigualdade e tantos problemas sociais sempre presentes.

Se considerarmos antes do covid-19, não havia só o Carnaval, havia também certo consenso da necessidade de postagens, em redes sociais, que demonstrassem "estar tudo bem". Sentimentos criados a partir de um mundo virtual, onde quase tudo é representado por aquilo que as pessoas gostariam que fosse real ou contínuo. Na medida em que tais movimentos se intensificam no mundo virtual, percebemos na grande maioria dos casos, a transformação da subjetividade, comprometendo a individuação e subordinando a esfera privada a uma razão tecnológica.

E assim, o Instagram e o Facebook foram inundados por selfies

de pessoas esbanjando felicidade, reforçando o mundo dos espetáculos virtuais, transformando o privado em público, convertendo o sujeito em objeto de si mesmo. Cujo resultado, é a vida girando entorno das redes sociais, tornando as postagens protagonistas de qualquer passeio. Um exemplo disso, é o período recente de férias e festas de final de ano, pois parece que todo mundo viajou ou realizou atividades incríveis. Durante o ano, os finais de semana costumam representar felicidade contínua, sendo a semana árdua por conta de trabalho e estudo.

Não percebemos, ou fingimos cinicamente não perceber, que a dura e atual realidade, deveria ser o suficiente para que as pessoas não se iludissem com curtidas, ou mesmo, compartilhamentos. No entanto, nota-se significativa diferença no momento presente: alguns com postagens educativas e solidárias ao caos gerado pela pandemia, enquanto, infelizmente, de outro lado vemos inúmeros "memes" e outras postagens debochadas a respeito da quarentena e da pandemia, numa tentativa de subversão da realidade social e manutenção da ilusão promovida nesses espaços. Em outros, notamos ainda uma certa alienação. Ou seja, o "mundo de Alice" permanece, numa negação das contradições sociais, amenizando o impacto que a realidade anuncia, mortes mundo a fora.

Sabemos que tristeza dá medo e parece-nos contraditória. A tristeza não é publicável, pois demonstra fraqueza e vulnerabilidade. O medo também parece tudo isso, já que deriva da sensação de insegurança, cuja prevalência pode levar a falta

de confiança em si mesmo, com possível extensão às instituições constituídas. Porém, perceba, que a tristeza pode ensinar e o medo a prevenir.

A bem da verdade, estudos demonstram que no nosso dia-a-dia temos momentos de felicidade e de tristeza, assim como outras emoções básicas. Porém, alguns problemas são localizados quando experienciamos o excesso de alguma delas ou o prolongamento de algumas delas; mesmo a felicidade "em excesso e contínua" pode desembocar em euforia.

Ser humano é ser rico em emoções. Sentir, viver e deixar transparecer os seus impactos. Há na vida uma busca incessante pela felicidade, pois um ser que busca seu desenvolvimento pleno, busca por mais momentos em que possa sentir bem-estar. Já, a tristeza podendo ser vista como fonte de aprendizado, traz em sua existência a oportunidade de se saber como lidar melhor ela. Este ponto passa por aspectos de saúde mental.

A saúde é um direito de todos e dever do Estado, apresentado no texto da Constituição Federal. Mas o que isso significa? Que qualquer pessoa, independentemente de qualquer característica, deve ter acesso à promoção de sua saúde física e mental, bem como aos tratamentos eventualmente necessários para que se recupere. Significa ainda que o Estado precisa mobilizar recursos e pessoas para assegurar toda uma estrutura em prol disto.

No entanto, não podemos ignorar o seguinte fato, que a saúde mental perpassa pela própria colonização do imaginário, frente a concepção do entendido como sendo normal ou patológico no indivíduo. Pois, tal entendimento sobre saúde mental, também é atravessado pelo momento histórico no qual vivemos, delimitado pela fluidez dos vínculos, marca desta sociedade contemporânea, inserida nas próprias características da modernidade, mas também, pela sobrevivência em tempos de covid-19 e futura recessão econômica. Nesse momento, adentramos numa projeção de possíveis transformações que impactarão na sociedade pós-coronavírus.

O cumprimento pelo Estado, da obrigatoriedade à saúde, não é tarefa fácil, muito menos em um cenário de pandemia, em que para o próprio gestor público faltam respostas para as mais diversas perguntas. De qualquer forma, várias medidas foram tomadas e estamos sendo cotidianamente atingidos, porém serão todas efetivas?

No momento, espera-se que o Estado empenhe todos os esforços em evitar a propagação de casos de infecção pelo COVID-19, evitando o risco da doença, auxiliando a população a se manter calma e bem orientada, por meio de informações oficiais claras. Em outras palavras, por óbvio, que é dever do Estado manter a população informada do que é e como fazer diante de eventuais sintomas do vírus, bem como o tratamento adequado de infectados, respeitando os desdobramentos do princípio da publicidade que orienta a atividade da Administração Pública e do seu dever com relação à efetividade do direito à saúde.

A atuação do Estado, demonstrada e explicitada em coletivas quase que diárias, ilustram sua ação frente a pandemia, mas e das pessoas, o que se pode esperar? Acredita-se que para a grande maioria está sendo difícil ver escolas e outros espaços fechados, empresários pensando no que pode acontecer ou no que vai efetivamente acontecer, prejuízos financeiros às claras e, sobretudo, o crescente número de diagnósticos e casos em análise. Difícil também a questão de ter de se adaptar a novas/velhas rotinas de cuidados de higiene pessoal, orientações de distanciamento, isolamento e mudanças bruscas em rotinas.

Nota-se que algumas pessoas já estão em pânico, mesmo em casa, no trabalho ou no deslocamento. Mas, há àqueles que estão descobrindo novas formas de otimizar o tempo em casa ou como melhorar a dinâmica e o ambiente de trabalho, ou ainda, como se deslocar com mais cuidado para evitar a contaminação.

De qual lado você está? Se do segundo, apenas siga, persista na colaboração. Se do primeiro lado, o que pode fazer para mudar de perspectiva? É claro que o novo, o diferente, ou mes-



mo, a falta de uma vacina lembrando sobre nossa mortalidade assusta, mas será que não é possível olhar de maneira diferente para tudo isso? Que tal se inteirar do fato de que muito está sendo feito no Brasil e no mundo para combater o covid-19?

Neste momento, apesar da dificuldade apresentada, buscar equilíbrio emocional, ora traduzido em melhor tomada de decisões sobre a condução do dia-a-dia, ora em como lidar com os problemas, que já transformam a realidade. Realidade esta que antes fora negada e que agora é enfrentada neste combate diário, mas que é iniciado em nossa própria mente.

Assim, além dos cuidados básicos de higiene, isolamento voluntário ou determinado, e orientações já dadas por autoridades públicas no mundo inteiro, se faz o convite ao bem da saúde mental, reforçados por conteúdos informativos construtivos. Nesse sentido, as redes sociais podem representar importante ferramenta para esta manutenção, desde que não especule

desastres ou caos, não se torne fonte de "Fake News" e nem espaço de alienação de um "Mundo de Alice".

Cada pessoa pode assim colaborar com a disseminação de uma efetiva cultura de informações e orientações reais, levando ao sentimento de paz e harmonia, alterando o estado de pânico e propiciando de forma séria o direito à saúde mental de todos. Lembremos que paz dá sentido à nossa vida e não se realiza sem esforços individuais e coletivos. Lembremos ainda que o texto da lei fala em dever do Estado em promover saúde, mas será que cada pessoa não pode ajudar? Em sugestão, a saúde é direito de todos, só que também é dever de todos.

Em resumo, que o Estado faça sua parte e que possamos aguardar bons resultados dos programas e políticas públicas em andamento, e que cada ser humano, cidadão conectado com o sentido de pertencer à comunidade brasileira e global, também possa se dispor a cuidar de sua própria saúde mental e com a dos outros, eis que cada um conta.

# A chama acesa do coronavírus: A relação entre a pandemia de COVID-19 e a epidemia do tabagismo

Renata Domingues Balbino Munhoz Soares

Advogada, professora e coordenadora do Grupo de Estudo "Direito e Tabaco" da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É doutora em Direito Político e Econômico e autora do livro "Direito e Tabaco, Prevenção, Reparação e Decisão"  
25/03/2020

Qual a relação entre o coronavírus e o tabagismo? Declarado pela OMS como epidemia global, o tabagismo é uma doença que já matou 100 milhões de pessoas no mundo no século XX (mata mais de 7 milhões de pessoas todos os anos). Já o coronavírus, declarado como pandemia em 2020, com quase 168 mil casos, registrou mais de 6 mil mortes em poucos meses.

Em razão da preocupação global com a epidemia do tabagismo, a OMS aprovou o Primeiro Tratado Internacional de Saúde Pública -- A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, em 2005, com a adesão de mais de 180 países. Políticas públicas tem sido desenvolvidas em várias nações para conter tal epidemia, dentre elas, a adoção de legislação de combate ao fumo, de embalagens padronizadas de cigarros, de proibição de publicidade e patrocínio, proibição da comercialização de cigarros eletrônicos, aumento de impostos, dentre outras.

Relatório da OMS sobre tabaco destaca atuação brasileira: "O Brasil é um dos primeiros países do mundo a alcançar o mais alto nível das seis medidas MPOWER de controle do tabaco, ou seja, M = monitor tobacco use and prevention policies (monitoramento do consumo de tabaco e das políticas de prevenção); P = protect people from tobacco smoke (proteção das pessoas da fumaça do tabaco); O = Offer help to quit tobacco use (oferecer ajuda para deixar o consumo de tabaco); W = Warn about the dangers of tobacco (advertir sobre os perigos do ta-

tabaco); E = Enforce bans on tobacco advertising, promotion and sponsorship (aplicar as proibições da publicidade, promoção e patrocínio do tabaco); R = Raise taxes on tobacco (elevar impostos sobre o tabaco).

Isto significa conseguir implementar as melhores práticas no cumprimento das estratégias preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Desde que começou a monitorar o uso do tabaco, em 2006, o Brasil reduziu seu número de fumantes em 40%, de 15,7% para 9,3% da população."

O Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em sessão extraordinária da Comissão Geral da Câmara dos Deputados, sobre a Pandemia por Coronavírus, afirmou que embora no Brasil a prevalência do fumo tenha sido reduzida após a implementação de muitas dessas medidas, na China e na Europa, o índice de tabagista aumentou nos últimos tempos.

Será que o elogiado programa de controle do tabagismo brasileiro deverá ser um diferencial na mortalidade pelo coronavírus no país, se comparado com países como a China e a Itália?

Para o Centro de Apoio ao Tabagista, organização da sociedade civil carioca, cujos membros estudam o tema tabaco há décadas e trabalham com o foco no controle do tabagismo, "segundo diversos estudos recentes, o tabagismo é de longe

o principal fator de risco para os casos complicados e óbitos chineses por COVID-19. Alguns deles falam em risco 14 vezes maior. A cada dia que passa, temos a certeza de que combater todas as formas de combater o uso de tabaco e a dependência química em nicotina foi uma sábia escolha, tomada há décadas, da Saúde Pública brasileira."

No entanto, em recente artigo, a Knowledge Hub for Waterpipe Tobacco Smoking, com escritório regional na Universidade Americana de Beirute, Faculdade de Medicina de Beirute, Líbano, publicou pesquisa sobre o aumento do risco de infecção por COVID-19 entre fumantes e entre usuários de narguilé. Entre suas conclusões estão: "fumar aumenta o risco de infecções bacterianas e virais, e os fumantes têm um risco de 2 a 4 vezes maior de doença pulmonar pneumocócica invasiva, uma doença associada à alta mortalidade. O risco de influenza é duas vezes maior e mais grave em fumantes, em comparação com não fumantes."

Eles ressaltam que "ainda não há evidências robustas para sugerir um risco aumentado de infecção entre fumantes; no entanto, a análise das mortes por coronavírus na China mostra que os homens têm maior probabilidade de morrer do que as mulheres, algo que pode estar relacionado ao fato de muitos homens chineses fumarem mais do que as mulheres. Entre os pacientes chineses diagnosticados com pneumonia associada ao COVID-19, as chances de progressão da doença (inclusive até a morte) foram 14 vezes maiores entre as pessoas com histórico de tabagismo em comparação com as que não fumavam. Esse foi o fator de risco mais forte entre os examinados."

O uso do narguilé, tema da campanha do Dia Nacional de Combate ao Fumo de 2019, foi objeto de estudo cuja conclusão ressalta que "possui uma característica peculiar: um único cachimbo pode ser usado por várias pessoas simultaneamente. Tal fato reforça o aspecto da socialização do cachimbo, algo muito atraente, especialmente para os jovens, o que é corroborado com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), Manual de Orientações Dia Nacional de Combate ao Fumo 2019."

Nota-se que o narguilé é uma forma de tabagismo praticado em grupos. A mangueira é passada de pessoa para pessoa, e o mesmo bocal é geralmente usado por todos os participantes.

Segundo o site da Knowledge Hub for Waterpipe Tobacco Smoking, "mesmo que o tubo e o bocal sejam utilizados apenas por um cliente de cada vez, deve-se observar que os canos de água e mangueira são geralmente reutilizados por outros clientes de fumo no mesmo dia, o que pode ser prejudicial à saúde, por contaminação com microrganismos infecciosos. O risco de transmissão de agentes microbianos infecciosos através de cachimbos de água é alto". Neste sentido, algumas medidas foram tomadas por países da região do Mediterrâneo oriental, Irã, Kuwait, Paquistão, Catar e Arábia Saudita, como a proibição do uso de shisha (ou narguilé) em locais públicos, em vista do risco potencial de infecção por COVID-19.

Por fim, tema de muitas discussões no Brasil e nos EUA, o cigarro eletrônico também é fonte de doenças pulmonares. De acordo com reportagem do VivaBem (UOL), "a doença pulmonar relacionada ao uso do cigarro eletrônico ganhou um nome: Evali, uma sigla em inglês para "lesão pulmonar associada ao uso de produtos de cigarro eletrônico" ou vaping. A denominação foi dada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês)".

Estudo publicado pelo periódico Thorax revelou que "o vapor desses cigarros eletrônicos pode ser responsável por desativar as principais células do sistema imunológico no pulmão e aumentar as inflamações no organismo."

Assim, conhecendo um dos fatos que pode causar o aumento da chama recém acesa do coronavírus no mundo e no Brasil, resta-nos continuar no caminho das medidas de redução do tabagismo e coibir as novas modalidades de propagação do vício entre jovens e novos fumantes, como o cigarro eletrônico, o narguilé ou qualquer outro dispositivo que aumente os riscos de doenças crônicas e a mortalidade.

# A pandemia de COVID-19: Em jogo saúde pública e liberdades individuais

Renata Domingues Balbino Munhoz Soares

Advogada, professora e coordenadora do Grupo de Estudo "Direito e Tabaco" da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É doutora em Direito Político e Econômico e autora do livro "Direito e Tabaco, Prevenção, Reparação e Decisão"

21/04/2020

Como já recentemente analisamos no artigo A chama acesa do coronavírus: A relação entre a pandemia de COVID-19 e a epidemia do tabagismo, muitos casos graves relatados no mundo têm relação com o uso pelo paciente de tabaco ou outros produtos fumígenos, como o cigarro comum, o cigarro eletrônico e o narguilé.

No Brasil, a ANVISA alerta para um risco aumentado de coronavírus, ao afirmar que "o tabagismo, além de aumentar a incidência de doenças pulmonares e cardíacas e enfraquecer o sistema imunológico, entre diversas outras patologias, pode causar agravamento da Covid-19. As primeiras publicações relativas à epidemia na China demonstraram que o tabagismo é um fator de risco importante, pois aumentou em 14 vezes a chance de agravamento do novo coronavírus, em comparação com pacientes não fumantes." O INCA (Instituto Nacional de Câncer) também relata os riscos do tabagismo e do uso e compartilhamento do narguilé para infecção pelo coronavírus.

O Instituto O'Neill e Direito Nacional e Global de Saúde, ligado à Faculdade de Direito da Universidade de Georgetown, em Washington, nos EUA, tem se comprometido a analisar o desenvolvimento do surto, compartilhando os pontos de vista e a liderança de pensamento de seus especialistas em saúde pública. A organização criada em 2007, estuda soluções inovadoras para preocupações internacionais de saúde pública, em áreas como políticas públicas, saúde, direitos humanos, doenças infecciosas, drogas, dentre outras.

Oscar Cabrera, pesquisador na área de Saúde Pública e Direitos Humanos do Instituto O'Neill, que já esteve no Brasil para palestras sobre o controle global do tabaco, afirma que "o controle do tabaco e os direitos humanos não estão, de fato, em conflito, mas se reforçam mutuamente".

Nesse sentido, defendo o controle do tabaco e o controle da pandemia de covid-19, em defesa de direitos sociais (direito à saúde, direito ao trabalho, direito à educação), cuja participação do Estado deve ser efetiva, em consonância com direitos individuais, muitas vezes restringidos em nome de outros direitos. Os estados devem adotar políticas públicas de controle de epidemias e pandemias, bem como elaborar legislação específica, para promover uma melhor proteção do direito à saúde em face da epidemia do tabaco, e, mais recentemente, da pandemia de covid-19.

As restrições no Brasil à liberdade de fumar, como, por exemplo, a proibição de fumar em locais fechados, vem ao encontro da liberdade de não fumar e do direito à saúde do não fumante, além de alertar o fumante dos malefícios do cigarro à saúde. A Campaign for Tobacco Free Kids, organização que luta para proteger as crianças e salvar vidas da principal causa de morte evitável no mundo - o uso do tabaco -, publicou recentemente declaração em relação à covid-19: "Nunca foi tão importante para os fumantes parar e para os indivíduos evitar danos aos pulmões ao vapear", ressaltando em seus últimos estudos o perigo do cigarro eletrônico.

Dra. Nora Volkow, diretora do National Institute on Drug Abuse, alerta: "Como ataca os pulmões, o coronavírus pode ser uma ameaça especialmente séria para quem fuma tabaco, maconha ou vape. Portanto, é razoável se preocupar que a função pulmonar comprometida ou a doença pulmonar relacionada à história do tabagismo, como a doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), possa colocar as pessoas em risco de complicações graves do COVID-19. Vaping, como fumar, também pode prejudicar a saúde dos pulmões. Ainda não se sabe se pode levar à DPOC, mas evidências emergentes sugerem que a exposição a cigarros eletrônicos prejudica as células do pulmão e diminui a capacidade de responder à infecção."

No sentido de proteção da infância e da adolescência contra os malefícios do cigarro eletrônico, enaltecido nas redes sociais, Matthew L. Myers, presidente da Campaign for Tobacco Free Kids, que o "Facebook e Instagram anunciam novas políticas, sinalizando que as "plataformas podem finalmente abordar o marketing influente de tabaco e e-cigarros - uma estratégia am-

plamente usada pelas empresas de tabaco nas mídias sociais para contornar as leis de publicidade e comercializar produtos mortais em todo o mundo", como ocorreu com o Juul, nos Estados Unidos, que alimentou uma epidemia de cigarro eletrônico juvenil.

É o princípio da veracidade da publicidade, consagrado em nosso Código de Defesa do Consumidor, no art. 30. A publicidade não pode ser discriminatória, nem explorar o medo ou a superstição, aproveitar da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeitar valores ambientais, ou ainda, permitir a indução do indivíduo em comportamento prejudicial ou perigoso à saúde ou segurança.

A publicidade não pode enganar, deve corresponder à verdade e deve ser identificada como tal. Nós, estamos atentos a ela, em busca sempre da verdade e do respeito aos direitos sociais. Hoje, o maior de todos: a saúde.



# Voltando às empresas que operam na China

Vivaldo José Breternitz

Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor da Faculdade de Computação e Informática da Universidade Presbiteriana Mackenzie  
13/05/2020

É útil acompanharmos como grandes empresas que operam na China estão voltando ao trabalho, afinal, o mundo necessita estabelecer regras para o pós pandemia, e a China pode ser vista como um laboratório onde se descobrirá o que funciona e o que não funciona. Medidas óbvias estão sendo tomadas ali, como o uso de máscaras, desinfetantes e manutenção de distância entre os trabalhadores, mas naquele país, uma ditadura, vem sendo adotadas certas medidas que talvez sejam vistas com estranheza em países democráticos, como o uso obrigatório de aplicativos aprovados pelo governo para acompanhar o estado de saúde e os locais por onde as pessoas transitaram e a adesão compulsória a outras regras que variam de cidade para cidade. Mas há um ponto que todos parecem concordar: a vida não voltará a ser como antes.

A Foxconn, empresa taiwanesa que entre outros produtos fabrica iPhones, recomenda que seus empregados evitem o transporte público, lavem as mãos antes e depois de tocarem documentos e alcem com bastante espaço entre as pessoas. As salas de reuniões devem ter as janelas sempre abertas. Gigante da área química, a alemã BASF exige que os ônibus que transportam seu pessoal também tenham as janelas abertas, independentemente do frio. A temperatura dos que chegam às fábricas são tomadas e aqueles com febre são imediatamente enviados para um hospital; seus colegas são postos em quarentena. A empresa, em parceria com o governo, tenta descobrir se funcionários viajaram em trens ou ônibus em companhia de pessoas infectadas.

Todos na BASF são obrigados a usar máscaras; mesas e outras superfícies são higienizadas continuamente e nos refeitórios

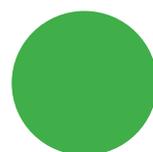
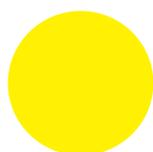
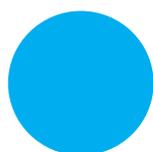
cada mesa só pode ser ocupada por uma pessoa. Os funcionários administrativos trabalham em regime de home office e as fábricas e laboratórios passaram a operar em dois turnos, diminuindo a quantidade de pessoas trabalhando simultaneamente; nas trocas de turno, as informações são passadas com o uso de telefones. Os motoristas do DiDi, a versão chinesa do Uber, todas as manhãs devem enviar um vídeo à companhia, comprovando terem higienizado seus carros, além de informarem sua temperatura, tudo com o uso de um aplicativo da empresa; devem também usar máscaras e luvas.

A gigante do e-commerce JD.com desinfeta todos os pacotes que saem de seus armazéns; seus entregadores, sempre usando máscaras, agora podem falar com seus clientes, o que eram proibidos de fazer anteriormente. Predomina o home office, mas os empregados que vão aos escritórios foram divididos em dois turnos; marcas no piso mostram onde as pessoas podem ficar e os elevadores foram programados para parar em determinados andares, para evitar que os usuários toquem os botões. Empresas de porte menor também tomam medidas de defesa: alguns restaurantes só permitem que clientes entrem após exibirem em seus celulares o "sinal verde" gerado pelos aplicativos aprovados pelo governo; esses aplicativos em breve serão unificados, operando à base de QR codes.

Em resumo: é uma luta diferente contra um inimigo novo e terrível; medidas como essas que vêm sendo tomadas na China provavelmente serão de difícil implantação nos países ocidentais, de cultura e governo muito diferentes, mas talvez sejam as únicas alternativas eficazes.



# COTIDIANO



Comportamento  
Educação  
Esportes

# À moda da pandemia: o comportamento de A a Z de estilistas, influencers e editoriais

Um alfabeto à disposição da indústria da moda. Páginas em branco a serem escritas num mundo transformado.

**Renata Domingues Balbino Munhoz Soares é Advogada**  
Professora e Coordenadora acadêmica da Pós-Graduação em Direito da Moda da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutora em Direito Político e Econômico; Especialista em Fashion Law pelo Milano Fashion Institute e Coordenadora do livro "Fashion Law - Direito da Moda" 11/05/2020

Escreveu Sêneca no final de sua vida: "Queres saber qual é a coisa que com maior empenho deves evitar? A multidão! Ainda não estás em estado de freqüentá-la em segurança. Eu confesso-te sem rodeios a minha própria fraqueza: nunca regresso com o mesmo carácter com que saí de casa; algo do que já pusera em ordem é alterado, algo do que já conseguira eliminar, regressa! O mesmo que sucede aos doentes que uma longa debilidade não deixa ir a parte alguma sem recaída, nos acontece, a nós, cujo espírito se está refazendo de uma prolongada enfermidade."

Com a letra "A", Armani, estilista italiano, inicia um novo e verdadeiro ciclo na indústria da moda pós-pandemia. Em carta à Women's Wear Daily (WWD), elogia o movimento do slow fashion e propõe a diminuição do ritmo como a única saída para a indústria da moda - percebermos o que realmente é importante. Para ele, não cabe ao segmento do luxo seguir os caminhos do fast fashion com o intuito de vender sempre mais. A crise do novo coronavírus deve definir uma nova paisagem.

Nas últimas "lives", que tanto nos permitem o contato mais próximo durante essa pandemia, Cietta (Enrico Cietta) deu o tom do futuro da moda. Como economista, atuando no mercado da



moda e vivendo as realidades italiana e brasileira, alertou para a qualidade da criação na velocidade da moda, para a sustentabilidade, a conscientização do consumo e o investimento na tecnologia sustentável.

Pugliesi, influencer brasileira (Gabriela Pugliesi), é um exemplo, não necessariamente na indústria da moda, que parece tropeçar. Durante a quarentena, promoveu festa em sua casa numa atitude contrária à preservação da saúde pública, ao comportamento ético (contrário ao bem-estar que tanto prega) e à solidariedade. Resultado? Perdeu seguidores e contratos com marcas. Nunca foi tão atual a tese a "A publicidade ilícita e a responsabilidade civil das celebridades que dela participam", guardada em minha biblioteca, escrita pelo saudoso amigo



Scartezzini.

Com o "R" de renascimento, e sob a expressão "Revenge spending" (o "gastar por vingança"), a China já vivencia os primeiros movimentos do mercado da moda pós-pandemia. Com um aumento das vendas no mercado de luxo em lojas de rua, a China questiona: trata-se de um fenômeno do mundo pós-coronavírus ou há outras razões para isso? Com as restrições de viagens para outros países, especialmente para Paris e Milão, as marcas de luxo chinesas tiveram um aumento de 15% das vendas em março, comparado com o ano anterior. No entanto, nos últimos anos houve também uma diminuição das taxas para compras no próprio país. O que podem já concluir é que os cuidados com a saúde, como a telemedicina, devem aumentar, mas as vendas tradicionais de varejo enfrentarão momentos de turbulência. O mercado de luxo, segundo pesquisas recentes, deve aparecer no meio do caminho, junto com a venda de bebidas e de coisas para casa.

Caminhando para o fim do alfabeto, e não menos importante, a Vogue Itália, com a capa em branco da edição de abril de 2020, mostrou seu DNA de não ser só entretenimento, mas de olhar para o que acontece no mundo. Não é esse o reflexo da moda? Com o branco do respeito, do renascimento e da cor dos uniformes das profissionais de saúde, trouxe o confinamento como exemplo do trabalho de cada um em casa, mas juntos num mesmo propósito. Editoriais da Vogue Espanha e Portugal seguiram a mesma linha: isolamento da sociedade e a nova realidade, conectada com o comportamento que nasce entre todos. No Brasil (...), precisamos refletir e agir!

Assim, Zegna, do grupo italiano de moda masculina de luxo, com doação pessoal de 3 milhões de euros à Agência de Proteção Civil da Itália, com o objetivo de ajudar médicos, enfermeiros e pesquisadores, acredita que "nossas ações de hoje determinam nosso futuro e que a pandemia com a qual estamos sendo confrontados é um apelo para que todos ajam." (Gildo Zegna, CEO da Ermenegildo Zegna).

# Sobre o Home Office

Célia Castro

Mestre em Administração e Professora da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília  
19/05/2020

Esta é a minha primeira experiência com o trabalho em casa - ou o que nos acostumamos a chamar de "Home Office", ou simplesmente a sigla "HO". É um tempo relativamente curto, motivado pela contingência da pandemia da Covid-19, mas uma experiência intensa, que me permite ter e compartilhar algumas impressões sobre essa experiência. Principalmente pelo fato de eu estar em HO por três empresas: uma instituição financeira e duas instituições de ensino superior.

Sou da Geração X. Não sou, portanto, "nativa digital", mas "migrante digital". Mais da metade da minha vida pessoal e profissional foi vivida em um contexto analógico, no qual termos como internet, digital, digitalização, home office, e-commerce, devices e outros - grande parte deles na língua inglesa - correlatos não faziam parte do meu cotidiano. E suas aplicações eram exercícios de imaginação em livros e filmes de ficção científica. Mas, para a minha sorte, a "Era da Informação" e o "Mundo Digital" chegaram. Digo "minha sorte" porque me sinto privilegiada por ter tido a oportunidade de viver esses "dois mundos". Com os desafios naturais de quem não se pode definir como "nativa digital", sinto que a convivência com a realidade "pré-digital" foi importante para enfrentar esses desafios.

Explico: por ter visto como as coisas aconteciam - e, em alguns casos, ainda acontecem - na versão analógica, incluindo a busca, a análise e a combinação de dados e informações até podermos gerar conhecimento, sinto, modéstia às favas, que tenho facilidade na "curadoria" desses conteúdos. Pode-me faltar a agilidade das gerações mais recentes e a sua louvável capacidade de experimentar e gerar inovações, mas sobram-me flexibilidade e capacidade de transitar em diferentes ecossistemas. Bem... mas ainda me faltava experimentar o tão alardeado Home Office. Era só o que me faltava. E não falta mais. No meio da ansiedade e da tristeza das consequências terríveis desta

pandemia, dentre as medidas adotadas para minimizar os seus impactos veio a necessidade de se adaptar ao Home Office - daqui para a frente, neste texto, apenas HO.

No início, senti pânico! Nunca pensei em trabalhar em outro ambiente que não fosse o ambiente de trabalho. Sempre pensei que casa é casa e local de trabalho é local de trabalho. Tinha dúvidas quanto à minha capacidade de não misturar as duas realidades, de ter disciplina para não me envolver com distraidores domésticos, de um lado, e de não "levar para a cama" as preocupações naturais do trabalho, de outro.

Além disso, eu tinha medo de não conseguir me entender com a tecnologia, de não conseguir acesso remoto aos conteúdos, sistemas, processos e pessoas da empresa e das faculdades. Via-me numa "distopia" causada pelo meu limitado conhecimento em Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, desesperada por não conseguir "acessar o e-mail corporativo", numa fila de espera pelo atendimento do Help Desk, "pagando o maior mico" fazendo perguntas idiotas ao "pessoal da TI", atrasando as entregas por conta da minha incompetência tecnológica. Fazendo valer as minhas declarações iniciais, antes mesmo de experimentar o HO: "Nem pensar em fazer HO! Não nasci pra isso, e nada substitui o trabalho presencial". Como todo aquele que nunca comeu jiló e diz que detesta jiló.

Felizmente, minha distopia não se realizou. Confesso que o início foi difícil. Lidar com diferentes plataformas - a empresa e as duas faculdades usam soluções diferentes - e com novas exigências decorrentes da nova forma de trabalho me causou angústia. A primeira semana me pareceu um ano! Senti-me esgotada, mental e fisicamente, apesar de não ter saído de casa. Tive dúvidas se conseguiria dar conta de tantos e-mails, tantas videochamadas, tantos hangouts, aulas em plataformas digi-

tais. E tudo isso, já que sou professora e gestora de equipe, sem descuidar do estado de espírito das pessoas, ainda mais em um momento desafiador como o desta pandemia. No fundo, passado este momento crítico, o que ficar realmente é o cuidado que temos com as pessoas, no trabalho, na escola, em casa, na rua.

Outro sentimento que preciso destacar neste relato é a inveja. Como senti inveja das pessoas que, nas redes sociais ou na mídia tradicional, diziam-se entediadas, compartilhavam "dicas" de como aproveitar o tempo em casa, descobrir novas habilidades, novas leituras, descobrir até o seu "eu interior". Eu ainda não tive tempo para nada disso! Não sei o que é tédio nesta quarentena! Pelo contrário: não tenho tido muito tempo - graças a Deus - para pensar em nada além do meu trabalho. O que eu mais temia, misturar a vida pessoal e profissional, aconteceu de fato.

Mas aí veio uma importante descoberta. O meu temor se transformou em uma constatação positiva. Na verdade, tudo se resume a tempos, movimentos e convenções. As facetas da vida pessoal, profissional, familiar são indissociáveis. Sempre estiveram juntas. As "fronteiras" são criações humanas. Aos poucos, vi que essas tão temidas fronteiras se dissolviam, à medida que também se dissolviam os medos iniciais de não saber lidar com a tecnologia, com as diferentes plataformas e com as exigências dessa nova forma de trabalho.

Depois de um mês de HO, os tempos e movimentos se ajustaram, a confiança em mim voltou, descobri novas formas de interagir com a equipe e com os alunos, aproveitando as funcionalidades das tecnologias de acesso remoto. Descobri que o HO não é um "bicho-papão". Mais do que isso, comecei a gostar desse "bicho-papão" simpático e que me permitiu continuar a trabalhar e a interagir com as pessoas, mesmo a distância.

Descobri, também, que tenho muito a agradecer. Faço parte de uma ínfima e privilegiada parcela que pôde continuar a trabalhar. Não apenas pelo fato de o meu trabalho - no banco e nas faculdades - envolver soluções intangíveis, baseadas em

conhecimento e informação, que facilitam a sua digitalização.

Mas principalmente pelo fato de eu ter acesso a tecnologias e a dispositivos, próprios ou colocados à minha disposição por essas organizações. Grande parte da população do Brasil não tem essa possibilidade. Muitos não têm sequer um lugar que possam chamar de "casa", ou vivem sem condições mínimas de saneamento que lhes permitam tomar os cuidados necessários para não se infectar com o coronavírus e outras enfermidades que já deveriam estar erradicadas. Continuar a trabalhar, se tinham um emprego, é para essas pessoas o contrário da minha temida distopia: é uma utopia.

Ainda estou em HO. Minha equipe toda está em HO, e espero que possamos continuar assim enquanto não tivermos a segurança de podermos nos reunir novamente e de forma presencial. Remotamente, continuamos juntos, no banco e nas faculdades. E tenho muito a agradecer à minha equipe e aos meus alunos por me ajudarem neste período. Se tive bons motivos para perder meus medos e passar a gostar do HO, muito devo às pessoas com quem trabalho e com quem aprendo todos os dias. Vocês, equipe, colegas e alunos, têm feito essa experiência valer a pena. A imagem que ilustra este artigo é de dois dos meus filhos felinos: meu caçula, o Max, e minha menina, a Catarina acompanham-me durante toda a jornada de trabalho em HO. Mais uma das vantagens deste período de trabalho em casa. E mais uma singela forma de lembrar que também existe amor na aparente frieza da distância.

Fiquem em casa. E fiquem bem.



# Home office em tempos de pandemia: umas poucas reflexões sociológicas

Rodrigo Augusto Prando

Professor e pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia, pela Unesp 22/04/2020



Muitos indivíduos e grupos sociais podem, pela natureza de seu trabalho, realizar o chamado home office, o desenvolvimento das atividades laborais e remuneradas no bojo de suas residências. Obviamente, já havia muitas categorias que se utilizavam de tal prática, mas diferente do que ora vivenciamos com a pandemia. Estar em home office sozinho é uma coisa.

Agora, trabalhar ao mesmo tempo que a companheira ou companheiro também trabalha e com filhos tendo aulas on line ou fazendo tarefas, tudo isso, junto, somando-se os afazeres domésticos de limpar, lavar e passar roupas e cozinhar é algo bem distinto e não planejado, ao menos, pela esmagadora maioria das pessoas no mundo. De qualquer maneira, penso que essa experiência será impactante em nossas relações de trabalho doravante, para o bem e para o mal. No Brasil, o coronavírus terá, certamente, mais peso - no universo profissional - que a recente reforma trabalhista. Pensar, portanto, ainda que de forma parcial, incompleta, acerca do que socialmente atravessamos, é retomar algumas ideias e autores, penso eu.

No âmbito dos estudos sociológicos, o trabalho sempre se destacou por sua centralidade, como, por exemplo, pode-se depreender da leitura de autores clássicos como Durkheim em Da divisão do trabalho social, Marx em O capital e Weber em A ética protestante e o espírito do capitalismo. Há, ainda, autores contemporâneos - cientistas sociais ou não - que se debruçaram sobre a temática e, à guisa de exemplo, temos Daniel Bell

(O advento da sociedade pós-industrial), Alvin Toffler (A terceira onda), Alain Touraine (A crítica da Modernidade), Domenico De Masi (A sociedade pós-industrial), entre outros. De meros caçadores e coletores, os seres humanos passaram a domesticar e cultivar. Essa evolução do trabalho liga-se à própria evolução da espécie humana.

O trabalho e a capacidade projetiva dos seres humanos, de planejar antes de realizar, os distingue de outros animais que agem por instinto, ligados ao aqui e agora. Abelhas e formigas dividem o trabalho e constroem colmeias e formigueiros, mas assim fazem da mesma maneira ao longo dos séculos, a não ser por mudanças evolutivas das próprias espécies. Abelhas e formigas não são produtoras de história, ao passo que os seres humanos ao modificarem a forma de trabalhar, da sua relação com a natureza, modificaram, também, a própria natureza e suas relações com os demais seres humanos.

Por isso, o trabalho e suas relações entre indivíduos, grupos e classes sociais sempre foi uma chave sociológica de alto poder explicativo sobre as estruturas sociais e sua mudança histórica. Seja na escravidão presente no período clássico greco-romano ou na servidão durante a Idade Média, o trabalho estava dentro de casa ou, quando muito, do lado de fora, na lida com a terra para o cultivo ou pastoreio de animais. Foi, a partir da Revolução Industrial, que uma mudança radical se deu: a separação do espaço de moradia e do espaço da produção, do traba-

lho. Das manufaturas chegou-se à indústria, com sua divisão do trabalho, especialização e necessidade de separar, ainda, o trabalho intelectual (de criação, projetos e administração) do trabalho manual, de execução no chão de fábrica.

Abaixo, tomo de empréstimo, trechos de Domenico De Masi, em seu livro, O ócio criativo: "Os princípios instaurados no interior da fábrica são completamente novos em relação ao trabalho agrícola ou artesanal. E são tão fortes que, embora formulados para a oficina, serão seguidamente aplicados também nos escritórios e, aos poucos, em todos os setores da sociedade. Depois da descoberta da agricultura e da criação de animais, pela primeira vez na história da humanidade repensar o trabalho significa repensar e reorganizar a vida inteira".

E continua: "Não se pode organizar o trabalho na grande indústria sem obrigar milhares de pessoas, que antes desenvolviam uma outra atividade no próprio lar, a sair de casa e ir para a fábrica. Mas estes milhares de pessoas, além de modificar o próprio ritmo de produção, deverão também modificar suas relações afetivas com os outros, sua relação com o bairro em que vivem e com a própria casa".

E finaliza: "É importante refletir hoje [escreveu em 2000] sobre tudo isso, pois estamos às vésperas de uma revolução nova e, igualmente, drástica: a da reorganização informática, graças ao teletrabalho e ao comércio eletrônico, que trarão de volta o trabalho para dentro dos lares e, assim, nos obrigarão a rever toda a organização prática de nossa existência".

Peço, ao leitor, para, aqui, abrir um parêntesis: gravei aula e postei material para meus alunos num software livre de apoio à aprendizagem em um ambiente virtual há alguns minutos. Minha esposa, também professora, está on line dando aula para seus alunos e meu filho, depois de fazer as tarefas enviadas pelas professoras do colégio, está no quarto assistindo uma série na televisão, numa plataforma de streaming. E, logo mais, enviarei esse artigo por e-mail para sua publicação num Blog. Hoje, os que estão no chamado home office são os que, na di-

visão do trabalho, se enquadram naqueles que desempenham funções intelectuais, criativas ou de gestão. Assim, professores, escritores, executivos, artistas, por exemplo, podem, de casa, entregar seus "produtos", que não são materiais. Na pandemia, ou mesmo antes dela, muitos podem realizar suas tarefas profissionais de casa e muitos outros não podem. Os que precisam de deslocar para as indústrias para produção de mercadorias ou os que fazem as entregas das compras on line, via aplicativos, não podem se dar ao luxo do home office.

Mesmo médicos e outros profissionais de saúde, ainda que comece a ser aceita a telemedicina, estão em hospitais e laboratórios trabalhando arduamente. Muitos dos autores "pós-industriais", especialmente de países capitalistas mais bem desenvolvidos economicamente, já compreendiam as mudanças da transformação de uma sociedade que tinha o lucro preponderante na indústria para a emergência e força do setor de serviços. E, à época, nem se avizinhava a sociedade conectada em rede, com velocidade de informações em tempo real e a financeirização do capitalismo. Não tenho, já para finalizar, dúvidas que a pós-pandemia transformará nossas vidas e, no caso, nossas relações de trabalho. Não sei se para melhor ou pior. Pressinto que poucos estarão preparados para a nova fase. Muitos professores, pesquisadores, intelectuais, escritores, executivos e artistas têm afirmado que estão aproveitando o isolamento social para ler e escrever ou repensar suas carreiras e trajetórias.

Contudo, li, no domingo, no Estadão, o depoimento de Janaína Tavares, entregadora de refeição, moradora de Itapevi, afirmando que "na semana passada, um cliente do Brooklin disse que eu podia ficar com o almoço que ele havia pedido. Disse que era um agradecimento pelo nosso trabalho. Quase chorei. Fazia tempo que não ganhava nada. Era um almoço com arroz, feijão, farofa e bisteca". Sobre o seu ganho indicou que "por dia, faço uns R\$58. Nos dias mais fracos, só consigo pagar a passagem mesmo". O que será de cada um de nós, de nossos trabalhos, pós-pandemia? O que será de Janaína?

# Motivos: Castigo ou Oportunidade?

Elisa Leão

Professora doutora de Psicologia da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília, psicóloga clínica e palestrante  
14/04/2020

Eu podia sair de casa, levar meus filhos para a escola, trabalhar, ir a academia, ao supermercado, ao shopping, almoçar fora, buscar meus filhos na escola, conversar com a professora, jantar fora, encontrar amigos, ir à igreja... talvez não nessa ordem, mas a minha vida era diferente do que estou vivendo nesses últimos tempos de isolamento social.

Alguém se identificou?

Tudo mudou, a liberdade foi roubada por algo invisível e perigoso. Um inimigo que chegou se impondo e embora microscópico, com um poder mortal. Mas por que? Qual é o motivo? Por que ficar sem a liberdade do dia a dia? Por que ter problemas com o salário? Perder pessoas queridas? Ter problemas sociais? Ter Problemas econômicos? Por que ter que trabalhar e trabalhar em casa e trabalhar para a casa e cuidar das crianças e ter que se transformar em faxineira, professora e tudo isso de uma vez? Em alguns momentos isso parece castigo! Castigo? Por que?

Mas... não preciso acordar tão cedo para acordar às crianças e leva las para a escola. Posso tomar café com todos da casa e ainda ter ajuda para tirar a mesa. Não preciso pegar trânsito para ir ao trabalho e esse tempo que ganhei, posso entrar em contato com pequenos desafios que eram tão difíceis como arrumar uma gaveta ou o armário.

Desafios como entrar na mais profunda intimidade que havia ficado silenciada pelos barulhos das distrações. Desafio de olhar para a própria individualidade e as próprias escolhas per-

cebendo que tudo tem dois lados e posso escolher qual deles eu vou focar.

Não vou ao supermercado e posso descansar dessa tarefa, acionando aplicativo, sentada no sofá. Estou economizando dinheiro porque não vou ao shopping, não compro roupa e nem preciso nesse momento. As roupas precisam ser lavadas, mas passadas, só aquelas que aparecem na tela da vídeo conferência. Hoje, o almoço foi um pic nic no chão da sala, pois a mesa estava lotada de papéis, cadernos, computador, já que todos estão trabalhando juntos, sentados lado a lado. Quando acabamos de comer, todos tiraram os pratos do chão, lavamos e guardamos juntos, afinal de contas já havia sido feita a negociação de flexibilizar o local de almoço e o ajudar a arrumar a cozinha. Ganhamos um "bate papo" despretenso e cheio de significados cúmplices de uma família unida pelo amor. Através de olhares mais demorados, entendemos que não somos perfeitos e que isso não importa, desde que tenhamos mais desses olhares amorosos.

Será melhor assim do que olhares de acusações, isso tornaria as coisas muito mais difíceis. Fatalmente, acompanhei as aulas dos meus filhos e quase chorei de emoção ao ouvir minha filha dizer que estava feliz em ver os amigos através daquela vídeo aula organizada pela escola que teve que se adaptar a força, a essa nova realidade. Senti profundamente que essas crianças também estão sofrendo, que eles também perderam e que estão se adaptando a realidade atual. A emoção também veio à tona quando percebi a professora do meu filho que mesmo sem experiência, transformou se numa educadora virtual e está

fazendo melhor que muitas profissionais da área de ensino a distância.

O momento escancara perdas e também perdas de pessoas queridas. Senti que é preciso aproveitar ao máximo essas pessoas da maneira que for possível. No momento, por ligações de vídeo, ouvindo a voz, observando a expressão facial, as palavras mais usadas, os contextos, as preocupações, o so-taque. Coisas que não chamavam a atenção, mas agora salta aos olhos com um significado especial. É como se estivesse conhecendo uma parte dessas pessoas que ainda não tinha visto ou que o desgaste natural das relações não permitisse que se vissem nelas, fatores positivos.

Castigo ou oportunidade?

Depois do susto de sair da zona de conforto a força, enfrentar a situação é uma oportunidade. Olhar ao redor mostrou o bom de estar mais próxima dos meus filhos, do meu marido, da mi-

nha casa e de uma parte, muitas vezes terceirizada e que é conquista de uma vida, é escolha pessoal. Oportunidade de ver detalhes, sem distrações, do que realmente vale a pena! Oportunidade de aproveitar esse momento que vai passar. A vida normal vai voltar, a rotina vai se instalar novamente, mas quando isso acontecer, penso que estaremos um passo adiante no nossa caminhada pessoal. O inimigo invisível trouxe um confronto direto, um tapa na cara, de que temos que cuidar de nós, temos que cuidar do outro próximo e temos que cuidar do outro longe para sobrevivermos. Temos que valorizar quem cuida de nós, quem nos ajuda a cuidar dos nossos filhos, da nossa casa. Falar de Motivos? Muitos!

O motivo da possibilidade de conviver consigo mesmo, percebendo o que realmente vale a pena. Superando os desafios complexos do momento que exige auto controle, empatia, sociabilidade, criatividade e fé!

O que vale realmente é a vida e o que é vida nessa vida.



# A Docência no Ensino Superior - A relação professor e estudantes nativos digitais

Professora Doutora Julia Maurmann Ximenes

Coordenadora da Pós-Graduação e Extensão e Assessora Didático-Pedagógica da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília

O ensino superior do século XXI tem um relevante desafio: adaptar uma estrutura secular de transmissão do conhecimento centrada no professor para um formato no qual o centro da atenção é o aluno. No lugar das tradicionais perguntas o que ensinar, por que ensinar, para que ensinar e como, a pergunta passa a ser: como aprender? A problematização aqui discutida reside na diferença entre os modelos mentais de professores e estudantes.

O gatilho para a pergunta “como aprender” está no que Prensky chama de “nativo digital”. Este é o novo aluno: um nativo na linguagem digital dos computadores, do videogame, da internet. Um aluno com algumas características intelectuais marcantes como estilo comunicativo fundamentalmente visual, atitude exploratória, habilidade para manusear tecnologias e manejar diversas informações simultaneamente, preferem trabalhar em rede, são mais práticos do que teóricos.

Considerando este perfil, o professor, normalmente de uma geração que precisa imprimir o e-mail recebido ou que prefere revisar um documento impresso e não diretamente na tela do computador, precisa assumir um novo papel de mediador, potencializando o uso de novos instrumentos e ferramentas na gestão didático-pedagógica.

Contudo, este professor precisa compreender que o aluno mudou e velhas práticas pedagógicas não são viáveis diante do nativo digital. O professor precisa convencer o aluno de que a aprendizagem vale a pena, que merece sua atenção. Diante

das inúmeras possibilidades de informação que o nativo digital tem, por que prestar atenção em um professor que reproduz uma gestão didático-pedagógica do século XX? Que só repete o que ele lê, e este conteúdo é rapidamente encontrado na internet? Que o conteúdo pode ser aprofundado sem a participação deste professor?

A resposta mais frequente a esta inquietação é a utilização de metodologias ativas, ou seja, diferentes estratégias que focam na problematização dos diferentes temas apresentados em sala de aula. Alguns exemplos são estudo dirigido, simulações com role play, sala de aula invertida, mapas conceituais, jogos, dentre outros.

Apesar da relevância das metodologias ativas como resposta à problematização apontada aqui, elas não resolvem sozinhas a questão. Para efetivamente alcançar o nativo digital, o professor precisa mudar, percebendo o aluno como um sujeito que precisa ser envolvido na relação didático-pedagógica e não um sujeito que apenas recebe o conteúdo.

Atrelado à ideia da aprendizagem significativa, que é a interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, o desafio do professor passa a ser de convencimento: o aluno deve apresentar uma predisposição para aprender a partir de incentivos.

Obviamente que o professor não é o único ator e não retiramos a responsabilidade do aluno, especialmente no ensino superior.

O ensino superior do século XXI tem um relevante desafio: adaptar uma estrutura secular de transmissão do conhecimento centrada no professor para um formato no qual o centro da atenção é o aluno. No lugar das tradicionais perguntas o que ensinar, por que ensinar, para que ensinar e como, a pergunta passa a ser: como aprender? A problematização aqui discutida reside na diferença entre os modelos mentais de professores e estudantes.

O gatilho para a pergunta “como aprender” está no que Prensky chama de “nativo digital”. Este é o novo aluno: um nativo na linguagem digital dos computadores, do videogame, da internet. Um aluno com algumas características intelectuais marcantes como estilo comunicativo fundamentalmente visual, atitude exploratória, habilidade para manusear tecnologias e manejar diversas informações simultaneamente, preferem trabalhar em rede, são mais práticos do que teóricos.

Considerando este perfil, o professor, normalmente de uma geração que precisa imprimir o e-mail recebido ou que prefere revisar um documento impresso e não diretamente na tela do computador, precisa assumir um novo papel de mediador, potencializando o uso de novos instrumentos e ferramentas na gestão didático-pedagógica.

Contudo, este professor precisa compreender que o aluno mudou e velhas práticas pedagógicas não são viáveis diante do nativo digital. O professor precisa convencer o aluno de que a aprendizagem vale a pena, que merece sua atenção. Diante das inúmeras possibilidades de informação que o nativo digital tem, por que prestar atenção em um professor que reproduz uma gestão didático-pedagógica do século XX? Que só repete o que ele lê, e este conteúdo é rapidamente encontrado na internet? Que o conteúdo pode ser aprofundado sem a participação deste professor?

A resposta mais frequente a esta inquietação é a utilização de metodologias ativas, ou seja, diferentes estratégias que focam na problematização dos diferentes temas apresentados em sala

de aula. Alguns exemplos são estudo dirigido, simulações com role play, sala de aula invertida, mapas conceituais, jogos, dentre outros.

Apesar da relevância das metodologias ativas como resposta à problematização apontada aqui, elas não resolvem sozinhas a questão. Para efetivamente alcançar o nativo digital, o professor precisa mudar, percebendo o aluno como um sujeito que precisa ser envolvido na relação didático-pedagógica e não um sujeito que apenas recebe o conteúdo. Atrelado à ideia da aprendizagem significativa, que é a interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, o desafio do professor passa a ser de convencimento: o aluno deve apresentar uma predisposição para aprender a partir de incentivos.

Obviamente que o professor não é o único ator e não retiramos a responsabilidade do aluno, especialmente no ensino superior. O aluno também tem sua responsabilidade na construção do seu próprio conhecimento, na procura de novas informações e análises, reconhecidas como necessárias para a compreensão e resolução dos problemas.

Portanto, os atores envolvidos nesta dinâmica e complexa relação em sala de aula, professor e aluno, precisam respeitar suas diferentes trajetórias e vivências para ultrapassar a mera transferência de conhecimento, de conteúdo.

Por isso, a discussão é mais profunda – ela perpassa a relação entre professor e aluno não apenas no uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) ou de metodologias ativas. Uma problematização sem respostas prontas e acabadas, que demanda a compreensão da sala de aula como um espaço que exige envolvimento, compromisso, e não apenas troca de conteúdo.

A preocupação com a quantidade de conteúdo pode ser substituída pela qualidade do conteúdo trabalhado com os estudantes a partir de sua vivência, impactando de forma mais duradoura e significativa na sua trajetória de vida.

# Irmãos mackenzistas vencem em duas categorias de competição de Artes nos Estados Unidos

Família Rédua se destaca em produção de vídeo e artes visuais em disputa da Universidade de Yale

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
10/04/2020



Os irmãos mackenzistas Raquel (17) e Rafael Rédua (13) foram vencedores da competição de arte da 49ª edição da Yale Model United Nations (YMUN), ocorrida entre 23 e 26 de janeiro na Universidade de Yale, localizada na cidade norte-americana de New Haven, em Connecticut.

Raquel, foi a primeira colocada da categoria Film, eleita pelo júri colegiado da instituição. O irmão ficou em segundo lugar na categoria Visual Arts, pela escolha popular, em votação realizada no Facebook. “Eu fiquei bastante feliz e impactada, foi um misto de emoções”, disse a aluna da 3ª série do Ensino Médio, que já

havia ganhado o título de “Cidadã Global”, também com a produção de um vídeo, na mesma Competição, em 2019. “Quando soube do resultado, achei que era uma brincadeira, não consegui acreditar”, acrescentou Rafael. Ambos receberiam a premiação em uma solenidade organizada no campus do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília (CPMB), em abril, mas devido ao contexto de crise provocado pela pandemia do coronavírus, o evento foi adiado. Ainda não há data marcada.

Os alunos eram parte da comitiva formada por quatro mackenzistas, acompanhada pela coordenadora da Educação Internacional do CPMB, Erika Zaidan, que participou da tradicional simulação de crise da ONU, em Yale, com mais de 1.900 estudantes de todo o Planeta. A Competição de Artes, bem como outras concorrências intelectuais, ocorre concomitantemente, no espaço da Universidade, dentro da programação do YMUN. No evento, Raquel foi delegada das Filipinas e Rafael defendeu a bandeira da Irlanda. Ao mesmo tempo, os dois se preparavam para apresentar suas composições visuais.

O tema da disputa artística foi Conectando ideias, Conectando Culturas e despertou nos jovens uma reflexão sobre o relacionamento das pessoas, especialmente na sua faixa etária, com os meios tecnológicos e digitais de comunicação, bem como a influência dessas ferramentas no convívio humano. As ideias retratadas artisticamente e os conceitos que as sustentaram até serem reconhecidas pelo júri e pelo público da Competição de Artes foram fundamentadas nas aulas, programas e atividades do CPMB, nos debates entre os colegas de turma e pelas provocações feitas pelos professores, em sala de aula, como destacaram os irmãos. “Em uma tarefa proposta no CPMB, eu e um colega discutimos sobre como as pessoas podem estar conectadas a vários lugares, ao mesmo tempo, hoje em dias”, disse Rafael, responsável por uma das melhores obras da exibição artística.

Em seu desenho, o mackenzista retratou uma pessoa em um momento pensativo. Nesse pensamento, impresso visualmente no desenho, eram circulados lugares e outras pessoas que o

personagem já conhecia, mesmo sem tê-los encontrado pessoalmente. Uma analogia ao fato de a internet e as novas tecnologias da informação possibilitarem um acesso virtualizado a outros universos, simulando ou até substituindo o contato físico, pessoal, com determinada região ou pessoa. O protagonista da obra apresenta suas conexões com outras regiões e pessoas ao mesmo tempo em que enfatiza, também, as conexões dessas pessoas e regiões com ele, sublinhando a via multilateral de comunicação que permite a experiência do conhecer à distância. A ideia era representar o novo contexto de conectividade entre pessoas e localidades de todo o planeta. E destacar a facilidade dessa operação. “Uma mesma pessoa pode estar conectada a vários lugares e pessoas, bem como vários lugares e várias pessoas podem estar conectadas a uma pessoa”, explicou o aluno do nono ano do Mackenzie Brasília.

Por outro lado, Raquel fez um vídeo em que critica a nova experiência de convivência entre jovens da sua geração. O roteiro, classificado por ela como “simples”, traduz uma situação complexa, construída pela inserção das inovações digitais no cotidiano dos adolescentes. “As amigas chegam na sorveteria para conversar, tiram uma foto e depois ficam só mexendo no celular, sem dar atenção umas para as outras. Na sequência, todas vão embora, uma por uma, quase que sem se falar, e mostram a superficialidade da relação digital, devido à interação com o celular. Elas postam a foto, interagem com a rede, mas não se comunicam entre si, pessoalmente”, explica.

A proposta do vídeo foi concebida para um projeto da ExpoMack, a Feira Cultural do CPMB, que ocorre no 2º semestre de cada ano. Raquel e mais quatro amigas (Ana Beatriz Farias, Ana Clara Reis dos Santos, Julia Caetano Almeida e Leticia de Sousa Pereira), que são as atrizes do vídeo e também participaram da elaboração do enredo, ficaram responsáveis por apresentar um produto (vídeo) dentro da temática “Internet, Redes Sociais e Comunicação”, do segmento “Linguística” da Feira Cultural.

“Conversando com as meninas sobre o que apresentar em vídeo sobre um tema tão vasto, com tantas possibilidades, em

um vídeo de seis minutos, que embora seja pouco tempo para falar sobre tudo e bastante tempo para um vídeo, nós decidimos abordar como a tecnologia interfere nos relacionamentos entre as pessoas, muitas vezes as afastando”, comentou a mackenzista.

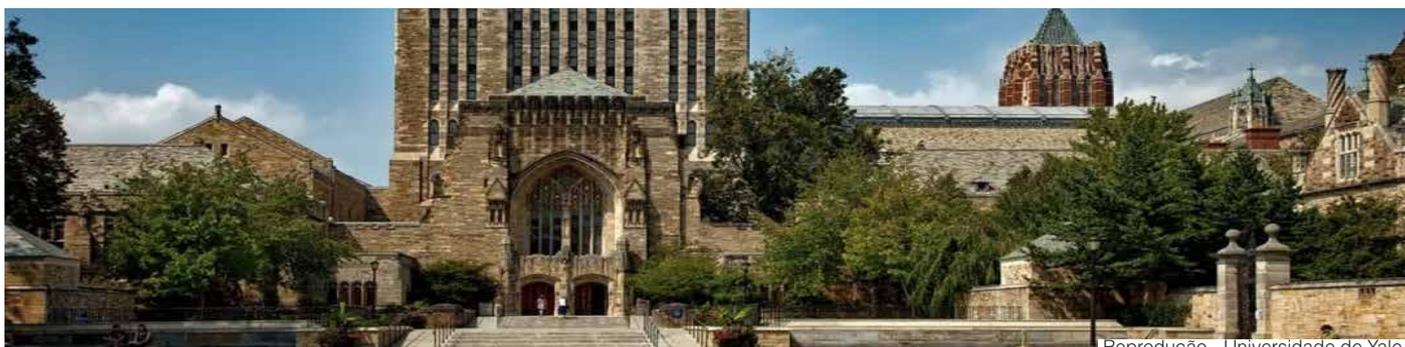
“Gravamos muitas cenas. Fomos ao Gilberto Salomão, aqui perto do Colégio, aqui no estacionamento, com o carro da minha mãe, e em outros lugares e situações, mostrando como as pessoas ficam desconectadas com o celular. E como isso impacta no dia a dia. Em novembro, decidimos, com a professora Erika Zaidan, ir para Yale, para a simulação da ONU, evento que também recebe diversas competições no campus da instituição, durante a programação. São pessoas do mundo inteiro compartilhando ideias, almoços com os professores, palestras e as competições. Foi então que eu editei o vídeo da ExpoMack, para o formato da competição, selecionando a cena específica e fazendo pequenas alterações, como a tradução dos “Quotes”, que compõem a comunicação e o estilo do vídeo”, continuou.

Raquel já havia ganhado, em 2019, o prêmio “Cidadã Global”, também na Competição de Artes - uma menção honrosa. Na ocasião, Raquel produziu para a temática “O que traz inspiração para você” um vídeo com imagens da natureza da sua cidade natal, o Rio de Janeiro, com uma discussão profunda como pano de fundo.

“Retratei várias flores diferentes. Coloquei algumas que são solitárias, algumas que andam em grupos, enfim, comparei as diferenças entre as flores com as diferenças entre os seres humanos, os diferentes comportamentos das pessoas. E as flores são para mim como as pessoas, inspiradora”, explicou.

Dessa vez, em 1º lugar na categoria Vídeo, Raquel será premiada em Brasília, com presentes da Universidade de Yale, um certificado e uma solenidade especial para anunciar o seu feito. “Eu acredito que o Mackenzie abriu as portas para mim em muitas coisas, principalmente nessa questão de participação da simulação da ONU, eu já entrei aqui pensando no InterMack e no InMack, no quanto essas propostas são sensacionais. Coisas que eu nunca tive antes. Não são só aquelas atividades dentro de sala de aula. São outras coisas também. Outras formas de ensinar e de nos inserir em debates importantes, como a discussão sobre redes sociais, tecnologia, relacionamentos, que eu acabei levando pro vídeo. A Roberta Savana, de redação, por exemplo, consegue, discutir muitos outros temas importantes para a nossa educação”, acrescentou Raquel.

Para a professora Erika Zaidan, a viagem foi triplamente importante. “Primeiro pela oportunidade de estar naquele ambiente, aprendendo, conhecendo uma outra cultura acadêmica, trocando informações e aplicando conteúdos que eles aprendem no Colégio. O que vale para todos que foram para o YMUN, incluindo a Julia Viveira e o Natan Moreira Martins. Depois, pelo reconhecimento da produção deles. Eles levaram reflexões importantes para a nossa realidade, representadas artisticamente, com muita competência e oferecendo ainda mais espaço para o debate sobre as problemáticas trazidas. E em último lugar, mas não menos importante, a possibilidade de trabalhar a pesquisa acadêmica, a capacidade de discursar em público, a ética e respeito nas relações, o trabalho em equipe, a negociação entre outras questões que são cobradas e exercitadas em uma simulação da ONU. Nós estamos muito felizes pelo que fizemos na YMUN e pelas vitórias dos Rédua”, concluiu a coordenadora.



# Mackenzie Brasília participa da segunda etapa do projeto Ceasa na Escola - Escola na Ceasa com alunos do 6º ano

Visita de alunos de mackenzistas à Ceasa marcou o lançamento oficial do programa. A ocasião foi acompanhada por autoridades do Governo do Distrito Federal, por representantes de entidades parceiras e pela direção do Mackenzie Brasília

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
10/03/2020

A concepção do hábito de uma vida saudável passa, necessariamente, pelo processo de conscientização sobre a importância de uma alimentação balanceada e rica em nutrientes, como as proteínas, os vegetais, os grãos, as folhosas e as frutas. Considerando essa perspectiva, o Mackenzie Brasília - que já tem uma série de atividades nesse sentido em seu calendário letivo - é a primeira escola do Distrito Federal a participar do projeto "Ceasa na Escola - Escola na Ceasa", que também tem como objetivo inserir o aproveitamento integral de alimentos nos ambientes familiar e escolar, além de discutir com os alunos a respeito da relevância da separação dos lixos e a compostagem de resíduos orgânicos.

No dia 9 de março, o diretor da Unidade Brasília do Mackenzie, Walter Eustáquio Ribeiro, e a coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental II (5º ao 8º ano), Rosimeiry de Castro, participaram, com os alunos do 6º ano do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília, da solenidade de lançamento da segunda etapa do programa, ao lado de autoridades do Governo do Distrito Federal (GDF) e de entidades parceiras do projeto. "É uma grande alegria para o Colégio Mackenzie fazer parte dessa parceria. Parabenizo este projeto por mostrar o valor da agricultura e sua relação com a alimentação", comentou o diretor.

Para o presidente da Ceasa-DF, Onélio Teles, a proximidade das crianças com o funcionamento da produção das frutas, legumes e verduras pode aproximá-las dos hábitos saudáveis de alimentação. "As crianças precisam saber como funciona a produção, a distribuição, e a comercialização dos produtos vendidos na Ceasa-DF. Aproximá-los dessa rotina ajuda, igualmente, a aproximá-los dos hábitos saudáveis. Preocupados com isso, criamos esse programa. O Mackenzie é participante do projeto piloto, que deu muito certo, e agora deve ser levado, também, a outras Escolas do DF", comentou o executivo durante o ato de entrega do certificado de participação aos estudantes. Onélio ainda garantiu a continuidade do projeto tanto para o colégio Mackenzie, como também para as escolas públicas do Distrito Federal.

A iniciativa foi lançada, ano passado, em outubro, na Feira Cultural do Mackenzie Brasília, quando houve a execução da primeira etapa do projeto, "A Ceasa na Escola". Com a participação desses mesmos alunos, então no 5º ano, a equipe da Ceasa-DF montou uma versão adaptada da feira, no Mackenzie, convidando os presentes para um debate sobre o trabalho da instituição e sobre a promoção do consumo de alimentos saudáveis. A visita do Mackenzie à Ceasa, no início de março,



antes do período de isolamento e quarentena, marcou a segunda etapa da proposta foi lançada, “A Escola na Ceasa”, que a princípio iria até o dia 20 daquele mês, com a participação de várias turmas do Colégio.

Os mackenzistas que estiveram na Ceasa, naquela data, participaram de um tour pelos diversos ambientes da Ceasa-DF, conhecendo de forma mais prática todo o trabalho da empresa no abastecimento e combate à insegurança alimentar na capital.

### Passeio

A visita se iniciou no espaço da Associação dos Empresários da Ceasa-DF (ASSUCENA), onde foram passadas instruções básicas sobre o passeio e os alunos puderam desfrutar de um delicioso café da manhã. Em seguida, os alunos visitaram o Mercado Livre do Produtor (PEDRA), onde puderam conhecer um pouco do ambiente de comercialização e da produção no DF. O próximo ambiente visitado foi o Banco de Caixas. Lá o empresário Luciano Vilela, falou sobre a importância da higienização e a forma correta de reutilização das caixas pelos produtores dentro da Ceasa-DF.

As crianças também tiveram contato com o equipamento de combate à insegurança alimentar no Distrito Federal, o Banco de Alimentos. No primeiro momento no Banco, a Diretora de

Segurança Alimentar e Nutricional da Ceasa-DF, Lidiane Pires, apresentou a elas o funcionamento do equipamento, focando principalmente nos três programas por ele executados - Programa de Doação Solidária, Programa de Aquisição de Alimentos e Programa Desperdício Zero. Em seguida, o Chefe da Seção de Meio Ambiente, e falou sobre a sustentabilidade dentro da empresa, destacando a sua importância. O último lugar visitado foi a Administração da Ceasa-DF, onde estava montada uma “mini Ceasa” e foi realizada uma oficina de sucos funcionais oferecida pela equipe de nutricionistas da Emater e do Banco de Alimentos, utilizando o aproveitamento integral de alimentos.

Para o Chefe-Geral da Embrapa, uma das parceiras do “Ceasa na Escola - Escola na Ceasa”, o projeto é importante para apresentar a importância da educação alimentar para as crianças. “Nós brasileiros comemos aproximadamente apenas um terço do que a OMS preconiza de frutas e hortaliças, é muito importante inserir esses alimentos na nossa rotina e esse projeto apresenta maneiras de inserir mais nutrientes na nossa alimentação”, afirmou o representante da Embrapa.

+“Sentimos que falta muitas vezes esse reconhecimento por parte da sociedade e as escolas são um meio excelente de apresentar como a agricultura no DF é forte e realizar essa interação entre sociedade, agricultor e comerciante”, afirmou ainda Luciano Mendes, secretário de Agricultura do DF.

# Mudança nas datas dos Jogos Olímpicos de Tóquio poderá beneficiar atletas em preparação

César Castro, ex-atleta Olímpico de Saltos Ornamentais, comenta o adiamento, que poderá favorecer suspensos por doping ou lesionados

Mackenzie Brasília

Da Redação  
06/04/2020

O ex-atleta Olímpico de Saltos Ornamentais, César Castro, hoje professor de Educação Física e treinador da modalidade no Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília (CPMB), acredita que o adiamento de um ano nas datas reservadas para a 32ª edição dos Jogos Olímpicos, em razão da pandemia mundial provocada pelo coronavírus, será, em maior parte, positiva para os atletas em treinamento, para a organização do evento e para os espectadores.

"A decisão de adiar por um ano foi a mais acertada, melhor para todo mundo, incluindo atletas e treinadores. Em ano Olímpico, o foco é total para o evento, então, cada dia de treino conta. Se os atletas estão preocupados com outras questões ou limitados, fisicamente, para realizar os treinos, isso acaba prejudicando o desempenho final. O que afetaria muito os jogos neste ano, principalmente considerando a condição de algumas potências, como a Itália e a Espanha", explicou Castro, que foi duas vezes finalista dos Jogos Olímpicos, em 2004 (Atenas) e 2016 (Rio de Janeiro).

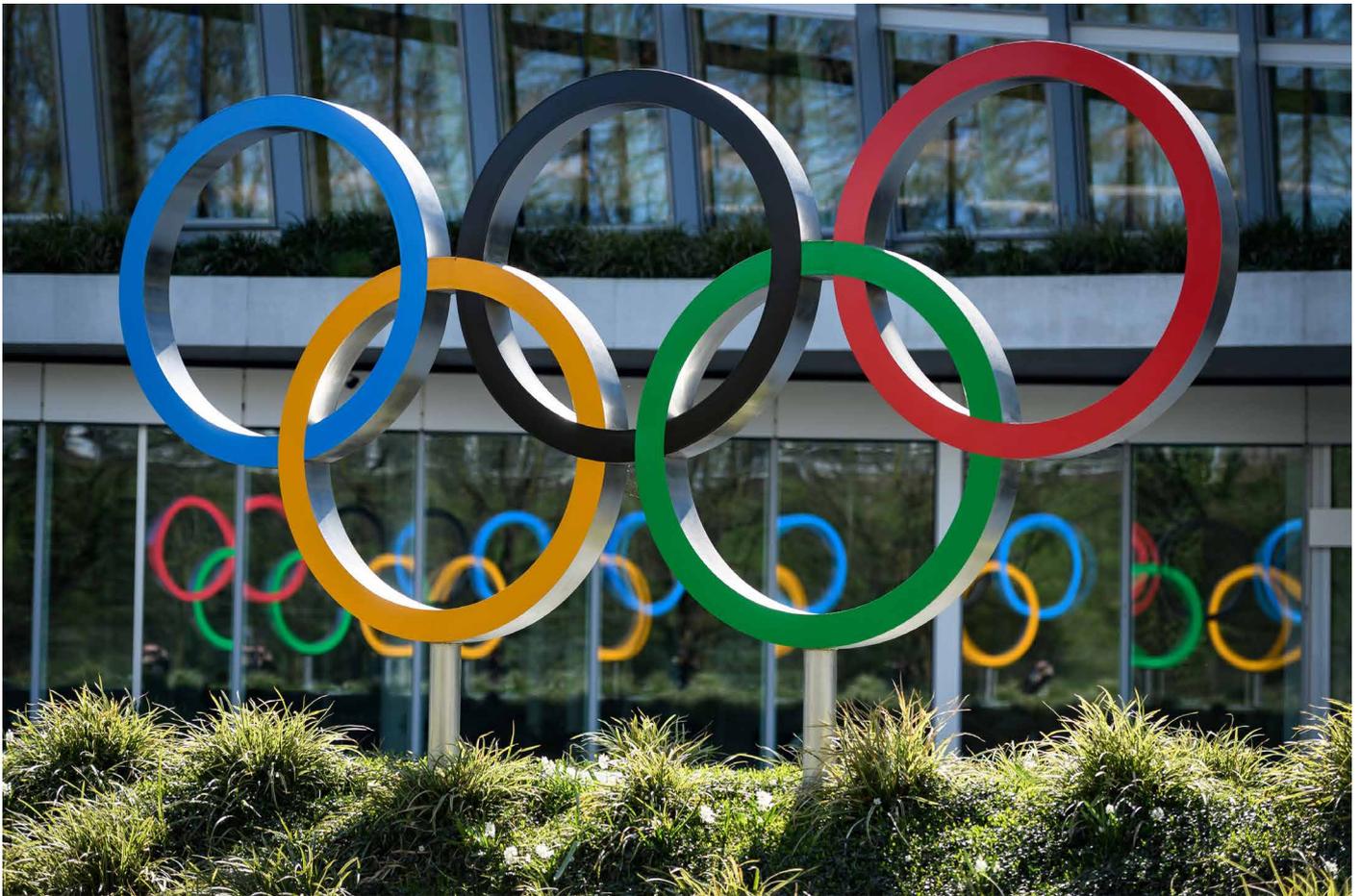
No final de março, o Comitê Olímpico Internacional (COI) divulgou a mudança no calendário dos jogos, que ocorreriam entre 24 de julho e 9 de agosto e 25 de agosto e 6 de setembro (Paralímpicos) deste ano. O compromisso com as Olimpíadas de

Tóquio será, agora, de 23 de julho a 8 de agosto de 2021. E as Paralimpíadas, por deliberação do Comitê Paralímpico, foram agendadas para o intervalo de 24 de agosto a 9 de setembro do ano que vem.

A decisão foi tomada após uma série de avaliações e discussões envolvendo o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Thomas Bach, e dirigentes das federações esportivas e de comitês nacionais. A nova data cumpre a promessa do COI de que os Jogos seriam realizados até o verão de 2021.

"Se fosse o meu caso, se eu fosse um atleta das Olimpíadas em 2020, eu ficaria muito feliz com a decisão por não ser obrigado a treinar em casa ou de qualquer jeito. Poderia fazer uma manutenção da forma física, de forma mais tranquila. E isso é o que deve ocorrer, dentro da possibilidade de cada atleta. Quando todos voltarem, estarão focados lá na frente, com tempo correto de treino e preparação. Ganha também quem for assistir. Veremos os melhores atletas do mundo no auge da forma", acrescentou o professor.

A previsão era de que 11 mil atletas, de pelo menos 204 países, disputassem os Jogos de Tóquio, distribuídos por 33 modalidades esportivas. Se não bastasse esse contingente de pessoas,



Jogos Olímpicos - Divulgação

o COI e o Comitê Organizador do Japão estimavam que as provas recebessem até cinco milhões de espectadores de todo o mundo, nos 43 locais de disputas.

### Doping

Segundo César Castro, a ocasião deverá beneficiar também aqueles atletas que estavam suspensos por doping. Pelo Brasil, estão de fora das Olimpíadas de Tóquio, por exemplo, a judoca Rafaela Silva, punida até agosto de 2021. A atleta pode conseguir, graças ao adiamento e ao recurso aplicado à Corte Arbitral do Esporte, defender o país, ano que vem. Outro caso importante é o da tenista Beatriz Haddad Maia, que voltou aos treinos semana passada e cumpre gancho por doping até 22 de maio. Andressa de Moraes, medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos de Lima e ouro no Troféu Brasil no lançamento de disco, que está suspensa por doping até setembro, e Douglas Brose, afastado por outro motivo, uma lesão grave no tendão de Aquiles, em 2018, também são promessas de medalha que serão ajudados pela mudança das datas.

"Esses atletas muito provavelmente poderão competir em 2021, então para eles foi o máximo. Cumprirão a pena e/ou se recuperarão e poderão competir. Agora, avaliando de outro ângulo, para os atletas mais velhos, que estão no limite da dor, do psicológico, que passaram por todo o stress de preparação, dedicando a vida a isso, com competições, treinos e etc., um ano pode significar o contrário, pode ser muito, com muito mais desgaste", concluiu o treinador de Saltos.

## Atletas retomam treinamentos

No início de maio, decreto editado pelo prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior (PSDB) autorizou a reabertura dos clubes sociais "para o condicionamento físico dos respectivos atletas profissionais contratados, observado distanciamento mínimo de 2 metros entre os mesmos, sendo vedado, em qualquer caso, contato físico ou aglomerações". A determinação foi, posteriormente, reforçada por decreto publicado pelo governador do Estado, Eduardo Leite (PSDB). O texto orienta que quaisquer atividades que ocorram nas entidades devem ser realizadas apenas com 25% dos trabalhadores.

Na capital gaúcha, atletas da seleção brasileira de Judô, que fazem parte da equipe Sogipa, a exemplo dos medalhistas olímpicos Mayra Aguiar, Ketlelyn Quadros e Felipe Kitadai, além de nomes como Maria Portela e Daniel Cargnin, voltaram aos treinamentos, antes de a própria Confederação Brasileira de Judô (CBJ) definir protocolos. O problema é que o retorno antecipado aos treinos super expõe atletas de equipes olímpicas ao coronavírus, segundo, César Castro. Para o ex-atleta, os treinos em alta intensidade cansam os atletas e diminuem a imunidade dos esportistas, independente do contato com os demais, durante as sessões.

“Como ex-atleta de alto rendimento eu sei que atingimos limites muito distantes, chegamos perto do overtraining, isso nos deixa exaustos, com imunidade baixa e mais expostos à covid-19”, explicou o docente. “Imagina ainda sofrer um acidente e precisar ir a um hospital. Ter uma torção, precisar de uma cirurgia... Eles ficam mais expostos”, ponderou César Castro.

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) ainda não construiu ou não divulgou nenhuma estratégia de ações para a retomada dos treinos. Além disso, os atletas que estão retornando, no Sul do País, não foram testados a respeito de uma possível infecção do coronavírus. “Eu acredito que seria melhor esperar pelas

definições protocolares e por uma visão mais clara de todo o problema que estamos vivendo. Ainda há algumas questões que precisam ser discutidas para a segurança dos atletas”, ponderou César Castro.

Estima-se que mais de 60% dos casos de transmissão da Covid-19 sejam provocados pelos assintomáticos. E vale destacar que Porto Alegre é considerado uma região de “bandeira laranja”, em critério criado pelo próprio governo do Rio Grande do Sul. Significa que a região está com um dos dois cenários: média capacidade do sistema de saúde e baixa propagação do vírus ou alta capacidade do sistema de saúde e média propagação do vírus. Por isso, não seria permitido, até então, as atividades em clubes esportivos, profissionais ou não.

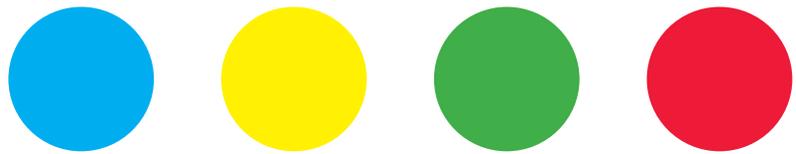
“Muita coisa poderia estar sendo feita, antes do retorno aos treinos técnicos, expondo os atletas. E não só protocolarmente. Os esportistas podem cuidar da parte física, da alimentação, e deixar um pouco a parte técnica de lado, no momento. Eu trabalharia nessa linha. O momento é de calma, ser um pouco mais conservador. E quando tudo se acalmar, quando tivermos protocolos nos clubes, no COI, nas Federações e Confederações, aí damos esse passo à frente. Voltar agora pode significar mais malefícios do que benefícios”, concluiu.



COB - Divulgação



# CONFSSIONAL



Aconselhamento  
Reflexões  
Fé

# Precisamos falar sobre suicídio

Pastor presbiteriano Hernandes Dias Lopes defende que se discuta mais sobre depressão e suicídio na escola, no trabalho e na Igreja e que o ato e suas tendências sejam tratados, preventivamente, como uma doença

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
23/01/2020



O novo padrão de vida das crianças e adolescentes, completamente imersos no ambiente digital, conectados a toda sorte de informações disponíveis na grande rede, os deixa vulneráveis em relação à depressão e mais próximos das tendências suicidas. “A internet tem coisas boas e muitas coisas ruins. Sem orientação, eles podem acabar indo para o lado sombrio, perverso”. A reflexão e a fala são do Reverendo Hernandes Dias Lopes, conferencista com mais de 144 livros publicados, membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil, titular da Pri-

meira Igreja Presbiteriana de Vitória e diretor executivo da Luz para o Caminho.

O pastor presbiteriano esteve no Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional, em janeiro, para participar da Jornada Pedagógica. Na ocasião, palestrou para os docentes sobre o tema “Não desista de você” e ao final conversou com a BSB-Mack Notícias sobre Suicídio. Acompanhe, abaixo, a entrevista na íntegra.

### Por que o Suicídio ainda é um tema polêmico?

Eu acho que a política para lidar com o tema está errada. Essa ideia de que eu não devo falar sobre suicídio é um equívoco. Pior do que a verdade, sendo tratada abertamente, de forma esclarecida, para se lidar com isso de forma preventiva, profilática, é manter o assunto na sombra, na escuridão, longe da sociedade a dureza desse fato. A ponto de a cada 10 suicídios apenas um ser anunciado como tal. A sociedade não tem noção da gravidade do problema. Se ela não tem noção da gravidade do problema, não toma medida preventiva nenhuma. O Japão, que tem o maior índice de suicídio do mundo, hoje, lida de forma diferente. Hoje, no país, se trata de suicídio como se trata das doenças cardiovasculares, preventivamente, como se trata da AIDS, ou de outras doenças contagiosas.

### Por que?

Porque a única maneira de você frear essa tendência é esclarecer a população. Quais são as causas, os mitos, como que se lida com isso, como é que se resolve isso, como ajudar uma pessoa com tendências suicidas. Eu acho que essa é a discussão que a sociedade precisa fazer, que os órgãos precisam fazer, que as entidades precisam fazer, assim como as famílias, a igreja, a escola precisa fazer. É preciso criar mecanismos de ajuda e socorro através de organizações que lidem com isso. De aconselhamento, de acompanhamento. Então, a sociedade precisa de uma série de ações conjuntas para lidar de forma mais eficaz.

### O suicídio é uma fuga ou um enfrentamento?

Pode variar. Tem gente que acha que enfrenta o problema eliminando o problema na cabeça dele, dando fim ao sofrimento, pulando no abismo da morte. Na cabeça da pessoa, numa lógica falha, ela está resolvendo o problema. Porém, não é assim. Primeiro, porque ele acha que morreu e acabou. Mas, não é assim. Nós somos cristãos, acreditamos na vida após a morte, e que o homem terá que prestar contas da sua vida a Deus.

Acreditamos em "benventurança" eterna e condenação eterna.

Segundo, é que é um ato covarde. Porque ela está lidando com o assunto de maneira egoísta, sem levar em conta que ela não é uma ilha. Ela pertence a uma família, a uma igreja, a uma sociedade. A pessoa não pode dar cabo da sua vida sem machucar outras ao seu redor.

Terceiro, ela está tendo uma visão pessimista demais da vida, dizendo que não há saída, não há solução. Ato de incredulidade. Tem solução, sim. Podemos ter chegado ao fim da nossa linha. Mas, quando os nossos recursos se esgotam, os recursos de Deus estão prontos para nos socorrer, para nos livrar e para fazer as coisas darem certo.

### A depressão é um tabu na comunidade evangélica, por que?

É um tabu porque não há uma plena compreensão, no campo evangélico, no mundo evangélico, cristão, do que é depressão. Há pregadores pentecostais e neopentecostais que dizem que a depressão é demônio. Ou, em uma linha mais conservadora, dizem que a depressão é um pecado. A depressão é uma doença. E por ser uma doença, ela pode atingir pessoas em todos os estágios, todos os estados sociais, todas as faixas etárias e todos os credos religiosos. Pastor, missionário, um homem e uma mulher crente. Um jovem crente pode ter uma depressão. Não tem nada a ver com a relação com Deus. É uma doença que precisa de tratamento. E trata-se como? Com remédios, terapia e fé.

### Estamos mais tecnológicos, os jovens estão mais imersos nos ambientes digitais. Isso os coloca em uma posição de mais vulnerabilidade em relação à depressão?

Ficam mais vulneráveis porque a sociedade deixou de tratar desse tema como tabu e está tratando do assunto com vulgaridade. Falam da morte de forma banal, não se chocam mais. As pessoas não ficam mais perplexas. Então, quando a sociedade

vai se acostumando com o suicídio, a ponto de não ficar mais perplexo, acaba passando para outro problema, está faltando reflexão, entendimento, diagnóstico. Está faltando entender as causas, as consequências, da prevenção, dos mitos que estão por trás. A sociedade precisa olhar esse assunto de forma crítica, diante do diagnóstico, para que possa ajudar esses jovens que estão mergulhados nesse mundo tecnológico, nas redes sociais, que tem coisas boas, mas que tem muita coisa perversa. Se você quiser entrar por esse caminho, por esse corredor escuro, vão ter grupos de incentivo ao suicídio, vão ter jogos vorazes, nos quais as pessoas entram em determinados acordos e quem perder... Perde a vida. Então, tudo isso precisa ser esclarecido, para que as pessoas não entrem mais por esse corredor escuro.

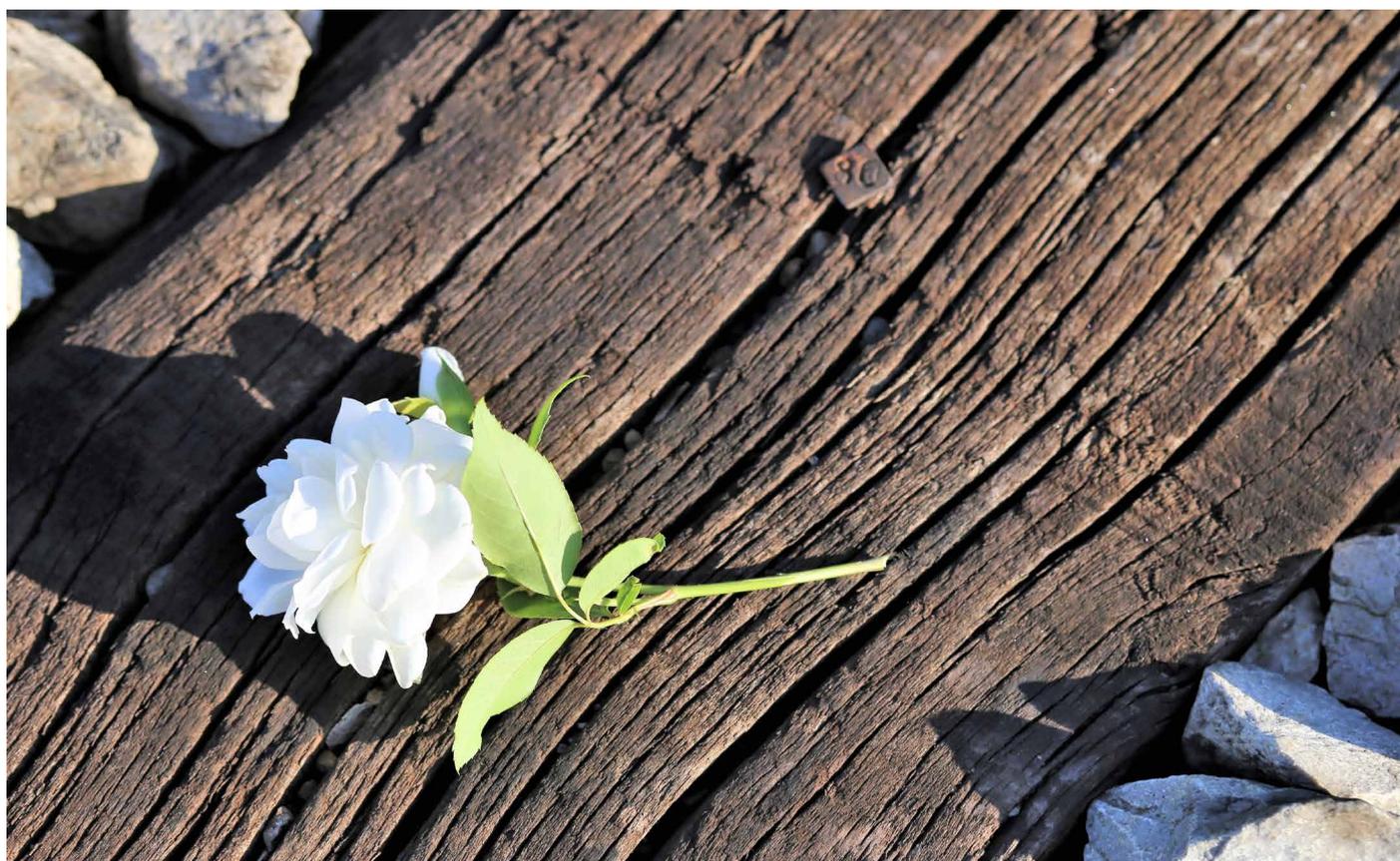
**E entre os adultos? Hoje temos mais pressão, mais carga de trabalho, mais responsabilidades, compromissos... Estamos mais vulneráveis pelas cobranças?**

Sim. O ser humano tem um limite. E se você coloca uma sobrecarga sobre ele, ele levanta de madrugada, trabalha três turnos por dia, vai dormir tarde, as pressões de casa, as pressões de

fora, as pressões da sociedade, o mundo com muitas violências... Ele vai se desencantando e se não tiver pilares de fé para sustentar a vida, entra em um colapso emocional, em um desespero moral, chegando a tirar a própria vida.

**O que se pode fazer, diante disso? Como uma pessoa ou uma instituição podem se aproximar e tentar ajudar uma pessoa com depressão e combater o suicídio?**

Eu acho que, primeiramente, temos que fazer mais o que fizemos no Colégio, na Semana Pedagógica. Temos que falar mais do assunto. Com clareza, sem reservas, sem véu. Expor o assunto, esclarecê-lo. Quando a sociedade tiver clareza, as escolas, a grande mídia, as universidades, as igrejas, as instituições públicas lidarem com clareza, sem o viés ideológico, sem o viés das filosofias humanistas, mas olhando o ser humano como um ser criado à imagem e semelhança de Deus, que precisa valorizar a vida e que Deus é o autor da vida e só ele tem autoridade pra tirar a vida, quando a gente passa essa compreensão do que é o ser humano, da perspectiva divina... Acho que nós vamos ajudar a sociedade a lidar com isso e lidar vitoriosamente.





# A confiança no ambiente de trabalho

A saúde das empresas está diretamente conectada à credibilidade entre os funcionários e o investimento feito nos recursos humanos.

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
24/01/2020

A construção de relações de confiança entre funcionários de uma empresa é fundamental para a saúde da instituição. É o que concluiu o Reverendo Ricardo Barbosa, teólogo, pastor da Igreja Presbiteriana do Planalto, há 38 anos, e autor de vários livros, como “Janelas para a Vida” e “O Caminho do Coração”. Conforme destaca o Reverendo, as melhores empresas para trabalhar, no mundo, são aquelas que desenvolvem a liberdade entre os trabalhadores e a instituição. “Oferecendo flexibilidade para criar, correr riscos e construir algo que seja bom para as pessoas, para o ambiente de trabalho e para a empresa. Isso é fundamental para a saúde dos negócios”, explicou.

nada Pedagógica do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília Internacional (CPMB), que ocorreu no final de janeiro, antes do período de excepcionalidade instalado em decorrência do alastramento da Covid-19. Na ocasião, bem como ao longo da conversa apresentada a seguir, o pastor frisou também a necessidade de investimento nos recursos humanos das empresas, afirmando ser tão essencial o bem-estar dos servidores quanto o são o desenvolvimento tecnológico e o aumento da produtividade. “Mas todos os lados têm papel importante nessa relação. As responsabilidades se dividem entre a empresa e os funcionários para a promoção de um local de trabalho saudável”, acrescentou.

O Reverendo Ricardo Barbosa foi um dos palestrantes da Jor-

Confira a íntegra da entrevista:

### Como fazer para construir confiança entre pessoas tão diferentes?

O que eu percebo, hoje, em muitas instituições, inclusive em igrejas, é que o investimento maior sempre é feito em tecnologia, produtividade, eficiência... Mas não em pessoas. Esse investimento se dá treinando, capacitando, ajudando-as a lidar melhor com as ferramentas tecnológicas e etc., mas não na dimensão do sentimento, daquilo que envolve relacionamentos e a construção deles. Portanto, antes de chamar profissionais das áreas da psicologia ou consultores, a instituição precisa entender que essas pessoas, para terem confiança e liberdade, precisam construir relacionamentos começando com a direção, envolvendo diretores, coordenadores, chefes de área, de departamento e etc., que podem começar trabalhando com a capacidade de ouvir, compreender e fazer com que os outros se sintam confortáveis.

Na medida em que essa cadeia vai aumentando, as pessoas vão se sentindo seguras, vão acreditando mais no seu potencial, percebendo que é possível se aventurar em novas propostas, novos projetos, sabendo que elas serão ouvidas e valorizadas. Pode ser que um projeto ou outro não seja aceito, mas isso não será um problema. O importante é que as pessoas vão se sentir mais seguras, sabendo que há espaço para criar e ousar. O ideal é que no começo as pessoas com cargos maiores, com poder de decisão, sejam as pessoas que mais se identificam com os mais vulneráveis nessa estrutura, para que eles cresçam.

Não preciso me preocupar se sou diretor, coordenador ou ocupo qualquer outro cargo. Eu preciso que aquela pessoa que se reporta a mim tenha capacidade para acreditar no próprio potencial, na sua capacidade inovadora e transformadora. Se isso acontece, a empresa ganha, a equipe ganha e a sociedade de um modo geral ganha.

### E qual o papel dos funcionários nisso?

Eu acho que é a mesma coisa. Em qualquer instituição, temos que lidar com uma série de fatores que não são sistematizados. Em qualquer empresa existem vários tipos de conflitos e tensões humanas que não podem ser negligenciadas. São profissionais que trazem para o ambiente de trabalho seus conflitos pessoais, familiares, financeiros, saúde e por aí vai. O que se espera do profissional no ambiente de trabalho é que ele cumpra suas obrigações, seja produtivo, trate bem seus colegas, etc. Porém, sabemos que todos estes conflitos pessoais, além dos profissionais, interferem nos relacionamentos e na cadeia de produção e a instituição não tem a responsabilidade de resolvê-los e isso traz muitos prejuízos pra pessoa e pra instituição.

Então, acho que entre os funcionários é importante criar condições para que aprendam a ouvir uns aos outros. Pense em um Colégio como esse e todas as demandas emocionais que envolvem alunos, professores, coordenadores, direção que precisam ser ouvidos? É praticamente impossível. É claro que não é o objetivo de uma empresa resolver todos estes problemas e atender todas as demandas emocionais, mas é importante pensar em espaços para isso ser estimulado. Quando você cria um ethos, um ambiente adequado, você acaba produzindo isso.

### A confiança é uma moeda de troca, no ambiente de trabalho?

Sim. Na prática muitas vezes é usada como moeda de troca. A integridade é um capital importante em qualquer empresa. Muitos acreditam que com isso vão conquistar algo a mais. Mas quando alguém usa sua integridade para isto, ela se trai. Porque da mesma maneira que ela usa este capital para crescer na empresa, a empresa vai usá-la para seus propósitos e isso acaba criando uma relação viciada.

### O individualismo representa uma conquista social histórica, mas enfraquece as relações?

Sim. Eu sou pastor, meu mundo é eclesial, religioso, mas

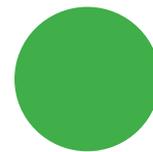
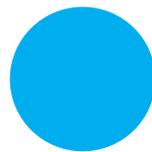
muitas pessoas que frequentam uma igreja não estabelecem nenhuma relação pessoal com ela, não existe uma relação de pertencimento a uma igreja. Então, enquanto essa igreja atende as demandas que eu busco nela, eu fico aqui. A partir do momento que eu não encontro mais o que eu quero, procuro outra igreja. A minha relação é comigo, ou seja, com as minhas demandas e necessidades. Se tenho filhos pequenos, busco uma

igreja que tem um bom programa pra crianças. No momento em que ela não me atende mais, vou procurar outra. Essa é a mentalidade de consumo, consumimos religião, educação, relacionamentos, é isso que o individualismo produz. O meu compromisso é comigo, quando muito, com minha família. Estou ali porque me interessa. Esse é o vínculo que as pessoas têm com qualquer instituição.





# D I C A S



Cultura  
Gastronomia  
Estudos  
Organização  
Agenda

# Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília lança Mack BSB Lives no Instagram

Programa irá ao ar todas as quarta-feiras, pela plataforma, reunindo professores, coordenadores, gestores e a capelania em conversas inteligentes sobre temas atuais e de relevância social.

Mackenzie Brasília  
Da Redação  
18/05/2020



Disseminar conhecimento e tecnologias, a partir de conferências e diálogos qualificados com professores e especialistas em diversas áreas, com ampla atuação no mercado. Esse é o objetivo central do novo programa de lives concebido pelo Mackenzie Brasília para o Instagram, o Mack BSB Lives. A atração semanal é exibida gratuitamente todas as quarta-feiras, às 19h, pelo perfil da oficial da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília ([@faculdademackenziebrasil](https://www.instagram.com/faculdademackenziebrasil)), reunindo dois convidados para uma conversa sobre temas relevantes para a atualidade.

“Entendemos como muito oportuna a criação de um espaço onde todos têm a oportunidade de refletir e tirar suas próprias conclusões, a partir do aguçamento do seu senso crítico, sem simplesmente internalizar informações pasteurizadas. As lives abordam temas atuais que estão presentes na agenda nacional e que são de interesse de professores, empresários e estudantes”, explicou o vice-diretor Acadêmico da FPMB, Domingos Spezia.

Professores, coordenadores, gestores e convidados especiais da FPMB assumirão lugar nas lives para levar ao público novos pontos de vistas sobre questões caras ao desenvolvimento social, político e econômico do País. A ordem é promover refle-

xões e conhecimento, com a responsabilidade e a excelência que sempre acompanham o Mackenzie. "O Mack BSB Lives trará informação e formação, unindo forças especialmente em um contexto de Pandemia, com especialistas de diferentes áreas. Posteriormente, serão ainda abordados temas diversos relacionados a Estratégias, Liderança, Construções em Tempos de Crise e outras temáticas relacionadas ao contexto atual", pontuou a assessora Didático-Pedagógica, Virgínia Aguiar.

O formato adotado, sempre com a presença de um moderador e um palestrante, permitirá manter o foco no assunto abordado e prender a atenção do participante por cerca de 50 minutos. Ao final das exposições, haverá um espaço para interação com o público. Os espectadores poderão enviar mensagens e perguntas, o que os incluirá diretamente nas discussões propostas pelo programa. "A ideia é oferecer à comunidade acadêmica da FPMB e à sociedade a possibilidade de assistir exposições de especialistas de diferentes áreas e um moderador professor da FPMB. Vários dos especialistas convidados também fazem parte do corpo docente, especialmente da pós-graduação, o que permitirá que a sociedade conheça as propostas de cursos e o corpo docente da FPMB", acrescentou a coordenadora de Pós-Graduação e Extensão Júlia Ximenes.

# Dicas de livros para ler durante a quarentena

Professora do Mackenzie favorita leituras que abordam inovação, cultura e consciência social

Mackenzie São Paulo  
Da Redação

Durante esse período de isolamento social, muitas pessoas têm descoberto novos hobbies, resgatado hábitos, gabaritando todas as séries e devorando os livros da estante... E por falar em literatura, nesta semana, no dia 23 de abril, foi comemorado o Dia Mundial do Livro e dos Direitos Autorais, que tem como maior objetivo incentivar o hábito a leitura, além de homenagear os grandes autores da história.

Pensando nisso, nesta nova edição do #FavoriteiMackenzie, convidamos Valéria Martins, professora dos cursos de Jornalismo, Letras e Publicidade e Propaganda do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), para fazer uma lista com quatro livros imperdíveis para ler durante a quarentena.

A lista abrange temas como cultura, inovação, marketing digital, consciência social e sustentabilidade. Confira as indicações:

## 1. De onde vêm as boas ideias, de Steven Johnson

“Esse é o primeiro livro que indico porque creio que o momento pelo qual passamos tem total relação com a temática abordada por esta obra. As boas ideias, muitas vezes, surgem nas crises. Steven Johnson, formado em Semiótica pela Universidade Brown e em Literatura Inglesa pela Universidade Columbia, leva o leitor para uma reflexão sobre como surgem as boas ideias e sobre os ambientes em que elas nascem. Além de nos fazer refletir sobre diversas descobertas ao longo da história da humanidade, ele expõe determinados padrões dos processos que

geram inovações. É curioso e gosta de inovar? Comece esta leitura hoje mesmo!”.

## 2. Marketing 4.0: do tradicional ao digital, de Philip Kotler, Hermawan Kartajaya e Iwan Setiawan

“Quem estuda marketing, em algum momento da vida, conhece o Kotler e este livro só fez aumentar minha admiração pelos estudos desse autor que, nessa obra, pôde dialogar com outros dois autores. Aqui são retratadas as transformações do marketing tradicional para o digital. Além de, evidentemente, abordar a conectividade que alterou o dia a dia de quase todos nós, a obra busca levar o leitor a compreender as escolhas dos consumidores na era digital e a refletir sobre novas práticas de marketing. Uma parte muito envolvente da leitura retrata os cinco caminhos do consumidor, chamados pelos autores de os 5 As: assimilação, atração, arguição, ação e apologia. Se o objetivo de alguém é buscar formas de atingir melhor seu público-alvo no mundo atual, essa leitura tem de ser feita”.

## 3. Minha história, de Michelle Obama

“Ouço com frequência, de muitos alunos, que eles buscam na graduação a chance de conseguir uma condição de vida melhor para si e para sua família. Esses alunos ainda me explicam, quase que com o coração na mão, que o desejo deles seria um mundo em que mudanças sociais pudessem ofertar a todos os indivíduos as mesmas oportunidades. Esta autobiografia leva o leitor a refletir sobre essas questões quase que durante toda a

narrativa e ainda faz com que o leitor se sinta próximo de uma mulher forte, cativante e competente. Gosta de biografias inspiradoras? Não perca esta dica”.

#### 4. Moda com propósito: manifesto pela grande virada, de André Carvalho

“Em minhas aulas, na disciplina de Moda, refletimos quase que semanalmente sobre a necessidade de mudarmos nossos hábi-

tos de consumo em relação aos bens materiais do universo da moda. Quantidade não é mais a palavra da moda, mas sim necessidade. Comprar algo não nos deixará felizes para sempre. Além disso, a indústria têxtil é uma das maiores responsáveis por poluir o mundo. Se você quer refletir sobre moda, sustentabilidade, consciência social, cultura e economia criativa, Moda com propósito é a minha indicação. A moda precisa de verdadeiros propósitos e neste livro você encontrará vários”.



# Cinco receitas saudáveis para fazer na quarentena



Descubra pratos de diferentes culinárias que podem render uma boa refeição em casa

Mackenzie São Paulo  
Da Redação

A cozinha tem sido uma das dependências da casa mais frequentadas pelas famílias no período de isolamento social, que usaram a criatividade como ingrediente principal no preparo de pratos. Pensando nisso, a primeira edição do #VamosJuntos conversou com a coordenadora do curso de Tecnologia em Gastronomia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Camila Landi, que indicou receitas saudáveis e saborosas para suas próximas refeições em casa e, ainda, deu dicas para aproveitar o tempo na cozinha.

“A melhor comida é aquela preparada com prazer, carinho e alegria”, disse Camila. Por isso, estabeleça uma lista de compras com diferentes opções para criar novas receitas, dê preferência para ingredientes naturais e com sabor marcante, busque o equilíbrio de nutrientes na ingestão dos alimentos, assista lives de gastronomia para pegar dicas e a partir delas produzir sua própria receita e, por fim, em cada refeição, monte a mesa, decore o ambiente e desfrute o momento.

## Creme de legumes com couve

### Ingredientes

1 xícara de abóbora cabotiá em cubos  
1 xícara de cenoura em cubos  
1 xícara de batata em cubos  
1 xícara de abobrinha em cubos  
½ xícara de cebola em cubos  
4 dentes de alho  
1 colher de sopa de manteiga ou azeite  
¼ de talo de salsão  
1/3 de xícara de alho poró  
500ml de água  
30ml de creme de leite  
Sal e pimenta-do-reino a gosto  
Couve fatiada a gosto (reserve para o final)

### Modo de Preparo

Corte em pequenos pedaços todos os ingredientes. Leve para assar em uma assadeira coberta com papel alumínio com lâminas de manteiga, ou azeite, por cima. Tempere com sal e pimenta. Deixe em forno médio até que amoleça. Retire do forno e processe todos os ingredientes, ou bata no liquidificador. Acrescente um pouco de água sempre que necessário. Em uma panela, coloque seu purê, e acrescente água até que chegue na consistência desejada de sopa purê. Finalize com o creme de leite. Dessa forma, sua sopa se torna uma “sopa creme”. Ao servir, aqueça a sopa e coloque a couve fatiada por cima.

Dica: A sopa pode ser adaptada com os legumes que tiver em casa, lembrando de combinar seus sabores prediletos com o cuidado para serem legumes com pouca quantidade de água.

## Frango em Adobo

### Ingredientes

3 dentes de alho picados  
150ml de caldo de ave

2 folhas de louro

Grãos de coentro (se tiver)

Grãos de pimenta preta ou branca

1 colher de sopa de molho de soja

1kg de coxas e sobrecoxas de frango sem pele, desossada em cubos

Óleo para refogar

150g de arroz basmati

### Modo de Preparo

Em um bowl (aquelas tigelas redondas, sabe?) misture alho, vinagre, caldo de ave, folhas de louro, grãos de coentro, pimenta preta e o molho de soja. Junte os pedaços de frango nessa marinada e deixe sob refrigeração por 1 hora. Posteriormente, leve-a coberta para cocção em fogo brando por cerca de 30 minutos. Assim que o frango estiver macio, retire e reserve. Deixe o fundo reduzir por mais 10 minutos. Aqueça o óleo numa caçarola e frite os pedaços de frango para que fiquem dourados. Despeje o líquido da marinada e sirva com o arroz (apenas cozido com água e tempero a gosto).

Dica: Inspirado na culinária filipina e espanhola, os pratos de Adobo podem ser feitos com cubos de pescados, carne de porco ou frango bem selados com um sabor picante de alho e vinagre. O “toque tradicional” geralmente é acrescentar leite de coco para espessar.

## Massa com verduras e legumes

### Ingredientes

½ unid abobrinha italiana

½ unid de berinjela

1/3 de pimentão vermelho

4 tomates em cubos sem pele e sementes

Manjeriço em folhas inteiras

Caldo de legumes

50g de queijo ralado (pecorino ou parmesão)

1 gomo de linguiça toscana

2 colheres de sopa de ervilhas verdes  
 Azeite de oliva, sal e pimenta-do-reino a gosto  
 150g de massa a gosto (sugestão: Pappardelle)

### Modo de Preparo

Corte em cubos pequenos a berinjela, abobrinha, pimentão vermelho e o tomate, reserve. Cozinhe as ervilhas em água fervente, reserve. Salteie os legumes separadamente, iniciando pelo pimentão, em azeite de oliva. Na mesma sauteuse, deglancear com caldo de legumes. Salteie a linguiça e, posteriormente, pique na faca até moer bem.

Junte todos os legumes, as ervilhas, a linguiça moída e os tomates em cubos em uma mesma sauteuse. Cozinhe a massa al dente e salteie com os legumes e linguiça. Utilize um pouco da água de cozimento da massa e azeite de oliva para finalizar o molho. Adicione o queijo ralado para incorporá-lo ao molho. Ao servir, acrescente as folhas inteiras de manjeriço

Dica: Típico prato da culinária toscana (Itália), a massa pode ser adaptada com os legumes que tiver em casa. Uma boa opção para adaptar às proteínas como carne bovina, suína, pescado ou ave.

### Salada de grão de bico com espinafre

#### Ingredientes

3 colheres de sopa de azeite de Oliva  
 1 cebola picada 1 dente de alho picado  
 800g de grão de bico cozido (al dente)  
 500g de espinafre higienizado  
 2 unidades de tomate em tiras  
 Sal e pimenta-do-reino a gosto

### Modo de Preparo

Aqueça o azeite em fogo médio e faça um refogado com cebola e alho. Retire o refogado. Acrescente mais um fio de azeite,

refogue o grão de bico e as folhas de espinafre. Acerte o tempero (acrescentando especiarias a gosto), coloque os tomates e sirva.

Dica: Você pode substituir o grão de bico por outra leguminosa, como feijão, ervilha ou lentilha. Verduras como chicória, escarola ou rúcula também são opções. Caso queira, pode acrescentar atum ralado em lata.

### Picadinho de carne com legumes

#### Ingredientes

500g de carne bovina (alcatra, coxão mole, patinho) em cubos  
 2 e ½ colheres de sopa de azeite de Oliva  
 ½ unid de cebola média  
 ½ unid de cenoura grande em cubos  
 ½ unid de brócolis ninja em pequenos buquês  
 1/3 de couve-flor em pequenos buquês  
 Ervas frescas picadas a gosto  
 Sal e pimenta do reino a gosto

### Modo de Preparo

Tempere os cubos de carne com sal. Aqueça uma panela, em fogo médio, com o azeite doure a carne. Adicione cebola, cenoura, brócolis e couve-flor e refogue por cerca de 15 minutos, ou até que fiquem macios. Pingue água, se necessário. Acrescente as ervas, acerte o tempero, e sirva acompanhado de arroz ou batatas cozidas.

Dica: Um dos clássicos da cozinha brasileira, importante se atentar ao tempo de cozimento de cada legume.



# Dicas para manter a organização financeira em meio à crise do coronavírus

Pandemia deve provocar grave crise econômica e agora é um bom momento para se resguardar

Mackenzie São Paulo  
Da Redação



As consequências da pandemia da covid-19 abalaram o âmbito econômico de diversos países, inclusive o Brasil. Comércio e serviços fechados, viagens e eventos cancelados. De acordo com o coordenador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (CMLE) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Vladimir Maciel, com as medidas de restrição adotadas e a paralisação de grande parte da atividade econômica, haverá uma profunda recessão.

“O desemprego atingirá recordes nunca alcançados. Portanto, é bom se preparar para um ano e meio a dois anos de dificuldades econômico-financeiras - esse é o tempo esperado para a economia brasileira se recuperar se não houver um segundo surto da doença ou outro choque econômico, político ou social”, afirma. Pensando nestas dificuldades futuras, o professor Maciel separou nove dicas financeiras para enfrentar a crise do novo coronavírus. Confira a seguir:

## 1. Cortar despesas supérfluas

“Não é hora de desperdiçar. O desemprego está elevado, salários foram cortados, fontes extras de remuneração serão cortadas. Toda economia é pouco. Foco no essencial”.

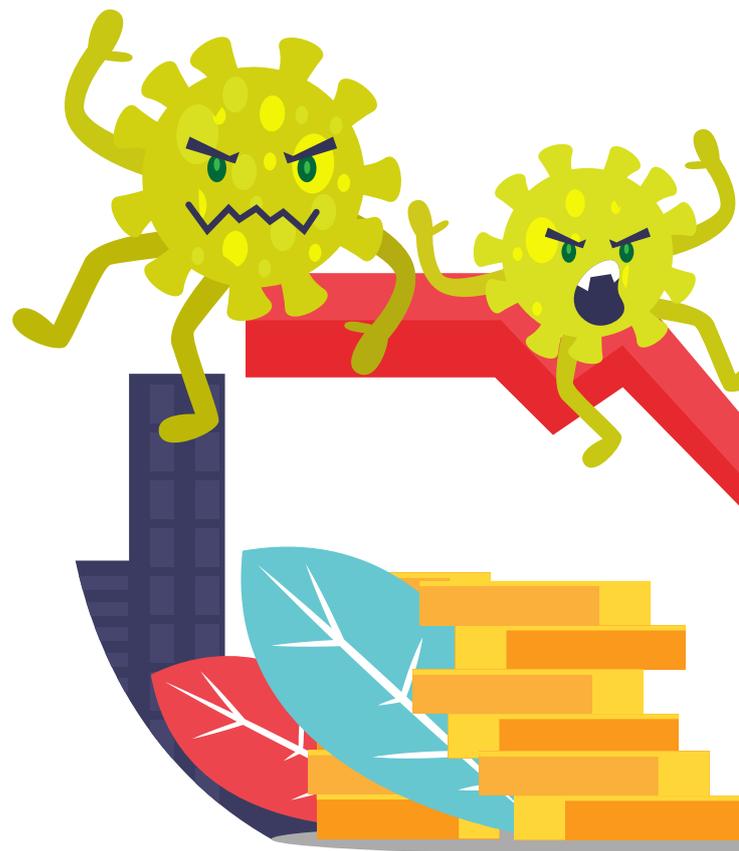
## 2. Renegociar dívidas (prazos e taxas de juros)

“Se você tem passivos é melhor renegociar o prazo e a taxa de

juros (aumentando o prazo, às vezes com carência, e reduzindo a taxa de juros contratada). Muitos bancos já estão oferecendo essas opções nos canais de autoatendimento”.

## 3. Realizar compras de supermercado em atacados ou “atacarejos”

“Ainda como forma de economizar, os atacados e ‘atacarejos’ são boas opções, pois o preço unitário de muitas mercadorias



se reduz se comprada em maior quantidade. A falta de variedade de marcas e itens é compensada por preços menores”.

#### 4. Ajustar os hábitos de consumo para mercadorias e serviços mais baratos

“Uma das formas de economizar é viver uma vida mais simples e um padrão de consumo mais modesto, trocando produtos e serviços de marcas famosas ou de primeira linha por similares de menor preço”.

#### 5. Manter uma reserva de dinheiro em conta corrente para emergências (como as de saúde)

“Ter uma reserva para emergência é uma saída para se precaver quanto ao imprevisto e conseguir lidar com o inesperado, mesmo em tempos de crise”.

#### 6. Evitar despesas em moeda estrangeira (como compras e viagens ao exterior)

“A taxa de câmbio disparou desde o começo do ano e se agravou com a covid-19 e a instabilidade política. Dólar, euro e ou-

tras moedas ficaram muito caras. Produtos importados e viagens internacionais ficaram com preços proibitivos”.

#### 7. Checar a taxa de retorno dos fundos de renda fixa e resgatar; preferir manter o dinheiro em conta corrente, se os retornos estiverem negativos

“Desde o ano passado, as taxas de juros estão caindo. Hoje a taxa básica (Taxa SELIC) é a menor da história: 3,75% ao ano. O Banco Central, em função da crise atual, pode reduzir ainda mais os juros. Assim, fundos de renda fixa passaram a ter rendimentos negativos. Como, tão cedo, não haverá aumento da taxa de juros, o melhor a fazer é sacar o dinheiro e procurar outra alternativa ou mesmo deixar momentaneamente parado em conta corrente”.

#### 8. Se tiver aplicações em ações ou fundos de ações que perderam valor não desaplicar agora, pois realizará o prejuízo

“O mercado acionário “derreteu” por conta da pandemia e da instabilidade política do país. O valor das ações despencou. Se você comprou uma ação por um preço maior do que está hoje e não precisa de dinheiro vivo no momento: evite de vender... espere o preço subir, mesmo que demore um tempo. Se vender a ação agora, você realizará prejuízo”.

9. Se tiver recursos em grande quantia e não precisar de liquidez imediata, o momento é de compra de ativos (ações, imóveis etc.) pois estarão baratos e poderão render positivamente no médio prazo. Mas não coloque toda sua riqueza num único tipo de ativo. Diversifique.

“Por fim, como os preços de ações, terrenos, construções e outros ativos se desvalorizam muito com a crise, eles estão baratos. Se você tiver recursos e não precisar utilizá-los no curto prazo, a melhor sugestão é comprar esses ativos e ganhar com sua valorização no médio prazo”.



# Tirinhas



Revista BSBMack  
2019-2020



